

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós- graduação

Mestrado em História

Raquel Inês Zuglianello Sawoff

O OLHAR DOS CRONISTAS NO JORNAL DA SERRA,  
DE CARAZINHO-RS: "RESPINGOS" E "COUSAS DA  
CIDADE" (1930-1945)

Passo Fundo

2007



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Programa de Pós- graduação

Mestrado em História

Raquel Inês Zuglianello Sawoff

O OLHAR DOS CRONISTAS NO JORNAL DA SERRA,  
DE CARAZINHO-RS: "RESPINGOS" E "COUSAS DA  
CIDADE" (1930-1945)

Dissertação de Mestrado na área de História Regional, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Adelar Heinsfeld.

Passo Fundo

2007

À minha família.

## Agradecimentos

Chegou à hora de agradecer a todos que colaboraram para que a efetivação deste trabalho realmente acontecesse.

Primeiramente uma menção a todos os professores do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo, pela riqueza dos encontros nos trabalhos de cada disciplina. Permitindo-nos um crescimento humano que jamais esqueceremos.

Um agradecimento especial ao orientador desse trabalho Prof<sup>o</sup> Dr. Adelar Heinsfeld, pela amizade e companheirismo nos momentos de bastante indecisão.

Da mesma forma agradecemos a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Luiza Setti Reckziegel pelas indicações, que sem dúvida alguma, proporcionou uma melhora significativa nos resultados finais do trabalho.

Agradecemos de coração aos entrevistados, sra. Maria Aparecida Souza de Paiva, neta de Canuto, sr. Antônio Ferreira da Silva (sr. Camacho), sr. Américo Michelini, amigo de Canuto e sr. Romeu Barleze, amigo de Canuto e também afilhado de Alfredo D'Amore, pela gentileza de nos receber em suas residências, prestando-nos uma inestimável ajuda, no sentido de nos familiarizar-mos um pouco mais com os cronistas em foco neste presente estudo. Bem como, agradecemos a disponibilidade do sr. José Nevtton Vieira Sperry que contribuiu e nos ajudou a pensar um pouco mais sobre a fundação de Carazinho.

Uma palavra especial de agradecimento aos funcionários do Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo, pelas palavras de ajuda e incentivo nos momentos de tropeços e insegurança.

Agradecemos também aos familiares que nos acompanharam diretamente. Principalmente ao Luis e a Bia, dando-nos sustentação nas oscilações, acreditando na nossa vontade de sempre buscar.

*Não podemos aguardar que os tempos se modifiquem e nós nos modifiquemos junto, por uma revolução que chegue e nos leve em sua marcha. Nós mesmos somos o futuro, nós somos a revolução.*  
(Beatrice Bruteau)

## RESUMO

No presente estudo pretendemos, através das crônicas *Respingos*, de Canuto de Souza e *Cousas da Cidade*, de Afonso Pedro, do Jornal da Serra: Carazinho/RS, analisar a realidade local nas décadas de 30 e 40, buscando também compreender a mediação construída pelas crônicas, ambas criadas por Astério Canuto de Souza, ator político que usou de seu jornal como tribuna, ou seja, instrumento de legitimação de disputas e de poder. O período de recorte desse trabalho operou-se num contexto bastante conturbado, pois no âmbito local ocorreram agitações pré e pós emancipatórias e no nacional toda sorte de pressões e denunciamentos que caracterizaram o primeiro governo Vargas, enquanto no plano internacional acontecia a 2ª guerra mundial. Assim, tentemos compreender a interferência dessa estrutura político-social no cotidiano dos carazinhenses, levando em conta as tramas que se criaram, já que na localidade em estudo a presença da etnia alemã foi, desde o início de sua fundação, um traço bastante característico. Então, buscamos analisar como esse traço teuto foi compreendido por parte dos cronistas, considerando que, durante a década de 30, esse jornal foi o único a circular no município e que adotou uma resistência declarada à política localista, personalizada na pessoa de Albino Hillebrand, principalmente depois do racha entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha a partir de 1937.

Palavras-chave: Primeiro governo Vargas, imprensa, leitura, história regional.

## ABSTRACT

The aim of this study is to analyze, through the chronicles *Respingos*, by Canuto de Souza and *Cousas da Cidade*, by Afonso Pedro, published on *Jornal da Serra*: Carazinho/RS, the local reality of the 1930's and 1940's, while trying to understand the mediation constructed by such chronicles, both developed by Canuto, a political actor who used his newspaper as a tribune, i.e., an instrument to legitimate dispute and power. The study was focused on quite a troubled context as, within the local sphere, there was pre and post-emancipatory turmoil and, within the national sphere, there were all sorts of pressure and denounce that characterized the first Vargas government, while in the international sphere there was World War II. Thus, attempts were made so as to understand the interference of such socio-political structure upon the everyday life of people in Carazinho, taking into account the plots that were created, as in the region of the study the German ethnicity has been, since the beginning of its foundation, an important feature. Thus, attempts were made so as to analyze how that trait was understood by both writers, considering that, in the 1930's, the *Jornal da Serra* was the only newspaper in the city showing open resistance to the local politics, represented by Albino Hillebrand, particularly following the disagreements between Getúlio Vargas and Flores da Cunha after 1937.

Key words: First Vargas government, press, reading, regional history.

## SUMÁRIO

SUMÁRIO	8
INTRODUÇÃO	9
1 – O ESPAÇO E OS CRONISTAS	23
1.1 - Carazinho antes da emancipação	23
1.2 – A realidade política do município	30
1.3 – Biografia dos cronistas	57
1.3.1 - Canuto	57
1.3.2 - Afonso Pedro	65
2 – UM OLHAR PARA DENTRO	68
2.1 - Os cronistas olham a cidade e a administração	68
2.2 – Olhares críticos	68
2.3 – Olhares elogiosos	82
2.4 – Olhares para o Futuro/Crescimento	90
3 – UM OLHAR PARA FORA	108
3.1 - Os cronistas olham a cena nacional e internacional	108
3.2 – O Estado Novo	108
3.3 – A Segunda Guerra	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159
ENTREVISTAS REALIZADAS	163
LISTA DE ABREVIATURAS	164
LISTA DE FIGURAS	165



## INTRODUÇÃO

Através desta dissertação buscamos nos aproximar dos fatos históricos vividos em Carazinho no período de 1930 á 1945, utilizando como objeto de estudo as crônicas *Respingos e Cousas da Cidade* do Jornal da Serra de Carazinho/RS. Para fundamentar essa escolha, recorreremos a Tedesco que nos afirma, que as técnicas metodológicas da memória estão sendo problematizadas contemporaneamente, e que a partir da década de 1970, ocorre uma maior intensificação na historiografia, em voltar-se para o campo da cultura do social, analisando não mais a memória do cotidiano de agrupamentos humanos tradicionais, mas sim as chamadas sociedades complexas em geral e das experiências de vida de grupos em espaço de mudanças socioculturais.<sup>1</sup>

Sendo que o estudo que apresentamos configura o quadro acima exposto, pois a comunidade carazinhense no espaço de recorte desse estudo vivenciou mudanças bastante significativas advindas de sua emancipação política, do Estado Novo e da 2ª guerra mundial. Pretendemos perceber como mostrou sentido estes discursos enquanto trabalho simbólico, ao mesmo tempo em que desejamos compreender as categorias de região, história política regional e nacionalismo neles contido.

Para isso, se busca estudar como as idéias sociais foram mostradas nas crônicas de 1930 a 1938, que inicialmente foram chamadas *Reparos*, algumas vezes apareceram como *Respingadas* e posteriormente se fixaram em *Respingos*. Também se analisará o *Cousas da Cidade* de 1938 a 1945, estas crônicas assinadas por Afonso Pedro, no entanto todas elas criadas por Canuto de Souza, ator político que usou de seu jornal como tribuna, ou seja, órgão de legitimação de disputas e de poder.

Ao tentar justificar o período de recorte deste trabalho, é importante frisarmos que este se fez extenso, perfazendo 15 anos de jornal, necessitando assim, compreender o movimento emancipatório de Carazinho na década de 1930. Este fato teve forte repercussão em relação aos demais estudados. Então, de 1930-1938 foram analisadas as colunas *Respingos de Canuto*. As colunas *Cousas da Cidade* só começaram a surgir em 16 de junho

---

<sup>1</sup> TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória*. Caxias do Sul/ Passo Fundo: Educs/UPF Editora, 2004.p.27.

de 1938, e foram formalmente apresentadas à população, pelo seu escritor Afonso Pedro em 30 de junho de 1938. A partir dessa data então, elas também passam a ser o foco de estudo.

A situação de o criador da coluna *Cousas da Cidade* não ser seu real escritor, denotou uma situação de curiosidade, que justifica o porquê de forma concomitante optar por tais crônicas a partir de 1938. Funcionou como uma estratégia? *Respingos e Cousas da Cidade*, possuíam objetivos imbricados?

Objetivamo-nos e pontuar ao longo da pesquisa questões que permitam-nos montar uma linha de compreensão desses discursos jornalísticos. Como esses cronistas políticos trabalharam no local o período pré e pós emancipatório? E o Estado Novo? E a 2ª Guerra Mundial? Pretendemos dessa forma considerar efetivamente as palavras de Sodré, quando este nos afirma que o núcleo objetivo da realidade comunicacional inclui as tensões da vida em comum, pois o “eu” e o “outro”, não são entidade prontas e acabadas e compreender a si mesmo e a dinâmica identitária, mediado pela influência do outro, está na centralidade do problema da comunicação.<sup>2</sup>

Percebermos como se deu a vinculação de Canuto e Afonso Pedro com o lugar, buscaremos mais do que suas interações, mas sim suas inserções sociais, suas possibilidades imaginárias, também suas opiniões sobre práticas de conduta isto é, seus valores morais. Onde então, se tornou presente o sentido da política e do bem comum, sentido este, que transforma a questão da comunicação política importante para a ciência, deixando de ser simples abordagem da mídia.

Essa fonte jornalística encontra-se hoje junto a Biblioteca Pública Municipal Dr. Guilherme Schultz Filho, de Carazinho. O Jornal da Serra contemporizou momentos delicados, tanto localmente como nacional e internacionalmente. Funcionou efetivamente de 1930 a 1950 e por grande parte desse período, foi único a circular no município.

Para melhor estruturação de sua oficina que chegava na cidade, Canuto estampou na primeira capa do jornal de 18 de maio de 1930, um recibo comprovando seu pagamento de quatro contos e quinhentos mil réis, proveniente da compra de material tipográfico (uma máquina de impressão a pedal, uma máquina de impressão com braço pequena, uma

---

<sup>2</sup> SODRÉ, Muniz. Uma teoria da comunicação linear em rede. *Antropologia do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.223.

guilhotina, vinte caixas com diferentes fontes e tipos, uma bandoleira, três componedores, chaves e cunhas, todo material já usado), recebido de débito do sr. Anastácio Ramos com Vitor Dumoncel Filho e que este último naquele momento estava vendendo a Canuto de Souza.<sup>3</sup>

Esse periódico não foi diário, suas publicações oscilavam entre os dias da semana, inicialmente eram as quartas-feiras e aos sábados, depois passou a circular três dias na semana, sendo as terças, quintas-feiras e sábados, posteriormente passou a segundas, quartas e sextas-feiras. Seu diretor foi Astério Canuto de Souza, e sua proprietária foi Maria Izabel Bueno de Souza, esposa de Canuto.<sup>4</sup>

Ao buscarmos sobre o Jornal da Serra das décadas de 30 e 40 em Carazinho, nos faz necessário uma compreensão histórica um pouco mais detalhada sobre as trocas simbólicas produzidas pelos meios de comunicação social, mesmo porque a presença destes vem refletindo num papel cada vez mais onipresente na vida das sociedades contemporâneas. Esta análise legítima-se nas palavras de Pesavento quando esta nos afirma que, não é por acaso que o realce pelo imaginário enquanto objeto de preocupação temática e investigação tenha crescido justamente no momento em que as razões cartesianas e as certezas do processo científico não se apresentam como capazes de dar conta da complexidade do real.<sup>5</sup>

Através dos séculos XVII, XVIII e XIX os meios de produção simbólica foram acompanhados pelo crescimento significativo dos meios de alfabetização. Tais meios receberam ainda maior impulso, com o posterior progresso da codificação eletrônica no século XX. Assim, podemos dizer que poucas sociedades não foram atingidas por essas instituições.<sup>6</sup>

Apesar de sua importância há poucos estudos sobre sua natureza e implicação. Os teóricos sociais deixaram tais estudos aos especialistas da mídia, até porque as preocupações dos teóricos contemporâneos, estão bastante amarradas aos pensamentos do

---

<sup>3</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 18 de mai., de 1930 . p.1

<sup>4</sup> A neta desse jornalista, Maria Isabel argumentou em entrevista que o registro do Jornal não aparecia como sendo do seu avô, porque este possuía tabelionatos em seu nome, assim a avó era a oficial proprietária do mesmo.

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. Rev. Bras. de Hist., v. 15, nº 29 p.9-27, S. Paulo, 1995

<sup>6</sup> THOMPSON. John B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Ed. Vozes, RJ, 1995.p. 9-10

século XIX e início do XX (Marx e Weber, Durkheim, Simmel, Mannheim e outros). Assim, ao confrontarmos fenômenos sociais e políticos não podemos começar de uma tábua rasa, ou seja, temos que partir de fenômenos que nos foram transmitidos do passado e procurar refazer esses conceitos à luz contemporânea.<sup>7</sup>

O conceito de ideologia por exemplo que ainda hoje permanece central nas ciências sociais, tais teóricos admitem que tenha nascido pela primeira vez na França no final do século XVIII e que tenha passado por muitas transformações nos séculos seguintes. O que pode ser talvez preocupante, é que estes estudos realizados, possam não ter conseguido tratar adequadamente o impacto dos meios de comunicação social no mundo moderno. Apesar de serem os primeiros a reconhecerem sua importância, tenderam mais a adotar uma visão pessimista de tais meios, em relação a seus impactos nas sociedades. O entenderam como um mecanismo de controle social, através dos quais as idéias dos grupos dominantes pudessem ser propagadas e difundidas. A ideologia seria uma espécie de cimento social e os meios de comunicação, o mecanismo especialmente eficaz para espalhar esse cimento.<sup>8</sup>

Assim, justificamos a postura, que neste presente estudo do Jornal da Serra se adotou, de não só buscar detectar as tendências deste meio de comunicação na sua reprodução de idéias de segmentos, mas também como assíduo colaborador, na grande parte das conquistas do lugar no período.

A grande maioria dos teóricos sociais acreditam que o desenvolvimento do capitalismo industrial foi o grande propulsor do surgimento de uma era de ideologias, que foi inaugurada ainda na Revolução Francesa e que culminou com os movimentos revolucionários radicais no início do século XX. Conforme essa perspectiva teórica, a ideologia preencheu o vácuo cultural criado com o declínio da religião e da magia, trouxe então às pessoas, novos referenciais. Thomposon acredita que isso tudo pode ser também enganador, pois tais teóricos, não identificaram bem a grande transformação cultural associada com o desenvolvimento das sociedades modernas, pois negligenciaram um processo de maior significado que estava acontecendo diante de seus olhos, isto é, a proliferação rápida de instituições e meios de comunicação de massa e o crescimento de redes de transmissão através dos quais formas simbólicas mercantilizadas se tornaram

---

<sup>7</sup> THOMPSON, Op., Cit., p. 10

<sup>8</sup> THOMPSON, Op., Cit., p. 11

acessíveis a um grupo cada vez maior de receptores. A compreensão desse processo é fundamental para compreender o mundo de hoje, em que as experiências das pessoas está cada vez mais mediada por sistemas técnicos de produção e transmissão simbólica.<sup>9</sup>

Pelo fim do século XV, máquinas de impressão já tinham sido estabelecidas nos maiores centros comerciais da Europa e tinha se iniciado a era da comunicação de massa. Deste momento até hoje, o desenvolvimento de tais meios esteve intimamente ligado à expansão das organizações comerciais. Eles incluem conglomerados com características de multimídia e de transnacionais que se difundem pelo globo, comprando e vendendo, de forma febril, empresas específicas ligadas à mídia, transferindo informação e comunicação de um hemisfério a outro de forma instantânea. O fato, é que a troca de formas simbólicas não está mais restrito primariamente a contextos de interação face-a-face. E esse processo de mediação caminhou de mãos dadas com o desenvolvimento do capitalismo industrial e com o nascimento do estado moderno.<sup>10</sup>

Diante do exposto, chamamos atenção em relação ao material jornalístico, já que o presente trabalho pretende considerar em particular o Jornal da Serra de Carazinho. E isso é explicável, pois se tem conhecimento de que o jornal consideravelmente vem crescendo enquanto fonte de estudo e referencial, da história dita recente, por conter qualidades extremamente úteis. Zicman às cita como sendo sua periodicidade, onde registra a memória do dia-a-dia; sua disposição espacial da informação, onde possibilita a inserção do fato histórico dentro do contexto mais amplo que compõem a atualidade; e o tipo de censura sofrida, antes de serem arquivados.<sup>11</sup>

As crônicas do Jornal da Serra de Carazinho de 1930 à 1945, enquadram-se naquilo que Zicman chama, imprensa de opinião, com características políticas apaixonadas, muitas vezes passando longe do espelho da realidade, era quase que um exercício literário.<sup>12</sup> Isso confirma-se quando Bocorny afirma que Canuto se intitulava o Don Quixote das letras.<sup>13</sup> A partir dos anos de 1945 à 1950, surgiu a imprensa de informação, na

---

<sup>9</sup> THOMPSON, Op., Cit., p. 20-21

<sup>10</sup> THOMPSON, Op., Cit., p. 24-26

<sup>11</sup> ZICMAN, Renée Barata. *História Através da Imprensa - Algumas Considerações Metodológicas*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História. PUC-SP, nº 4, junho 1985, p.90

<sup>12</sup> ZICMAN, Id Ibid., p.91

<sup>13</sup> BOCORNY, Lio Guerra. & GOMES, Odilo. *Carazinho Nossa Terra Nossa Gente. Poesias e Apontamentos*. Carazinho-RS. Janeiro/2006. p. 202

qual os escritos críticos passaram a perseguir a objetividade. Já neste período em Carazinho, Canuto vinha querendo afastar-se das atividades jornalísticas.

Nas crônicas de Canuto e Afonso Pedro ficou claramente visível essa imprensa de opinião, referida por Zicman.<sup>14</sup> Predominavam nelas o pensamento político dos autores, onde seus preceitos de moral, deveriam nortear a sociedade concebida por eles como ideal. As opiniões polêmicas do jornal à figura do prefeito Hillebrand, assumem uma orientação essencialmente acusatória contra o PRL, principalmente após a cisão de Flores da Cunha com o presidente Getúlio Vargas em 1937, quando então o primeiro era interventor e principal líder do PRL no Rio Grande do Sul.

O jornal cotidianamente exaltou o sentimento nacionalista, andou pela sombra do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e salientou a personificação do equívoco nas ações da administração municipal. Demonstrando assim, uma imprensa de objetivo essencialmente político-ideológico. Quando pensamos em ideologia recorremos a Thompson, pois este defende entendê-la dentro de uma concepção crítica, não eliminando sua raiz histórica negativa trazida pelos teóricos sociais não contemporâneos, mas ao contrário, tomá-la como um índice dos problemas aos quais o conceito se refere, como um aspecto que deve ser retido e desenvolvido criativamente.<sup>15</sup>

Canuto era a incorporação do PRR, e veio para Carazinho para fundar um jornal. Com isso é freqüente nas crônicas palavras de exaltação às ações de líderes desse mesmo segmento político. Como prefeitos correligionários de municípios vizinhos, ou o próprio Getúlio, que Canuto continuamente no jornal aparecia apoiando. Enfim, seu discurso em relação ao governo getulista era otimista, principalmente após a instauração do Estado Novo em 1937. Pois conforme Capelato, a liberdade restrita desaparece completamente nas épocas de ditadura. Em nome da ordem, a vigilância se amplia e atinge a todos os jornais: nenhuma crítica é tolerada.<sup>16</sup> Já no que tange a esfera política local, o periódico ao apresentar-se em nome dos interesses carazinhenses, ofendia as posturas tomadas e as questionava. No que se refere aos interesses públicos, Capelatto chama atenção, afirmando

---

<sup>14</sup> ZICMAN, Id Ibid., p.92

<sup>15</sup> THOMPSON, Op. Cit., p.15

<sup>16</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. Ed. Contexto da Universidade de São Paulo, 1988 p.30

que muitas vezes os jornais, expressam o murmúrio da voz do povo que ressoa longínquo, enquanto ressoa forte a voz dos dominantes.<sup>17</sup>

Como tribuna política, através de suas folhas, esse periódico tecia comentários aos acontecimentos locais, bem como críticas humilhatórias, ridicularizando seus oponentes políticos, personalizados na figura do prefeito Hillebrand. Os discursos construídos demonstravam indignação completa contra o primeiro mandatário, chegando várias vezes a insinuar, ou até a apelar declaradamente por sua renúncia. Ao fazer isso, dizia representar os interesses da maioria dos carazinhenses, Capelato sobre isso nos alerta, que na instituição jornal, onde se mesclam o público e o privado, os direitos dos cidadãos se confundem com os interesses do dono do jornal. Os limites entre uns e outros são muito tênues.<sup>18</sup> E para convencer de seus objetivos, é comum se observarmos os discursos o artifício, de uma linguagem rude e bombástica.<sup>19</sup>

Zicman alerta que, um dos problemas metodológicos no tratamento da fonte jornalística que deve nortear o pesquisador histórico é o de não tomar o conteúdo jornalístico como se esse fosse uma fonte precisa, por isso é fundamental que ocorra a crítica interna.<sup>20</sup> Em relação a isso, é interessante considerarmos que no presente estudo sobre o Jornal da Serra, tais considerações representam a essência da postura adotada. Já que as crônicas mostram um discurso anti-localista e pró-varguista o tempo todo, mas os escritos no transcorrer de 1945 sugerem uma gradativa postura de crítica ao governo Vargas.

Assim, foi no cruzamento das fontes empíricas com as reflexões teóricas, que foi possível fluir às constatações esboçadas nesse estudo. Essa situação vem confirmar quando Capelato adverte que conhecer a história através da imprensa, pressupõe um trabalho com método rigoroso, tratamento adequado de fonte e reflexão teórica. Sem esses ingredientes corre-se o risco de repetir para o leitor, aliás sem o charme do jornal, a história que ele conta.<sup>21</sup>

Situação então, que nos remete a Barboza, quando este aborda sobre a fidedignidade das fontes, ele considera, que estas não são documentos reais que contém verdades.

---

<sup>17</sup> CAPELATO, Op., Cit., p.18

<sup>18</sup> CAPELATO, Op. Cit., p. 18

<sup>19</sup> CAPELATO, Op. Cit., p.16.

<sup>20</sup> ZICMAN, Id Ibid., p.90

<sup>21</sup> CAPELATO, Op. Cit. p 23

Somente no diálogo com elas, para tão somente reconstruir o passado e dessa forma entender melhor o momento presente, se está fazendo história.<sup>22</sup>

O material jornalístico é uma representação possível à cerca do real, que pode criar imaginários sociais importantíssimos, dentro do sistema de símbolos que produz a comunidade. No entanto o êxito de manipulação dos imaginários sociais é incerto e estes somente serão eficazes quando possuírem capacidade de criar sentido para uma sociedade, ou a um grupo dela.<sup>23</sup>

Os momentos de crises sociais são tempos quentes, na produção dos imaginários estimulados pelos conflitos e pela comoção das estruturas.<sup>24</sup> Por isso, o presente estudo das crônicas do Jornal da Serra de 1930 à 1945 esboça um foco de riqueza a ser considerado, pois representam a legitimidade dessa afirmativa, já que em 1930 Carazinho se emancipou, em 1937 Getúlio Vargas decretou o Estado Novo no país, e de 1939 à 1945, se viveu sob a estrutura mental global de uma época de guerra.

Assim, a imprensa passa uma imagem, que cabe ao historiador decodificar, os momentos sociais mais delicados como do presente estudo, enfatizando as décadas de 30 e 40 em Carazinho, torna-se um exemplo disso. Ele precisa analisar em profundidade os fatos, de forma a tentar resgatar a presença dos possíveis interesses deformadores daquela estrutura, e então, perceber as forças que agiram sobre a representação impressa.<sup>25</sup>

Para as idéias de um jornal ter sentido numa comunidade, não pode divergir por demais dos interesses presentes naquela estrutura. Se o jornal for completamente avesso a elas, não despertará interesse em seu público-alvo. Portanto todo o jornal luta para inserir-se no imaginário social de sua época.<sup>26</sup> Em relação a seu público, Capelato observa que todos os jornais procuram atraí-lo, conquistando seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos.<sup>27</sup>

---

<sup>22</sup> BARBOZA, Marialva. *Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades*. Anais do Colóquio História e Imprensa. Rio de Janeiro, 1997. p.87

<sup>23</sup> ESPIG, Márcia Janete. *O uso da fonte jornalística no trabalho histórico: o caso do Contestado*. Estudos Ibero- americanos. Revista do Departamento de História- Pós-Graduação em História. PUCRS, v. XXIV, nº 2, 1998, p.275

<sup>24</sup> BACZKO, Broislaw. *Los Imaginários sociales – memorias y esperanzas coletivas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991, p.8. Apud. ESPIG, p. 275.

<sup>25</sup> ESPIG, Id. Ibid., p.276

<sup>26</sup> ESPIG, Id. Ibid., p.276

<sup>27</sup> CAPELATO, Op., Cit. p.15



Mas ao mesmo tempo em que tenta inserir-se em sua comunidade, o jornal também contribui para criar, ou modificar esse imaginário.<sup>28</sup> E essa postura em particular foi um traço, que tanto Canuto de Souza quanto Afonso Pedro exploraram com maestria em suas crônicas, pois os apelativos de construção de possibilidades foi a marca registrada de seus escritos.

Ao mesmo tempo em que analisamos todo um contexto, é também importante que o historiador considere quem foi o público alvo dos discursos.<sup>29</sup> Nesse caso, das décadas de 30 e 40, possivelmente uma elite essencialmente restrita lia o jornal. No entanto, o importante e que precisamos valorizar aqui, é a circunstância da circularidade das idéias que as crônicas criaram na cidade, o número de assinantes do jornal ou se poucos sabiam ler, não são fatores fundamentais, pois quem lia comentava e isso torna-se elemento relevante a ser considerado.

Sobre essa abordagem do público alvo, Thompson afirma que se o interesse é perceber a maneira como o sentido serviu para estabelecer e sustentar relações de dominação, então devemos examinar como este foi entendido e avaliado pelas pessoas que, no curso de sua rotina cotidiana, receberam essas mensagens e as incorporaram em suas vidas.<sup>30</sup>

A verdade de que muitos dos leitores do Jornal da Serra não aceitavam seus escritos, foi algo muito presente nas crônicas estudadas. O padre católico, os alemães contrários ao nacionalismo, os adversários políticos de Canuto, são exemplos de figuras, que demonstraram resistência. E isso nos cou notório, pois os próprios cronistas estudados os citavam frequentemente e claro, os criticavam. Em relação a isso recorremos a Thompson, que nos esclarece que os receptores das mensagens não são espectadores passivos, que simplesmente absorvem o que está presente no papel, isso segundo ele é um mito que não se coaduna com um processo contínuo de compreensão.<sup>31</sup>

Thompson ao abordar sobre a comunicação entre o produtor e receptor, adverte sobre um fato importante, diferentemente da situação de diálogo de uma conversação, em que aquele que ouve é também um possível respondente, o fluxo comunicativo de um meio

---

<sup>28</sup> ESPIG, Id. Ibid., p.276

<sup>29</sup> ESPIG, Id. Ibid., p.277

<sup>30</sup> THOMPSON, Op., Cit.37

<sup>31</sup> THOMPSON, Op., Cit., p.36

de comunicação é predominantemente de mão única e os modos de respostas possíveis aos receptores são estritamente limitados.<sup>32</sup> Assim, o caso em particular do Jornal da Serra e também de todos os demais impressos, eles são lidos e o leitor que divergir deles não tem o direito de resposta, ou seja, estes esboçam uma visão unilateral dos fatos, onde não admite alternativa contestatória. No caso das crônicas em estudo, o prefeito Hillebrand foi uma das figuras que mais sentiu essa situação analisada por Thompson.

Do mesmo modo é válido justificarmos, que não fizemos um trabalho de confronto dentre periódicos, como habitualmente se vê em estudos historiográficos, pois o Jornal da Serra, além de ser um dos primeiros a circular no lugar, no período em estudo era único no município, conforme Bocorny mais ou menos até 1942.<sup>33</sup> E esse poder de supremacia jornalística também é algo que se quer demonstrar neste trabalho.

Em síntese, no decorrer de todo o estudo realizado, percebemos que as crônicas estabeleceram críticas, questionando fatos e informações recebidas, colocando sempre em dúvida, as intenções de Hillebrand. Assim, praticou o Jornal da Serra nas décadas de 30 e 40 no município de Carazinho, um radical oposicionismo político-ideológico a esse personagem. Para entender o contexto ideológico da época, recorreremos novamente a Thompson, pois diverge ele de um grande número de teóricos, quando estes afirmam que a ideologia seria um conjunto de imagens que refletem inadequadamente a realidade social que existe. Ele reage, afirmando que as formas simbólicas nas quais as sociedades se expressam e tentam entender os outros, não constituem de um outro mundo etéreo, que se coloca em oposição ao que é real: ao contrário, elas são parcialmente constitutivas do que em nossas sociedades é real.<sup>34</sup> Assim, o que Canuto e Afonso fizeram em suas crônicas, segundo Thompson, tinha pouco de real criado e muito de real vivido.

É importante continuarmos a considerar Thompson quando este defende estudar a ideologia no terreno das formas simbólicas contextualizadas, ou seja, ele afirma ser necessário analisarmos também os contextos onde os indivíduos gastam a maior parte de seus tempos (casa, trabalho, vida social...) não negligenciando o conjunto de instituições que compreende a esfera da política. Acredita ele que as formas simbólicas são articuladas

---

<sup>32</sup> THOMPSON, Op. Cit., p.26

<sup>33</sup> BOCORNY, Op. Cit., p. 202

<sup>34</sup> THOMPSON, Op., Cit., p. 19

e entrecruzadas entre si.<sup>35</sup> Então, os meios de comunicação são importantes na transmissão de ideologia, mas de modo algum são os únicos a difundi-la.<sup>36</sup>

Portanto ao tentarmos entender a teoria ideológica presente nas décadas de 30 e 40 em Carazinho, não se focou exclusivamente as crônicas do Jornal da Serra, elas foram o fundamento deste trabalho sem dúvida, mas não formam as únicas alternativas recorríveis. A fundamentação teórica histórica foi importantíssima, pois veio caminhando junto, proporcionando um sustento e uma compreensão maior do curso da vida cotidiana do cidadão daquela época.

Conforme Barboza, o jornalista procura recuperar o momento, o historiador procura recuperar o passado. Carregam ambos, jornalistas e historiadores sua singularidade pessoal, suas visões de mundo. Por isso não se pode ter a pretensão de buscar a realidade presente na narrativa jornalística e a verdade passada no discurso histórico.<sup>37</sup>

A aproximação do trabalho do jornalista e do historiador está na atividade de seleção dos fatos, o que é privilégio de ambos. Ao fazerem isso criam o próprio acontecimento em si, longe de serem apenas veículo de divulgação, são eles próprios criadores do acontecimento. E dessa forma constituem uma memória privilegiada do presente, que vai ser objeto de análise do historiador num futuro.<sup>38</sup>

O jornalista ao selecionar acontecimentos, fixa no hoje uma memória futura. E é essa capacidade de ser um dos senhores da memória da sociedade, que lhe dá um inegável poder.<sup>39</sup>

Tanto o jornalista quanto o historiador, vivem o seu presente histórico. E impregnados dessa realidade, construirão suas interpretações. Assim, tanto o historiador como jornalista, ao tentar recuperar o presente, procedem a uma reinterpretação, na qual a subjetividade estará sempre inserida. Mas ambos constroem as suas narrativas para melhor entender o presente e nesse processo, promover mudanças, daí o papel fundamentalmente político dos mesmos.<sup>40</sup>

---

<sup>35</sup> THOMPSON, Op. Cit., p.19

<sup>36</sup> THOMPSON, Op., Cit., p. 32

<sup>37</sup> BARBOZA, Op. Cit., p.87

<sup>38</sup> BARBOZA, Op. Cit., p.87

<sup>39</sup> BARBOZA, Op. Cit., p.88

<sup>40</sup> BARBOZA, Op. Cit., p.88-89

Barboza sugere que o texto histórico deve ser entendido como uma ficção, mas reconhece a dificuldade disso e a explica devido ao postulado de estatuto científico da disciplina no séc. XIX, quando esta queria tornar seu texto próximo do real. Então isso dificulta conceber essa flexibilidade subjetiva hoje. Ela acredita que cabe também ao jornalismo trabalhar essa sua estrutura, de ser o portador da objetividade e da verdade, este precisa proceder uma mudança de visão em relação aos limites da sua subjetividade e ver nisso, uma possibilidade de liberdade.<sup>41</sup> Talvez essa sugestão de Barboza seja mais lenta na prática, porque esse estigma da imprensa, de ser o porta-voz da verdade, significa para ela poder, e aí a coisa fica um pouco mais complicada de ser rearticulada.

Sobre o princípio de verdade ou não-verdade contido nos jornais, Capelato adverte que desde a primeira metade deste século, os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas com relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita, ou o enaltecimento, por encará-lo como depositário da verdade. Ora, as duas posturas são contestáveis, pois o jornal não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque permeada de subjetividade.<sup>42</sup>

A dimensão fictícia e imaginária de todos os relatos não significa que eles deixaram de acontecer, mas que, qualquer tentativa de descrevê-los necessita levar em conta diferentes formas de imaginação. O que temos então, é apenas uma aproximação da realidade de uma descrição igualmente construída.<sup>43</sup>

Idealizar é uma atitude freqüente de quem faz da escrita o seu meio de vida e dos textos impressos ou não, fontes para a construção de um acontecimento próximo ou distante. Ao escrever, coloca-se no texto muito de nós mesmos, seja ele um escrito que fale do ontem ou do hoje.<sup>44</sup>

Conforme Capelato, a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. A partir disso, cabe ao historiador estudar e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A

---

<sup>41</sup> BARBOZA, Op. Cit., p.89

<sup>42</sup> CAPELATO, Op., Cit., p. 21

<sup>43</sup> BARBOZA, Op. Cit., p.89

<sup>44</sup> BARBOZA, Op. Cit., p.91

categoria abstrata impressa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores, como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.<sup>45</sup>

É do diálogo do historiador com os personagens de uma época que resulta uma história mais viva, mais humana e mais rica. Bem diferente da historiografia tradicional, mostrada até bem pouco tempo.<sup>46</sup>

Para a nova história foi-se o tempo em que o historiador olhava para o documento e aproximava-se dele de cabeça inclinada e dizia em tom solene: “se está nos documentos é verdade”. Esse mito se estendeu para o documento jornal, dando origem à crença: deu no jornal, é verdade. O historiador mantém o compromisso de buscar a verdade, mas há muitas verdades. Por essa razão, constata que é impossível ser completamente objetivo. Algo parecido aconteceu com a imprensa, pois nesta interferem, não apenas elementos subjetivos de quem a produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado.<sup>47</sup>

Se o respeito pelo documento sagrado desaparece, também desaparece o mito do historiador-cientista, dono da verdade absoluta. Desta forma ficou mais complicado sua tarefa, que outrora era só de coleta das fontes, agora deve questionar e analisar seu instrumento de trabalho.<sup>48</sup> E foi esse princípio que almejamos perseguir nesse presente estudo das crônicas do Jornal da Serra, no diálogo com as mesmas tentamos chegar o máximo possível a uma aproximação do simbólico construído e vivido nas décadas de 30 e 40 em Carazinho.

Abordamos até o momento, sobre a proposta de analisarmos as crônicas *Respingos e Cousas da Cidade* do Jornal da Serra de Carazinho/RS. Bem como, decompomos alguns estudos já feitos em relação à fonte histórica jornal, por ser este também, nosso elemento de maior enfoque.

No primeiro capítulo realizaremos *Uma compreensão do espaço e dos cronistas*, assim efetivaremos uma inserção no espaço geográfico, mas principalmente político retratado pelo Jornal da Serra: Os primeiros momentos vividos na fundação desse município; a influência da migração alemã na organização dos primeiros tempos; sua luta pela emancipação político administrativa, enquanto 4º distrito de Passo Fundo; a

---

<sup>45</sup> CAPELATO, Op., Cit., p.20

<sup>46</sup> CAPELATO, Op., Cit., p.20

<sup>47</sup> CAPELATO, Op., Cit., p.22

<sup>48</sup> CAPELATO, Op., Cit., p.24

conflituosa presença das forças política que desencadearam a maioria das ações vivenciadas; e posteriormente, a organização desse espaço enquanto município efetivamente recém criado. E no final desse primeiro capítulo, teremos um trabalho de reconhecimento das figuras jornalísticas de Canuto de Souza e Afonso Pedro.

No segundo capítulo construiremos *Uma visão interna do lugar*, onde perceberemos as crônicas enquanto instrumentos que propõem a moralização da sociedade e da política. Poderemos compreender como isso se deu gradualmente no cotidiano vivido dos carazinhenses, através das análises das críticas, elogios e visões de futuro dos discursos em relação ao lugar.

E no terceiro capítulo efetivaremos *Uma visão externa do lugar*, de maneira a percebermos como as crônicas trabalharam aspectos políticos que estavam acontecendo fora de Carazinho, como o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial.

## 1 – O ESPAÇO E OS CRONISTAS

Neste primeiro capítulo abordaremos algumas considerações sobre circunstâncias que envolveram o povoamento de Carazinho, observaremos ainda que perduram certas interrogações a serem esclarecidas. E para entendermos este espaço a partir de seus primeiros anos de formação, passaremos a buscá-lo a partir de sua história política, para dessa forma percebermos o meandro das forças que se digladiaram e ajudaram a fomentar o crescimento desse município. Pretendemos reconhecer melhor o lugar em foco, para posteriormente contextualizá-lo em 1930.

### 1.1 - Carazinho antes da emancipação

Buscando entender o início dessa cidade, recorreremos às palavras de Álvaro Vargas, que nos afirma que este espaço pertence à área do Planalto Médio, primeiramente terras habitadas por grupos Tupi-Guarani e Jê, com ênfase para os Kaingang. Entre 1626 e 1637 a companhia jesuítica estabeleceu aí alguns de seus postos avançados. Há notícias de várias reduções, São Carlos do Caapi e Santa Tereza entre os atuais municípios de Carazinho e Passo Fundo e estas, como as demais, também teriam sido destruídas pelos bandeirantes paulistas por volta de 1636.<sup>49</sup>

Carazinho foi localização estratégica para estacionar e invernar tropas, servindo também para criar gado, atraindo a atenção de oficiais milicianos subalternos. Em março de 1824 ocorreu a 1ª concessão de campos para criação destes animais na zona de Carazinho. Em 1827 Rodrigo Felix Martins chegou com numerosa família e escravos para fundar sua fazenda. Ainda no mesmo ano, Alexandre da Mota e Bernardo Paes de Proença estabeleceram-se próximos do que seria a sede do município. Esses três teriam sido os primeiros moradores brancos, em caráter permanente em território carazinhense.<sup>50</sup>

Atanagildo Pinto Martins, o alferes explorador e povoador de toda região entre Cruz Alta, Palmeira das Missões e Passo Fundo, seria considerado o verdadeiro patriarca do Planalto Médio e um dos primeiros maçons desta região. Em expedição até São Borja, sede do comando da fronteira, a serviço do rei, fez pedido para fixar e posteriormente receber

---

<sup>49</sup> VARGAS, Álvaro Rocha. *Do Caapi ao Carazinho: notas sobre 300 anos de História(1631-1931)*, 1980, p.20-29.

<sup>50</sup> VARGAS, Id.Ibid., p.39-41.

carta de sesmaria. Ele teria sido incumbido de explorar essa região, e certamente recebeu a garantia de que estas terras seriam distribuídas a quem ele indicasse. Daí a justificativa para o povoamento dessa região por uma só família.<sup>51</sup>

Athanagildo Pinto Martins, pelo ano de 1819, localizou-se em Cruz Alta, vindo da vila de Castro, no Paraná, onde nasceu em 08/09/1772 e faleceu com testamento feito na Invernada da Guarite, a 22/10/1852. Era filho legítimo do Capitão-Mor Rodrigo Felix Martins. Era irmão de Rodrigo Felix Martins (de nome igual de seu pai) que se estabeleceu mais tarde no Pinheiro Marcado, sendo considerado o Patriarca de Carazinho.<sup>52</sup>

Rodrigo Felix Martins em 1835 assumiu o cargo de Juiz de Paz do 4º distrito Jacuizinho (1º nome de Carazinho) de Cruz Alta. Nesta época, seu irmão Athanagildo era vereador em Cruz Alta. Em virtude da revolução Farroupilha a Câmara de Vereadores de Cruz Alta ficou desfalcada e na seção de 14 de janeiro de 1840 foram convocados os juizes de paz para ocuparem as cadeiras vagas, entre eles Rodrigo Félix Martins.<sup>53</sup>

Neste espaço, encravado nas divisas de várias fazendas havia alguns ranchos e uma bodega que seria a origem da localidade propriamente dita. Segundo senso comum, um bodegueiro planejava fundar uma freguesia, mas não possuía os meios exigidos pela legislação eclesiástica. Nesta época chegara de Ponta Grossa Possidônio Ribeiro de Sant'Anna Vargas que adquiriu propriedade. Em 1872, seu filho Pedro teria a iniciativa de abrir uma subscrição e arrecadar dinheiro, a fim de adquirir uma parte de campo onde seria construída uma capela e fundado um povoado. Em 1878 ele morreu afogado e em 1880 seus pais em memória ao filho falecido, doam ao Senhor Bom Jesus uma área de 1.506.000 metros quadrados destinado ao desenvolvimento da vila. Ainda neste ano foi criada a capela, e foram distribuídos lotes aos primeiros moradores, num total de 18 famílias. Neste tempo a atual área urbana de Carazinho era o campo doado, cortado pela estrada geral das carretas, que é a atual Avenida Pátria e a Avenida Flores da Cunha na esquina da Rua Alferes Rodrigo para o leste. A área já povoada, acrescida da área doada, veio a perfazer 1.590.934m<sup>2</sup>.<sup>54</sup>

---

<sup>51</sup>FONSECA. Pedro Ari Veríssimo. *Formação do Gaúcho*. Gráfica Editora: Diário da Manhã. Passo Fundo 1982. p.96-97

<sup>52</sup> SOARES Apud FONSECA. p.97-98

<sup>53</sup> FONSECA, Op. Cit., p.98

<sup>54</sup> VARGAS, Id.Ibid., p.58



Na passagem do século Carazinho tinha aproximadamente 150 casas, tanto estas como as ruas eram iluminadas à querosene. A população excedia em 1903 a 6000 habitantes, inclusive 900 na povoação.<sup>55</sup>

Apesar da revolução de 1893 a linha férrea foi iniciada em Santa Maria, atingindo Cruz Alta em 20 de novembro de 1894. Cessada a revolução foi mais fácil o prosseguimento da construção, que atingiu em 31 de maio de 1897 a localidade de Pinheiro Marcado e finalmente em 15 de novembro do mesmo ano Carazinho.<sup>56</sup>

Nas colônias velhas, começou a surgir no final do século XIX um problema que obrigaria as mesmas a tomar algumas providências importantes. O crescimento da população e o esgotamento das terras forçaram os imigrantes a se dirigirem para zonas onde esses problemas não existissem e Carazinho foi uma das opções aos descendentes de italianos e alemães.<sup>57</sup> Pelo sobrenome alemão dos personagens mais freqüentes envolvidos os acontecimentos aqui em estudo (o prefeito, o padre, os resistentes a aprendizagem da língua vernácula), pode-se dizer que essa descendência foi bastante significativa no lugar.

O Jornal da Serra, na pessoa de Astério Canuto de Souza, demonstrou bastante envolvimento com essa particularidade, tanto que ao chegar em Carazinho no dia 11 de dezembro de 1930, a fim de conquistar amizades, anunciou que faria uma publicação em alemão, dedicada aos que tinham dificuldade de entender a língua vernácula.

“O Jornal da Serra espera merecer o amparo deste povo acolhedor e bom, a fim de poder cumprir o que promete. No desejo de tomá-lo mais atraente para aqueles que ainda não conhecem bem o vernáculo, publicaremos uma seção em alemão, com um resumo dos principais acontecimentos. Cumpre-nos ainda dizer que adotamos a ortografia simplificada da Academia Brasileira de Letras, respeitando no entanto, a que for usada pelos nossos colaboradores.”<sup>58</sup>

Conforme Spenthof, Passo Fundo e Carazinho foram centros receptores de penetração alemã. Em meados de 1834 a 1865, chegaram vinte e seis famílias de alemães e sete de teuto-brasileiros. Com a guerra do Paraguai houve uma paralisação dessa entrada,

---

<sup>55</sup> VARGAS, Id.Ibid., p.65.

<sup>56</sup> VARGAS, Id.Ibid., p.70.

<sup>57</sup> VARGAS, Id.Ibid., p.75.

<sup>58</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 11 dez., 1930. p.1

porém o fluxo se repôs após 1880, quando em 1898 chegaram outras sete famílias de alemães e treze de teuto-brasileiros, então novamente ocorreu uma pausa entre 1850 e 1895 por causa da Revolução Federalista.<sup>59</sup>

No início do século XX, com o crescimento da colonização, as entradas de alemães e teuto-brasileiros se avolumaram e ao invés de se dirigirem aos centros urbanos, como anteriormente, procuraram os distritos do interior dos futuros municípios de Passo Fundo e Carazinho. Assim, ocorreu uma aglutinação em pequenos núcleos no interior, nas localidades de Não-me-Toque, Selbach, São Jacob, Victor Graeff, São José da Glória e Tapera, em Carazinho. E Arroio dos Portes, Colônias Weidlich, Colônia Dona Ernestina e Engenho Velho, em Passo Fundo. A estimativa é que do início do século, até 1937, tenham entrado na região mais de cento e cinquenta e duas famílias entre alemães e teuto-brasileiros.<sup>60</sup>

A fundação do município de Carazinho, possui alguns fatos que após a publicação, *Do Caapi ao Carazinho* de Álvaro Vargas, passaram a ser questionados por Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e também admitidos por José Nevtton Vieira Sperry, que passarão a ser analisadas a partir de agora.

Álvaro da Rocha Vargas, sobre a fundação de Carazinho, publicou absurdos e contradições. Fonseca analisou os escritos de Álvaro Vargas referenciando-os como *Tradição* (T maiúsculo, pois segundo ele na tradição, com t minúsculo não havia autor definido e quem o recolheu não era responsável pela história nela contida).<sup>61</sup> Insinuou assim, que Álvaro Vargas teria transcrito os fatos de maneira a enfatizar a família Vargas, por ser descendente dela.

A Tradição menciona que o primeiro Vargas vindo para Carazinho foi Miguel de Santana Vargas, no ano de 1824, pelo fato de sua esposa Maria Angélica, ter matado um escravo que tentava assassinar seu marido. Ora naquela época, escravo era propriedade particular, não havia nenhum problema em matar um, principalmente em se tratando de legítima defesa, fato que até hoje a justiça reconhece como legítimo.<sup>62</sup>

---

<sup>59</sup> OLIVEIRA Apud. SPENTHOF. *Nacionalização, resistência e adaptação*. Os alemães em Passo Fundo e Carazinho durante o Estado Novo. 2002. p.103

<sup>60</sup> OLIVEIRA Apud. SPENTHOF Op. Cit., p. 103

<sup>61</sup> FONSECA, Op. Cit., p.107

<sup>62</sup> FONSECA, Op. Cit., p.108

Nos diz a Tradição que Miguel veio para o lugar denominado Cruzinha. Este era o local onde morava Bernardo Antonio de Quadros, genro do Alferes Rodrigo. Segundo a Tradição essa região era totalmente desabitada na época. É refugante que um homem tenha se ocultado da justiça numa região totalmente desabitada, infesta de índios hostis, em virtude de sua esposa ter matado um escravo em legítima defesa, quando na época isso não constituía um crime. O mais provável é que Miguel tenha vindo se homiziar na residência do Bernardo, pois a família Quadros e Martins, há muito já andava por estas paragens. Por outro lado, é contrafeito afirmarmos que o Alferes Rodrigo tenha se instalado em Carazinho a convite de Miguel, pois o explorador da região era o seu irmão, Alferes Athanagildo, e as sesmarias do Alferes Rodrigo e outras foram requeridas em 1824 como já foi mencionado.<sup>63</sup>

Na Tradição constatamos que Alferes Rodrigo em 1835 teve de emigrar em virtude da Revolução Farroupilha, para a cidade de Curitiba, de onde regressou terminada a luta. Já vimos em Prudêncio Rocha e nos anais de Passo Fundo que o Alferes em 1835 foi eleito juiz de paz. Em 1840 os juizes de paz foram nomeados vereadores em Cruz Alta, e entre estes consta o nome dele.<sup>64</sup>

Quanto à doação do terreno para a capela de São Bom Jesus, a Tradição nos apresenta, que no longínquo ano de 1872, Pedro Vargas disse a seu pai: *que lugar bonito para construir uma capela e fundar um povoado*. Na revista comemorativa do cinquentenário dessa paróquia, segundo depoimento colhido de Eulália Vargas Albuquerque, a mesma foi construída pelo ano de 1870, quando também foi aberto o primeiro cemitério.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> FONSECA, Op. Cit., p.108

<sup>64</sup> FONSECA, Op. Cit., p.108-09

<sup>65</sup> FONSECA, Op. Cit., p.110



Tanto em 1870, como em 1872 o povoado já existia com razoável número de casas e comércio destinado ao fornecimento de produtos aos carreteiros. Hemérito Veloso<sup>66</sup> nos narra, que visitou esse lugar em 1861, quando a povoação incipiente já era cortada pela estrada das carretas.<sup>67</sup>

A Tradição nos mostra, que o referido ano de 1872, Pedro Vargas organizou uma lista de contribuição para adquirir a terra que pertencia a Floriano José de Oliveira.<sup>68</sup>

É fato histórico incontestável que Pedro Vargas escriturou a referida terra em seu nome e jamais doou à igreja de São Bom Jesus, embora tenha morrido vários anos depois. É fato incontestável que a capela já existia quando ele faleceu em 1878. Até hoje não houve apresentação de qualquer documento histórico comprovando que Pedro Vargas possuísse qualquer participação para construí-la.<sup>69</sup>

O falecimento de Pedro Vargas apenas repete uma tradição familiar de mortes violentas. Nenhuma das entidades do município que atualmente levam o nome de Pedro Vargas, publicou a declaração de óbito, onde deve estar registrada a causa *mortis*.<sup>70</sup>

Quanto a época da chegada de Possidônio em Carazinho nada se conseguiu apurar. Apenas que ele era natural de Minas Gerais e não de Ponta Grossa como diz a Tradição. E também a propriedade que ele adquiriu, o fez em sociedade com seu filho Miguel e a registrou em 21 de março de 1887.<sup>71</sup>

Assim, não encontramos comprovação, em nenhuma das afirmações contidas na Tradição. Enquanto isso, fiquemos ao lado da versão, que o povoado de Carazinho teria seu princípio em torno da bodega de Sebastião de Camargo que ficava na descida de um atalho para o arroio e que neste lugar pensava fundar uma freguesia.<sup>72</sup>

Percebemos que tem muitos fatos que Veríssimo da Fonseca tenta comprovar, que não se confirmam com os enunciados admitidos por Álvaro Vargas. Veríssimo insinua que este teria forçado circunstâncias, conveniente à sua pessoa, de forma a todos admitirem que fora sua família a legítima fundadora de Carazinho. Assim, estas duas versões se chocam e

---

<sup>66</sup> Conforme sr. José Nevtton Vieira Espery, o sr. Hemérito José Veloso da Silveira é autor da obra: Missões Orientais e seus antigos domínios. Ed; Eros. E em 1857, este teria sido excomungado por ter agredido um ministro da igreja católica em pleno exercício das suas funções.

<sup>67</sup> FONSECA, Op. Cit., p.110

<sup>68</sup> FONSECA, Op. Cit., p.110

<sup>69</sup> FONSECA, Op. Cit., p.110

<sup>70</sup> FONSECA, Op. Cit., p.110-111

<sup>71</sup> FONSECA, Op. Cit., p.111

<sup>72</sup> FONSECA, Op. Cit., p.111

uma delas aponta possibilidades de favoritismos. Enfim, o que queríamos demonstrar, sobre a fundação de Carazinho, é que existem ainda algumas interrogações a serem esclarecidas.

Iniciando a década de 1930, o espírito de luta criado pela revolução trazia novos ânimos aos carazinhenses. Apesar da conjuntura internacional que se refletia negativa, Carazinho demonstrava a necessidade de crescer nas vozes em favor da autonomia administrativa<sup>73</sup>. Esta conquista só viria a acontecer em 1931, após várias negociações. Fato que será detalhadamente analisado a partir do próximo tópico de estudo (ver figura 01: Mapa de Passo Fundo: 1929 – quando Carazinho ainda aparece como seu 4º distrito).

## 1.2 – A realidade política do município

Buscamos neste tópico analisar Carazinho nas décadas de 1930 e 1940, compreendendo assim, com maior clareza os discursos jornalísticos de Canuto e Afonso Pedro, que representam as principais figuras deste estudo. Utilizamos inicialmente para isso, o encarte feito pelo Jornal da Serra, de autoria do jornalista Mário César, em 24 de março de 1941, em homenagem ao 1º decênio de vida autônoma administrativa desse município. Pois através dele é possível ter um prisma das perspectivas dos primeiros momentos do lugar, permitindo-nos tomar uma dimensão dos planos de implementação desta localidade, ao mesmo tempo em que se pode captar a forma de como este periódico pretendeu que os carazinhenses reconhecessem sua identidade e sua memória histórica.

Ainda em 1917 já ocorria a primeira tentativa de transformar o então 4º distrito de Passo Fundo em município. Oito anos mais tarde, novamente se viveu nova tentativa, ocorrida em 1925. Outra vez em 1927, e por fim, em 1930, onde acabou efetivando-se, na data de 24 de fevereiro de 1931. Em 1917 foi pedida uma grande área, que teve a recusa da administração do Estado sob a alegação de que a mesma retirava a eficiência dos outros municípios que deviam ceder parte de seus territórios. Em 1925, foi pedido unicamente o desmembramento do então 4º distrito, o que constituiu um erro, pois a área compreendida não garantia a autonomia do novo município a ser criado, o que motivou sua recusa. Em 1927, novo pedido ocorreu, que novamente foi negado.

---

<sup>73</sup> VARGAS, Id.Ibid., p.95.

Foi durante o período da campanha da Aliança Liberal, que Carazinho realmente trabalhou a fim de conseguir a tão almejada emancipação. Em 1930 se organizou dados estatísticos pormenorizados de sua produção (indústrias, comércio, população, escolas...) de forma a se construir um mapeamento, do que deveria fazer parte do novo município. O desejo de emancipação era geral e a campanha Liberal prosseguia.

Diante dos rumores da revolução, Carazinho optou por apoiá-la, onde numa forte atitude colaborativa, empenhou-se de maneira a chamar atenção, por sua postura de fidelidade, envolvimento e dedicação à aquela causa.

Carazinho construiu um organizado serviço de refeições aos comboios de soldados que por ali passavam de trem a caminho para a revolução. Nos primeiros momentos utilizaram os hotéis da vila, em seguida ergueram o histórico Barracão Liberal, feito às pressas e de apresentação modesta, sendo aperfeiçoado e adaptado rapidamente às causas da revolução.

O espírito patriótico foi tanto que alguns afirmaram que não se tratava mais de um simples Barracão, mas uma caserna dos soldados em marcha à bandeira da revolução. Naquele lugar o povo conviveu, mesmo que por alguns instantes, com os soldados que por ali passavam. Acreditamos que em torno de 150 trens, conduzindo material de guerra, soldados e voluntários, passaram pelo pavilhão do Barracão Liberal. De todos os distritos surgiram voluntários, servindo até cinco composições de trens, num só dia, sem esgotar as provisões que se formavam com as oferendas. Os elementos da vila, homens, rapazes, senhoras, senhoritas, meninos e também meninas, atendiam ao serviço de rancho ininterruptamente.

O Barracão foi ponto de informações sobre o desenvolvimento das operações e dos acontecimentos que se viam anunciados no serviço telegráfico de todo o país. Nesse local ocorriam palestras que mantinham aceso os ideais da revolução, de maneira que muitos dos voluntários que lá trabalhavam, seguiam incorporados às tropas que ali transitaram.

Na passagem de Vargas por Carazinho, se viveu o entusiasmo da população, que veio em massa para saudá-lo. Foi nessa mesma ocasião, que este mandou dizer ao povo, pela voz de José Antônio Flores da Cunha, que estava satisfeito com os aplausos recebidos, e que vencendo a revolução, Carazinho seria emancipado, nas condições que almejava.

O clima de revolução e as palavras tão esperadas e proferidas por Vargas sobre a emancipação, sem dúvida acabaram criando momentos de muita comoção, afinal se tratava da figura, em cujos ombros pesava a responsabilidade daquele movimento, no qual então, o povo carazinhense participou diretamente pela vontade e pela ação.

Através dos serviços prestados e devido às situações interessantes ali vividas, Carazinho se tornou conhecido de norte a sul, como a “A terra do Barracão Liberal”, fato este que mereceu comentários do Jornal da Serra, mais de uma década depois do acontecido.

“De uma feita, passava alta madrugada um regimento de cavalaria, cuja composição estava bastante fatigada pela rapidez da viagem. Assim que parou o trem, o pessoal que pernoitava no Barracão Liberal foi logo acordar os soldados para a costumeira refeição sempre servida com presteza. Foi então abordado o carro do comandante e dos oficiais, onde estes afirmaram não ter aviso deste posto. Foi explicado então, que não se tratava de um posto oficial, mas sim um rancho mantido exclusivamente pela população. Isso foi o bastante para que essa chefia desse ordem a toda a composição, para se prepararem para a refeição. E assim foram desembarcando, entrando em forma, passando pelo Barracão e recebendo as rações que eram distribuídas. Enquanto isso, o entusiasmo criou tal animação que o comandante mandou formar a banda de música. Quantos discursos patrióticos foram pronunciados naquele minúsculo Barracão Liberal”<sup>74</sup>

Cabe assinalarmos ainda que em 1932, Carazinho esteve novamente aposto pelos ideais da revolução de 30, então ao lado da causa getulista e contra o movimento de São Paulo, que almejava retomar o poder no país. Assim, formou um corpo auxiliar e diversos esquadrões e outros corpos que se organizaram como voluntários.

O local onde funcionou o Barracão Liberal foi transformado na moderna e vistosa Estação da Viação Férrea. Beirando o mesmo local, existia a acanhada rua do Comércio, margeada por modestas casas de madeira e posteriormente, transformada na Av. Flores da Cunha. Ainda para ilustrarmos o que foi o Barracão Liberal em 30, podemos mencionar a construção próxima do majestoso Hotel Liberal, edificado pouco depois.

---

<sup>74</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, 24 de mar., 1941. p. 4-7



A respeito da instrução, a vila de Carazinho possuía em 1930, apenas um Grupo Escolar e uma Escola das Freiras, cujas matrículas montavam um total de pouco mais de quatrocentos alunos. O então Grupo Escolar foi transformado no Colégio Elementar da Praça da República. A Escola das Freiras passou posteriormente a chamar-se Colégio Nenê Dilemburg Sassi. A Escola de Comércio fundada mais tarde, foi desdobrando sempre novos cursos no seu programa de ensino. O Instituto La Salle foi outro estabelecimento de ensino fundado sob os auspícios da população em 1937. Nos distritos, as pequenas escolas foram elevadas para Grupos Escolares em todas as sedes. Carazinho contava também com um centro de formação religiosa especializada, oferecida pelo Colégio dos Padres em Pinheiro Marcado.

Em relação à vida social, o município passou a possuir o Clube Comercial. A igreja católica mostrava uma estrutura original, em escamas. Já estava com a construção adiantada, o moderno Hospital de Caridade. Quatro poços já tinham sido perfurados em Carazinho, para o fornecimento de água potável à população. O edifício da prefeitura fez parte dos confortáveis prédios constituídos, num estilo moderno.

No terreno esportivo Carazinho pouco notável, porém modestamente desde 1933 praticou esportes com dedicação. Com a fundação do Aéro-Clube de Carazinho, foi incentivado o desenvolvimento da aviação, através do treinamento para a formação de pilotos civis. Na homenagem do Jornal da Serra ao município, o encarte frisou solenemente que:

“Carazinho tem a sua emancipação ligada historicamente aos acontecimentos de projeção nacional fundida na sua participação para a vitória na revolução de 30 sob o influxo do Barracão Liberal e pelas realizações que tem empreendido neste primeiro decênio, orientadas pelo espírito do Estado Novo. Por esse motivo Carazinho deve consolidar esses fatos históricos com um marco comemorativo. Colocando nele uma placa expressando momentos simbólicos representativos do local por onde passaram as forças de 30, representando a existência do Barracão Liberal, e a homenagem ao Estado Novo prestado por Carazinho ao comemorar a passagem da data de 24 de fevereiro de 1941.”<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, 24 de mar., 1941. p. 4-7

Neste caderno especial, o jornal nos deixou transparecer a idéia, de que em 1930, havia estabelecido uma espécie de negociação. Carazinho apoiava a revolução e em troca, teria sua emancipação. Fomentou-se então a concepção, de que pela união e o esforço da comunidade em torno da causa getulista, todos sairiam ganhando.

Percebemos que o sonho de emancipação foi vinculado inteiramente à figura de Getúlio Vargas, o único que soube trazer justiça a tão legítima pretensão da comuna. A visão que se formou foi a seguinte: se Getúlio soube trabalhar por Carazinho, saberia também fazer pelo restante do Brasil.

A análise geopolítica construída pelo Jornal incentivou a correta postura dos carazinhenses em relação ao apoio irrestrito ao novo governo, tanto que em 1932, diante a ameaça da desestabilização getulista, o caderno especial sublinhou o sentido de congratular a população sobre seu alerta e prontidão, que se necessário fosse, não teria exitado em sair à luta armada.

Todos os delicados momentos políticos de 1930, 1932 e 1937, foram mostrados pelo jornal de uma maneira, que se criou na população um sentimento de identidade privilegiada, por ter ela participado, de tão marcantes momentos da vida nacional.



*Figura 2 –Lugar onde por muito tempo funcionou o Jornal da Serra - 1940*

Foi possível percebermos nesse caderno especial, o condicionamento que o Estado submeteu os meios de comunicação do período através do DIP. A partir da constituição de 1937 a imprensa nacional foi considerada empresa com função de caráter público, tornou-se de certa forma, um instrumento do Estado. Assim, de acordo com o artigo 1.222 dessa

Constituição, era admitido o cerceamento da liberdade de imprensa e a censura aos veículos de comunicação.<sup>76</sup> A ausência de total análise, do *Jornal da Serra*, sobre acontecimentos tão marcantes da vida nacional, vem sublinhar essa prática do Estado. No entanto, é importante considerarmos que Canuto era do PRR, assim o *Jornal da Serra* era uma tribuna política deste partido e portanto do getulismo. Só assim é possível entendermos, sua abstenção e desconsideração completa em registrar a adaptação do povo, às mudanças monumentais a que foi submetido.

Vale refletirmos sobre as considerações de Tedesco, quando este nos argumenta que é comum no processo histórico e social, a produção do esquecimento ou do silêncio imposto para ajustar o passado com as intenções ainda conseqüentes do presente e das perspectivas futuras.<sup>77</sup> Prevaleceu assim a idéia determinista de só mencionar o que era importante se pensar, e assim o foi. A possibilidade do amadurecimento sobre o momento da Revolução de 1930, a queda da oligarquia paulista e a posse de uma outra tão conservadora quanto à primeira, a representação popular tão almejada que não aconteceu. Tais considerações passaram longe das reflexões desse jornal.

Em relação ao movimento de 1932 já era de ser esperado, pois obviamente São Paulo não iria conformar-se assim tão facilmente com a perda do poder. Aos carazinhenses coube unicamente admitir um total apoio às forças getulistas, pois jamais poderiam eles esquecer a quem deviam a conquista da emancipação. E dessa forma seguir a lógica da justiça, onde a lealdade deveria ser paga com lealdade. No que se refere ao Estado Novo de 1937, o jornal descreveu-o como sinônimo de progresso, para isso fez menção as inúmeras conquistas do momento.

Diante do exposto, podemos observar que o jornal criou uma abordagem simbólica na comunidade, no sentido dela orgulhar-se de ter apoiado a causa getulista. As idéias de Orlandi conseguem trazer mais clareza a tais considerações, quando esta nos afirma que a análise de discurso permite conhecermos melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se, pois a linguagem age como mediação entre o homem e a realidade natural e social. O discurso cria a permanência e a

---

<sup>76</sup> CAPELATO, Maria Helena. *Propaganda política e controle dos meios de comunicação*. In: *Repensando o Estado Novo*. P. 171 Apud. JUNGBECK. Benhur. *Perigo Eminente: a segunda guerra mundial na leitura da imprensa passo-fundense*. UPF. 2005

<sup>77</sup> TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória*. Caxias do Sul/ Passo Fundo: Educs/UPF Editora, 2004.p.33

continuidade ou o deslocamento e a transformação do homem e sua comunidade. Assim, através de seu trabalho simbólico consegue agir como sustentação da produção de uma existência.<sup>78</sup>

A partir de agora realizaremos uma abordagem mais detalhada sobre os partidos políticos do período, de forma a obter melhor análise dos discursos de Canuto e Afonso. Conforme Trindade, e Noll, o Rio Grande do Sul teve um comportamento histórico político diferente do restante do Brasil. A nível nacional o império descreveu-se entre, conservadores *versus* liberais.

Na província de São Pedro, encontramos a presença dos Liberais. com a Revolução Farroupilha de 1835, depois, essa dominação liberal entra em choque com a minoria republicana liderada por Júlio de Castilhos. A competição entre conservadores-liberais, liderados por Silveira Martins e Assis Brasil e conservadores-autoritários, sob o comando de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, perdurou até a década de trinta, um sistema que contrastou com os partidos únicos regionais do resto do país.<sup>79</sup>

O Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) com sua ideologia positivista-autoritária estabeleceu suas bases sob a condução carismática de Castilhos. No entanto essa rígida organização só consolidou-se durante a longa permanência à frente da presidência do Estado com Borges de Medeiros. Este assegurou essa eficácia, devido a sua férrea direção política, onde a classe dominante continuou ligada ao latifúndio pastoril.<sup>80</sup>

Para entender esse poder do PRR no norte do Rio Grande do Sul, nos torna necessário recorrer ao ano de 1917, quando Nicolau de Araújo Vergueiro era líder republicano em toda a região. Houve uma divisão nesse partido, pois o intendente municipal de Passo Fundo, Pedro Lopes de Oliveira, defendia a emancipação de Carazinho, enquanto que o líder republicano defendia essa possibilidade a Erechim, o que de fato aconteceu.<sup>81</sup>

Em 1920, o PRR da região estava legitimamente dividido entre esses dois nomes. Borges de Medeiros diante do quadro sugeriu um plebiscito interpartidário para que fosse

---

<sup>78</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.p.15

<sup>79</sup> TRINDADE, H., NOLL, I. *Rio Grande da América do Sul: partidos e eleições (1823-1990)*. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1991.p. 65

<sup>80</sup> TRINDADE, H., NOLL. Id.Ibid. p. 65

<sup>81</sup> CAVALHEIRO, Maria Eloísa. *Relações de Poder no Estado Novo: uma permanência sui generis-o caso Albino Hillebrand em Carazinho-RS*, Dissertação-Mestrado, UPF, 2003.p. 32

escolhido o candidato à intendente para a administração municipal de Passo Fundo. O vencedor foi Nicolau de Araújo Vergueiro, que recebeu o apoio de Borges de Medeiros e também teve sua vitória consagrada no pleito para administração do município.<sup>82</sup>

No contexto nacional, com a possibilidade de Getúlio Vargas a presidência do país teve início uma política de unificação regional que originou-se na Frente Única, viabilizando o acordo com Minas Gerais e Paraíba e abrindo caminho da ascensão do Rio Grande do Sul ao poder nacional em 1930.

A revolução de 30 encontrou os carazinhenses voltados para o movimento emancipatório. A Aliança Liberal formada em 1929, propunha-se sanear o regime e moralizar a República. O espírito de luta de 30 trazia um novo ânimo às pessoas. Durante esse período, o *Jornal da Serra*, tendo como diretor proprietário Canuto de Souza, constantemente publicou notícias relacionadas com o movimento de emancipação.<sup>83</sup>

Em virtude de algumas objeções surgidas em relação ao processo emancipatório, seguiu para Irapuã, Homero Guerra<sup>84</sup> e Paulo Coutinho<sup>85</sup>, onde foram consultar o chefe do PRR, Borges de Medeiros, que controlou hegemonicamente o Rio Grande do Sul ao longo de quarenta anos. O mesmo examinou o memorial que seria dirigido ao interventor do estado, o qual provava as possibilidades econômicas de Carazinho. Os missivistas receberam o aval de Borges.<sup>86</sup>

O próximo passo, foi uma comissão que se dirigiu a Porto Alegre para falar com o interventor Flores da Cunha, declarando ter um compromisso de honra com o povo carazinhense e que não fugiria a ele.<sup>87</sup>

Trindade e Noll apontam nos apontam que o 4º distrito concentrava uma população de 376.270 habitantes, nos quais 40.373 eram eleitores. O 7º distrito Não-me-toque; o 8º

---

<sup>82</sup> VARGAS, Op.Cit. p.81-82

<sup>83</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit.,p. 33

<sup>84</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit.,p. 42.Homero Guerra, 1º prefeito de Carazinho, fora membro do PRR em 1931 e chefe político em 1932, após a fundação do PRL aderiu a esse novo partido e em 1933, tornou-se seu presidente e novamente prefeito, permanecendo no cargo até 1934. Ainda em 1933 foi chamado a desempenhar um importante cargo na capital do estado, como presidente do Sindicato do Mate, licenciando-se então do cargo de prefeito e deixando à frente do governo municipal, Hillebrand.

<sup>85</sup> CAVALHEIRO, Op., Cit., anexo-5. Paulo Coutinho foi funcionário da viação férrea, escrivão do segundo cartório civil e comercial de Passo Fundo e coletor federal de Carazinho.

<sup>86</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit.,p. 33

<sup>87</sup> CAVALHEIRO, Op.Cit.,p. 33

Coronel Gervásio (Tapera); o 9º São Jacob (Selbach); o 12º Boa Esperança e o 13º Tamandaré, seriam os distritos a serem anexados a Carazinho.<sup>88</sup>

Havia uma oposição por parte de Nicolau de Araújo Vergueiro à inclusão de Não-Me-Toque e de Tapera, já que nestes se concentrava sua grande força eleitoral, juntamente com o 1º distrito Passo Fundo, e o 3º, Coxilha.<sup>89</sup>

Homero Guerra foi o primeiro prefeito nomeado pelo interventor, que declarou em 24 de fevereiro de 1931, às 14 horas e 30 minutos, oficialmente instaurado o município de Carazinho.<sup>90</sup> Pelo decreto 1707, o novo município ficou constituído: ao norte com Passo Fundo pelo Rio Turvo, desde sua afluição pelo Rio da Várzea até a barra do Rio Bonito e por este até as suas nascentes; a leste, pela sombra do mato e pelas atuais divisas do 4º (Selbach) e 7º (Não-Me-Toque) distritos até o Rio Jacuí; ao sul, com o município de Soledade com o Rio Jacuí; a oeste, com Cruz Alta e Palmeira das Missões, pelas atuais divisas destes municípios com o de Passo Fundo.<sup>91</sup>

Ainda no mesmo ano da emancipação, tiveram início as articulações políticas contra o mandato de Homero Guerra. Então, um novo quadro político levou os carazinhenses a se dividirem em dois grupos; o Centro Republicano Borges de Medeiros e o Grêmio Republicano Borges de Medeiros. A iniciativa dessa articulação foi de Alberto Graeff<sup>92</sup> e Octávio Rocha<sup>93</sup> que fundaram o Centro Republicano Borges de Medeiros, buscando reunir na localidade elementos contrários a Homero Guerra. Este por sua vez convocou seus aliados, a fundar o Grêmio Republicano Borges de Medeiros, acirrando assim os ânimos políticos no município.<sup>94</sup>

Já o estado do Rio Grande do Sul a partir de 1932, Flores da Cunha decide organizar um partido hegemônico para dar sustentação política a Getúlio, o Partido Republicano Liberal (PRL). Este novo partido reuniria no seu interior, elementos originários do PRR e outros provenientes do PL.<sup>95</sup>

---

<sup>88</sup> TRINDADE e NOLL, Op. Cit. p. 51

<sup>89</sup> CAVALHEIRO, Op.Cit.,p. 37

<sup>90</sup> CAVALHEIRO, Op.Cit.,p. 38

<sup>91</sup> VARGAS, Op.Cit. p.98-105

<sup>92</sup> CAVAHEIRO, Op., Cit., anexo 5 pró-Canuto. Industrialista do ramo de serraria.

<sup>93</sup> CAVAHEIRO, Op., Cit., anexo 5 pró-Canuto. Comerciante e coletor.

<sup>94</sup> CAVALHEIRO, Op.Cit.,p. 39

<sup>95</sup> CÂNEPA, M. *Partidos e representação política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965)*. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2005. p.91-122

A ruptura da Frente Única com o Governo Provisório de Vargas, passando a apoiar a Revolução Constitucionalista de São Paulo em 1932, o conseqüente controle político exercido por Flores da Cunha no Estado e o exílio de Borges no Recife abrem espaço político para um período atípico de tripartidarismo sob a dominação do PRL.<sup>96</sup>

Na interpretação de Cânepa, houve dois momentos cruciais: o primeiro deles por ocasião da revolução Constitucionalista de 32, que dividiria a FUG entre os que apóiam os paulistas, defendendo a imediata constitucionalização do processo, e os que apóiam o Governo Provisório de Getúlio Vargas, entendendo com isso que a Revolução Paulista seria uma tentativa de restauração das forças alijadas do poder pela Revolução de 30. A divisão no interior da FUG se dará tanto entre os membros originários do PRR como entre os libertadores. O segundo momento de reorganização das forças político-partidárias se dará, por ocasião do golpe de 1937.

Derrotada em 1932 e nas eleições de 1933, para Constituinte, a oposição (PRR-PL), que se baseia fundamentalmente na crítica aos desmandos e a repressão do Governo Flores da Cunha, além da centralização administrativa e do domínio absoluto dos cargos burocráticos no governo estadual, caminha para uma aproximação com o Governo do Estado. A aproximação buscada pelo governo estadual, responde provavelmente a duas ordens de fatores: ao surgimento de novas forças no cenário político nacional, como a AIB e a ANL de expressão popular e a contínua centralização promovida pelo Governo da União que, especialmente para as pretensões de Flores, põe em perigo o grau de autonomia pretendido pelo governo estadual.<sup>97</sup>

Vargas que num primeiro momento incentiva a aproximação entre governo e oposição no Estado, sentindo a possibilidade de fortalecimento das forças regionais (em torno de Flores da Cunha), tenta por seu lado, atrair parte das oposições gaúchas para o lado do Governo da União. Com esse mesmo objetivo acaba por incentivar, posteriormente, o surgimento de uma dissidência no interior do próprio PRL, com o afastamento do interventor gaúcho às vésperas do golpe de 1937.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> TRINDADE, H., NOLL. Id Ibid. p. 66

<sup>97</sup> CÂNEPA, M. *Partidos e representação política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul*(1945-1965). Porto Alegre; Editora da UFGRS, 2005. p.91-122

<sup>98</sup> CÂNEPA, Id Ibid. p.91-122

No final do governo de Flores da Cunha, a oposição, FUG (Frente Única Gaúcha), uniu-se mais intensamente com Getúlio Vargas e o Exército para ajudar na intervenção do estado, que iria se dar finalmente em outubro de 1937, quando o governo federal nomeou Daltro Filho para interventor. Flores sentindo-se coagido buscou exílio em Montevideú. Getúlio cujo mandato presidencial venceria em 1938, via em Flores da Cunha, outrora grande amigo, naquele momento um obstáculo, para seu projeto de permanência no poder. Isso se justificou, pelo grande peso político de Flores, na determinação de um futuro chefe da nação. Assim, Getúlio usou-se de todas as possibilidades a fim de neutralizá-lo.<sup>99</sup>

Os conflitos entre Getúlio e Flores repercutiram em Carazinho, acirrando os ânimos políticos e contrapondo facções que se mostraram bem posicionadas a favor de um ou de outro. Esse ponto foi uma das causas principais das divergências nesse período. Afonso Pedro, tido como Alfredo D'Ámore, conforme Bocorny, foi um político atuante nas fileiras do antigo Partido Libertador,<sup>100</sup> juntamente com Canuto de Souza, membro do PRR, posicionaram-se fortemente contra os floristas. Assim, este último em 21 de outubro de 1937 assim argumentou:

“A luta em que o governador do Estado se empenhou contra o supremo magistrado da Nação teve seu epílogo domingo último, com a renúncia do Gal. Flores da Cunha à governança do Rio Grande do Sul. Não precisamos rememorar os antecedentes dessa luta danosa aos interesses do Estado e da República a que a ambição e paixão partidária arrastara o governante gaúcho, pois são fatos recentes e do conhecimento de todos. As célebres turmas de rodoviários, armados a metralhadoras e fuzis, diziam bem das torvas intenções do ex-governador do Rio Grande. O nosso Estado era uma espécie de quartel-general dos revolucionários de 35. Cumpria, pois ao governo Federal agir, com energia e rapidez, para se evitar que se reproduzisse aqui o espetáculo doloroso de novembro de 35.”<sup>101</sup>

Se em 1937 Flores da Cunha foi um atrapalho aos rumos de Carazinho e do Rio Grande do Sul, sete anos antes foi à solução. Isso vem provar que na política tudo muda radicalmente, se num instante aliados, num futuro, possíveis inimigos.

---

<sup>99</sup> CAVALHEIRO, Id. ibid., p.21.

<sup>100</sup> BOCORNY, Op. Cit., p.164

<sup>101</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VII, 21 out., 1937. p.1.



“Pois as coletividades como os indivíduos, atingida sua maior idade e demonstrada sua capacidade de prover a sua própria existência, tem direito à carta de alforria. E ninguém ousará negar essa capacidade ao povo de Carazinho! *A municipalização de Carazinho já saiu do terreno da dúvida, já deixou de ser um problema, porque dentro de poucos dias será uma realidade. Assim no-lo prometeu Flores da Cunha, esse tipo perfeito de gaúcho indômito que não sabe faltar à palavra empenhada. Esperamos confiantes!*”<sup>102</sup> (grifo nosso)

Dava ênfase o documento enviado a Maurício Cardoso em 1937, secretário do Interior e interventor substituto, ao movimento de solidariedade a Getúlio Vargas em Carazinho, que havia sido iniciado pelos companheiros da antiga Frente Única em novembro de 1935, quando Canuto entrara em entendimento com elementos destacados da política paulista que, naquela época, encontravam-se inteiramente ao lado do governo federal. Pontuava ainda o documento que, por diversas ocasiões Canuto, em momentos difíceis, escrevera para denunciar as atividades subversivas do então governador do estado, Flores da Cunha.<sup>103</sup>

Daltro Filho então tornou-se interventor do Rio Grande do Sul cabendo-lhe a função de executar as ordens do Governo da República, evitando o derramamento inútil de sangue e perda de vidas preciosas.

“O Gal. Flores da Cunha, que tanto ameaçou a paz do Rio Grande e do Brasil, terminou abandonando o governo e seus amigos indo anistiar-se no Uruguai. Irmanados todos, agora, nos mesmos anseios de paz e ordem, de trabalho e de progresso esqueçamos o período tormentoso de que saímos e nos entreguemos a tarefa meritória de elevar ainda mais o Rio Grande do Sul no seio da Federação.”<sup>104</sup>

Sobre Flores da Cunha no Uruguai é importante considerar Gertz, quando este afirma que:

Adriana Iop Bellintani descreveu com detalhes as medidas tomadas para controlar Flores em seu exílio no Uruguai. Getúlio nomeou como embaixador naquele país Batista Luzardo, figura de destaque do extinto Partido Libertador. A abundante documentação por ele

---

<sup>102</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 11 dez., 1930. p.1

<sup>103</sup> PREFEITURAS MUNICIPAIS Apud CAVALHEIRO p.98

<sup>104</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VII, 21 out., 1937. p.1.

produzida sobre o comportamento do ex-governador exilado sugere que, efetivamente, houve muitas movimentações que podiam ser interpretadas como atividades com fins escusos, e a reação consistiu, por sua vez, em muitas medidas para coibir e neutralizar essas atitudes. Luzardo não só exerceu fortíssima pressão diplomática sobre o governo uruguaio, para que restringisse ao máximo a liberdade de ação de Flores, como subornou policiais do país vizinho com a mesma finalidade.<sup>105</sup>

Daltro Filho teve sua nomeação tolerada pelo Partido Republicano Rio-Grandense e Partido Liberal, pois ambos esperavam sair vitoriosos nas eleições de janeiro de 1938. Não contavam eles, com o golpe de 1937, que tornaria o interventor figura permanente no cargo de chefe do estado. Em 1937, formou-se a Coligação Política Rio-Grandense, que pretendia pacificar o Rio Grande do Sul e dar sustentação ao governo de Getúlio.<sup>106</sup>

A realidade da não espera do golpe de 10 de novembro de 1937 é percebida claramente neste discurso de 03 de julho de 1937, quando Canuto, aparece elogiando a postura democrática e galanteadora com que os candidatos expuseram seus nomes ao novo pleito que aconteceria. Quer dizer, Getúlio ao decretar o Estado Novo deixou toda a população atônita e confusa.

“Com o lançamento das candidaturas dos eminentes brasileiros srs. Armando de Sales e José Américo de Almeida, inicia-se uma nova era na política brasileira. Vamos assistir ao primeiro pleito verdadeiramente democrático, sob o regime da Justiça Eleitoral, instituída pela revolução de 30. Não iremos assistir contristados a uma luta deselegante, em que a protervia é o argumento principal, onde a troca de desaforos é a arma que os contendores esgrimam, como nas anteriores campanhas eleitorais.”<sup>107</sup>

No Estado Novo extinguiu-se os poderes legislativos em todos os níveis e nunca os reabriu sob qualquer forma. O poder executivo passou a ser exercido nos estados e nos municípios através de interventores, sendo os interventores estaduais nomeados pelo presidente da República e os interventores municipais, pelos respectivos interventores estaduais.<sup>108</sup>

---

<sup>105</sup>.BELLINTANI, Adriana Iop. *Conspiração contra o Estado Novo*. Porto Alegre. Edipucrs. 2002. Apud. GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo. Ed. UPF, 2005. p.30

<sup>106</sup> CAVALHEIRO, Id.Ibid., p.21.

<sup>107</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VII, 03 jul.,1937. p.1.

<sup>108</sup> GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo. Ed. UPF, 2005.p. 64

No Estado Novo, foram criados Institutos específicos de expressão estadual ou regional, como o Instituto do Mate (1938), e o Instituto Nacional do Pinho (1941), vinculados a política local e encarregados de articular políticas setoriais para seus respectivos campos. Em Carazinho houve inúmeras entidades de produtores, associações de comerciantes e de transportadores que frequentemente organizavam comissões para pressionar o governo do estado a resolver problemas como a falta de vagões e de local para armazenamento das madeiras nas estações ferroviárias.<sup>109</sup>

O documento datado de 19/10/1937, enviado ao presidente da República, trazia informativo sobre a fundação do Centro Cívico Getúlio Vargas em Carazinho, também denominado Grêmio Cívico Getúlio Vargas. Onde foi eleita a seguinte diretoria: Presidente de honra Gal. Manoel Nascimento Vargas; presidente efetivo Canuto de Souza; primeiro vice José Ivalino Pessoa Brum; segundo vice Aparício Nunes, primeiro secretário Artur Fontoura Motta, segundo secretário Rodolfo Honrich, tesoureiro Engnacio Dias de Menezes, diretores Moisés Marcondes, Gomercindo Pádua, Norberto Madureira Coelho.<sup>110</sup> José Ivalino Pessoa Brum (aparece pelo caderno de atas de 1932-1934, pertencendo a Loja Maçônica Honra e Trabalho, bem como o tesoureiro Engnacio Dias de Menezes). Comprova-se assim, a forte tendência maçônica nesse grupo, pois aparecem aqui três componentes da Loja, ao se considerar também a própria figura de Canuto.

Já o Grêmio Liberal Flores da Cunha, foi fundado ainda em julho de 1934 e teve sua diretoria constituída da seguinte forma; José Flores da Cunha, presidente de honra; José Antônio Vargas presidente honorário; presidente efetivo João Rodrigues Nenna Barreto, primeiro vice Fioravante Barleze; segundo vice Laudelino Garcez; primeiro secretário José Ivalino Brum; segundo secretário Artaxerxes Pessoa de Brum; primeiro tesoureiro Olindo Vargas; e segundo tesoureiro Fábio Albuquerque.<sup>111</sup>

O prefeito de Carazinho buscava em seus correligionários o apoio para que não viessem a aderir ao Grêmio Cívico Getúlio Vargas através de boletins distribuídos na cidade.<sup>112</sup>

---

<sup>109</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p.62

<sup>110</sup> PREFEITURAS MUNICIAPAIS Apud CAVALHEIRO, Op. Cit. p.50

<sup>111</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p.68

<sup>112</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p.52

O 1º secretário, José Ivalino Brum, aqui aparece como pertencente ao grupo de Hillebrand e nas atas de 1932 já pertencia a Loja Maçônica Honra e Trabalho, isso quer dizer que no grupo de Hillebrand inicialmente havia maçons. Laudelino Garcez, em 1934 pertencia ao grupo de Hillebrand e somente a partir de 1936 passou a aparecer nos cadernos de atas dessa Loja, isso mostra que o racha de 1935 foi determinante no sentido da separação entre o grupo católico e o grupo maçom.

Esse racha é explicado pela forma como Homero Guerra omitiu do PRL a escolha do candidato para as eleições de 1935, no caso Hillebrand. Essa foi a causa determinante do rompimento do grupo de correligionários liderados por Nenna Barreto, que até então apoiavam incondicionalmente Homero Guerra, chefe do PRL em nível local. Esse grupo abriu dissidência e passou a apoiar publicamente a candidatura de Germano Napp, que era membro do PRR e em 35 esse grupo uniu-se na Frente Única contra o PRL, tornando-se uma forte corrente oposicionista a Hillebrand, encontrando em Canuto um forte aliado.<sup>113</sup>

Canuto usou o Jornal da Serra como órgão de ação política a fim de atacar Hillebrand, utilizava para isso de motivos variados, as crônicas nesse presente trabalho, comprovam esse objetivo determinante do jornal. Os grupos antagônicos mostrados acima, além de disputarem o poder político, também divergiam ideologicamente, pois o grupo de Canuto era de forte tendência maçônica enquanto que o de Hillebrand era católico.

Apesar das pressões políticas para que Hillebrand deixasse o cargo que ocupava, a sua permanência nele até dezembro de 1945 demonstrou que os acordos da Comissão Mista<sup>114</sup> quando da divisão do poder, entre floristas e getulistas estavam sendo mantidos, pois a Dissidência Liberal bancou a permanência do prefeito no cargo.<sup>115</sup>

As indicações para as prefeituras, conforme ata da Comissão Mista, seguiu os seguintes critérios: as prefeituras que vagassem e cujos titulares pertencessem ao PRL seriam providas por elementos pertencentes à Dissidência Liberal, devendo porém os candidatos ser indicados em harmonia com a Frente Única. Sucederiam exceções para casos especiais, como entre outros, aqueles em que a maioria eleitoral da Frente Única

---

<sup>113</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p.69

<sup>114</sup>COLUSSI, Eliane Lúcia. *Estado Novo e municipalismo gaúcho*. Passo Fundo. Ediupf, 1996. p.103(Representação de Partidos Políticos que se aliaram à Getúlio, quando da derrubada de Flores da Cunha. Partido Republicano Rio-grandense, Partido Libertador e Dissidência Liberal. Foi criado em 19/11/1937, quando se reuniram os órgãos diretores dessas três agremiações políticas, com objetivo de coordenar as atividades envolvidas no processo)

<sup>115</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p.53

fosse manifesta. Quanto às sub-prefeituras dos municípios de referência deveriam ser preenchidas de acordo com os índices eleitorais dos partidos coligados. A ata informou que num universo de 85 municípios, 36 deles permaneceriam com o mesmo prefeito, 28 municípios passariam a ter prefeitos nomeados pela Comissão e em 21 seria feito um estudo detalhado da situação, adotando posteriormente uma definição.<sup>116</sup>

Acrescentamos ainda que a justificativa da Comissão Mista para a permanência de Hillebrand, foi de que ele havia aderido à Dissidência Liberal. Então, este alinhava-se nas duas situações impostas pela Comissão Mista, pertencia ao PRL e passara para a Dissidência Liberal, além de que a Frente Única no município de Carazinho não obtivera maioria dos votos nas eleições de 1933, 1934 e 1935.<sup>117</sup>

O Jornal da Serra tornou público em 14 de julho de 1938 que um grupo de dirigentes da Frente Única e da Dissidência Liberal de Carazinho tinha enviado à capital uma comissão, composta por José Ivalino Brum, pelo DL, Norberto Madureira Coelho, pelo PL, e Canuto de Souza, pelo PRR, para que houvesse entendimento com a Comissão Mista e intercedesse junto a esta para que o prefeito de Carazinho fosse substituído.<sup>118</sup>

No RS os cargos foram ocupados então, pelos três grupos políticos, o Partido Republicano Rio-Grandense, o Partido Libertador e a Dissidência Liberal. A intenção dos integrantes da chamada Comissão Mista era preservar as suas bases de sustentação, nos municípios do interior do estado.<sup>119</sup>

O intervencionismo nos estados e municípios foi à base de sustentação no Estado Novo implantado. A permanência do poder da Comissão Mista facilitou em muito a aceitação das indicações de prefeitos do interior do estado. Em Carazinho, a elite política ligada ao grupo de Homero Guerra, em conformidade com o interventor do estado, foi responsável pela sustentação do prefeito de Carazinho. Hillebrand. governou o município durante e após o Estado Novo, completando um período de doze anos, configurando um quadro de exceção à regra. Começou sua vida exercendo a função de raspador de couro, passando a notário em um tabelionato; era músico nas horas de lazer e tornou-se subprefeito na gestão de Homero Guerra, de 24 de fevereiro de 1931 à 15 de junho de 1931;

---

<sup>116</sup> SILVA Apud. CAVALHEIRO, p. 59

<sup>117</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p.99

<sup>118</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p.99

<sup>119</sup> CAVALHEIRO, Id.Ibid., p.22.

também foi seu substituto na prefeitura, ocupando o cargo de prefeito em 1º de janeiro de 1934. Em 1935 sendo eleito pelo PRL, permaneceu no poder até 1945.<sup>120</sup>

A decisão da Comissão Mista pelo nome de Hillebrand na prefeitura criou articulações e disputas políticas pelos integrantes da Frente Única carazinhense. Houve descontentamentos a nível local, o que gerou perseguições intensas a essa administração.<sup>121</sup>

A fundação do Grêmio Liberal Flores da Cunha veio confirmar o apoio de Hillebrand e demais pessoas de influência em Carazinho a essa figura política, onde os descontentamentos dos opositores não conseguiram abalar por completo essa situação.<sup>122</sup> Afinal, se a principal artéria da cidade têm a denominação de Av. Flores da Cunha, isso não possui significado gratuito, o grupo florista foi realmente forte nesse município e o racha entre Vargas e Flores em 37, teve repercussões bastante complicadas de ser administradas.

As crônicas *Respingos e Cousas da Cidade* no Jornal da Serra conseguem mostrar as resistências ocorridas por parte dos getulistas, personificada na pessoa de Canuto de Souza. Nos discursos, não importava o motivo, mas os significados produzidos pelas palavras, que visavam atingir o grupo florista.

Então, naquele contexto onde o Estado Novo tinha a pouco sido implantado, Canuto fez uma análise extremamente depreciativa da candidatura de Albino Hillebrand, tentou desmoralizá-lo, argumentando que este só conseguiu o cargo por ter sido auxiliar da escrita da tesouraria. O atual prefeito teria tirado proveito dessa possibilidade, para tornar-se homem de confiança do ex-prefeito Homero Guerra, e o maior agravante disso tudo, segundo o jornalista, foi de que Hillebrand transformou-se em objeto de manobra do ex-prefeito. Quando vagou o cargo de sub-prefeito, em 24 de fevereiro de 1931 à 15 de junho de 1931, Hillebrand foi o substituto na prefeitura, pois Guerra havia sido eleito presidente da executiva do PRL e diretor do Sindicato do Mate.<sup>123</sup>

Canuto atribuía a permanência desse prefeito à frente do governo municipal, ao prestígio de Guerra no PRL (partido criado por Flores da Cunha e encarado naquele momento, como traidor de Getúlio). Assim, vulnerabilizou o quanto pode a figura do então prefeito, tentou convencer que o desprestígio de Flores, devia significar o mesmo em

---

<sup>120</sup> CAVALHEIRO, Id.Ibid., p.23.

<sup>121</sup> CAVALHEIRO, Id.Ibid., p.24.

<sup>122</sup> CAVALHEIRO, Id.Ibid., p.67

<sup>123</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 16 dez., 1937. p.1.

relação á Hillebrand, já que ambos tinham suas raízes no PRL.<sup>124</sup> Esse jornalista, fez um histórico desmoralizante da candidatura do prefeito, de forma a alcançar seu objetivo político.

Canuto mencionou também, que Homero não teve em mira os interesses do município, quando cogitou a escolha de seu substituto, mas agiu, como se tratasse apenas de ver um capataz para a sua fazenda. Esta era a mentalidade dos chefes municipais da situação deposta em outubro, fruto aliás dos desmandos imperantes em todo Rio Grande do Sul.<sup>125</sup> Referia-se Canuto de Souza falava ao grupo do PRL liderado por Flores da Cunha.

No dia 23 de dezembro de 1937, o cronista Canuto lembra a condição deprimente de submissão a Homero em que segundo ele, só dessa forma, o então prefeito havia conseguido ser eleito. Acusa, ao observar o relatório da prefeitura de 1936, que mesmo havendo verbas para a construção de obras, o que se observava era inércia e apatia. A única preocupação do prefeito era com o novo, suntuoso e imponente prédio da prefeitura que estava sendo feito para lhe abrigar, o que só vinha realmente comprovar seu egoísmo. Comprometido unicamente que estava, com seu conforto pessoal, enquanto as necessidades da população, que se mantivessem a espera. Ao fazer a indicação de cada obra que esperava por ser solucionada, Canuto pretendeu demonstrar que o então prefeito, era a personalização da incompetência.

“Em todo esse descaso pelos interesses coletivos o que há é o capricho pessoal de quem foi guindado a altura para as quais nunca esteve preparado. É a vaidade mórbida de um espírito tacanho, que enxerga unicamente seu interesse, esquecido do bem coletivo. Enfim, é a consagração plena da nulidade, que não tem força própria para resolver os problemas que dependem de capacidade de trabalho, de energia e de boa vontade.”<sup>126</sup>

Podemos afirmar que Hillebrand foi alvo de ataques infundados por parte de Canuto, Em reposta, o primeiro fazia relatórios e relatórios, de forma a prestar contas detalhadas sobre os investimentos que eram feitos com o dinheiro público. Caso fosse real o cenário descrito por Canuto, ficaria difícil entender os seguintes dados de desenvolvimento predial em Carazinho, desde a sua emancipação: em 1931 foram erguidos

---

<sup>124</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 16 dez.,1937. p.1.

<sup>125</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 16 dez.,1937. p.1.

<sup>126</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 23 dez.,1937. p.1.

848 prédios, em 1932 o número foi de 902, em 1933, construíram 934, 1934 foram 950, em 1935 o número de prédios foi 976 e em 1936 foram 1.204 prédios.<sup>127</sup>

Entende-se que dificilmente Hillebrand poderia ter maquiado o relatório tendo em vista que, mesmo possuindo a maioria na Câmara, seus opositores eram extremamente atentos para todo o tipo de acontecimento que pudesse contribuir para denegrir sua imagem e conseguir destituí-lo do cargo. Em face disso, Hillebrand tinha sempre o cuidado de mostrar tudo com clareza para a apreciação da Câmara.<sup>128</sup>

A prefeitura construiu seu novo prédio sem recorrer a aumento de impostos ou a operação de crédito, utilizando tão somente os seus próprios recursos, não prejudicando a atividade de qualquer departamento municipal. A inauguração do novo prédio, a pedido da administração, fora presidida pelo interventor federal Osvaldo Cordeiro de Farias, que assumira após a morte de Daltro Filho. Na mesma ocasião, foi inaugurado o novo Colégio Elementar.<sup>129</sup>

Assim, podemos perceber que todas as acusações feitas por Canuto a Hillebrand, para destituí-lo do cargo que ocupava desmentem a idéia de que o prefeito continuava ligado a Flores da Cunha, ou seja, a alcunha de florista atribuída a Hillebrand não se justificava. O prefeito estava articulado com o poder estadual, pois senão dificilmente Cordeiro de Farias prestigiaria um prefeito ligado a Flores da Cunha. Percebemos pois, que as disputas envolviam o poder local e suas elites.<sup>130</sup>

Observamos que Hillebrand vinha realizando uma administração direcionada ao desenvolvimento de Carazinho e que encontrava-se articulado politicamente com Getúlio, ou com seus aliados em âmbito regional e local, obtendo assim, privilégios do chefe maior da nação. Flores da Cunha não se encontrava mais no governo, o que levou Hillebrand a buscar apoio político na situação.<sup>131</sup>

Em 06 de Janeiro de 1938 Canuto continua a analisar a atuação do então prefeito municipal. Lembrou que ainda no período da campanha eleitoral, este, se comparado a seu adversário, nada prometeu, já com o objetivo de não se comprometer com o povo e também pelo fato, de o mesmo não saber o que iria fazer se viesse a ganhar. Aponta que a condição

---

<sup>127</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.101

<sup>128</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.101

<sup>129</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.103

<sup>130</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.103

<sup>131</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.103



humilde do prefeito era, por muitos, concebida como uma virtude, pois acreditavam que isso lhe daria maiores condições de atendimento aos menos favorecidos na cidade, realidade esta que não aconteceu. Pois este estava comprometido com as elites que o elegeram, no caso a ligada a Homero Guerra.

“Quando o sr. Germano Napp, que encarnava as aspirações populares, lançou seu manifesto programa, dizendo quais os problemas que iriam ser objeto de suas realizações, o candidato saído do bolso do colete do sr. Homero Guerra ficou caladinho. E ele, o homem modesto, de maneira alguma dedicava-se a fazer realizações na vila, esquecendo os trabalhadores rurais. Mas, houve a eleição, o sr. Hillebrand teve “estrondosa” vitória, e o que resta de todos esses projetos grandiosos de realizações fecundas? Nada! Absolutamente, nada!”<sup>132</sup>

Ao fazer essa abordagem sobre o homem do campo, confirmou as palavras de Moraes sobre o Estado Novo, onde este afirma que esse período destacou a ideologia geográfica valorativa ao interior do país, que passa a ser visto não mais como o sertão bárbaro, mas como a matriz da brasilidade. A proposta da Marcha para o Oeste induzia a idéia de uma segunda conquista do território pátrio, animando uma nova onda expansionista, impulsionada pelo ideal da modernização, conheceu-se uma apropriação simbólica do processo que se interpretou como uma nova epopéia na construção do país.<sup>133</sup> A figura interiorana outrora desprezada passou a viver um novo ressignificado na vida nacional.

Em 07 de abril de 1938 Canuto fez um comparativo fortíssimo, criando até uma situação de sátira em suas palavras. Afirmou que mesmo tendo sido elevado a categoria de cidade, Carazinho e o inferno se assemelhavam, pois ambos viviam nas trevas e isso acontecia por culpa da teimosia do prefeito em não atender aos anseios de sua população. Nesta crônica o jornalista sugeriu abertamente que este devia resolver o problema da luz, ou renunciar, por não saber administrar.<sup>134</sup>

Para continuar a campanha de difamação, mencionou o fato de que o prefeito se intitulava sincero, e o jornalista questionou essa sinceridade, ao acusar que ele admitiu o

---

<sup>132</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, n.440, 06 jan.,1938. p.1.

<sup>133</sup> MORAES, Antonio Carlos Roberto. *Território e História no Brasil*. São Paulo: Hucitec, p.122-123, 2002.

<sup>134</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 14 jul., 1938. p.1.

aumento de seu próprio salário e negou a mesma conquista aos funcionários da prefeitura.<sup>135</sup> Neste momento, é possível compreendermos as palavras de Chartier, quando este nos afirma que a posse do controle do imaginário é uma peça essencial do dispositivo do poder e do poder político em seu sentido mais amplo, que contempla o funcionamento da sociedade como um todo. O domínio da comunicação, a mídia em nossa época constitui o lócus privilegiado de produção do imaginário social.<sup>136</sup> O Jornal da Serra é a comprovação legítima dessa idéia, já que por longo tempo foi o único a circular no lugar e então, passou a manobrar as interpretações segundo sua ótica de intenção.

Em 21 de julho de 1938, o cronista Canuto acusou o prefeito por não ter utilizado das potencialidades econômicas do município, para resolver os problemas das obras necessárias. Assim, fomentou uma intriga, ao mencionar que alguém havia interpelado Homero Guerra sobre o caso da luz, e que este veio acusar Hillebrand de ser o responsável na persistência do problema. Finalizou acusando e culpando Homero, pelo fato de Carazinho ter que conviver com um prefeito tão incapaz. Nesse momento Canuto explora aqui o racha entre Hillebrand e Guerra devido ao problema da luz.

“A confirmação desta circunstância que muitos pensavam ser forjada por nós, para impressionar, só deixa um caminho para o atual ocupante da Prefeitura: resignar! Mas tal não acontecerá, porque ele apegou-se ao cargo e nenhum vendaval moral dali o arrancará! *Façamos pois, recair sobre os ombros do sr. Homero todo o peso da culpa pela infeliz escolha que fez. Devemos a sua miopia política o estrabismo administrativo que ora nos infelicitam!*”<sup>137</sup>(grifo nosso)

Em 15 de dezembro de 1944 Afonso soma-se a Canuto ao abordar também sobre o mesmo célebre problema, a luz. Afirmou que diante do impasse, a iniciativa particular havia achado uma alternativa, criou suas próprias usinas geradoras, mas a comunidade em geral, havia perdido a noção do tempo em que estava à mercê dos precários serviços.

“Por conseqüência o que se afirmava em 1936, vale no ano da graça de 1944 integralmente. O que equivale a dizer que o serviço de luz e de força de Carazinho é péssimo. Muitos industriais resolveram a sua

<sup>135</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 14 jul., 1938. p.1.

<sup>136</sup> CHARTIER, R. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, n 11, v. 5, p.173-191, 1991.

<sup>137</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 21 jul.,1938. p.1.

custa a questão. E tão eficientes são estas usinas particulares que uma ligação de suas sobras com a antiquada usina do rio da Glória permitirá força e luz em quantidade suficiente para consumo da cidade até que a grande e momentosa questão seja definitivamente resolvida. Estamos em 1944. E o tempo continua passando.”<sup>138</sup>

Nessa crônica, como em muitas outras, nos é confirmada as palavras de Lage quando este nos alerta, que o aproveitamento político se faz, exaltando por sugestão a ingenuidade da vítima, quando se poderia sugerir a esperteza.<sup>139</sup>

Em 19 de maio de 1944 Afonso Pedro chamou atenção, sobre a visita de um jornalista do Correio do Povo ao município, bem como fez questão de salientar, que este abordou sobre a riqueza da cidade e o abandono em que se encontravam alguns problemas de vital importância para a ela. Afonso Pedro ironicamente questionou: Esse Jornal da capital também poderia ter implicações com a administração local? Tentou fundamentar com isso, que não existia uma questão pessoal entre o Jornal da Serra e o prefeito; o que acontecia eram críticas construtivas feitas em nome do desenvolvimento da comunidade. “O que existe na realidade e os fatos comprovam claramente, é a desigualdade existente entre as necessidades coletivas e a ação do poder público. Está é a verdade.”<sup>140</sup>

Usar da validade de ser o autêntico representante dos interesses populares foi uma das estratégias mais utilizadas pelo jornal, para chegar a seus objetivos. Lage novamente pode ser compreendido nesse momento, quando este nos afirma, que a língua natural é rica de possibilidades estilísticas. O falante em sua experiência, bem sabe disto. Após estabelecida uma relação de prestígio, tenderá a considerar como verdadeira mesmo a proposição a primeira vista falsa, desde que possa fazê-lo de alguma maneira. Não havendo confirmação imediata, colocará os termos do enunciado sob tensão e pretenderá considerá-los de maneira que faça sentido, e enunciem uma verdade.<sup>141</sup>

A partir de 1945 começou a se configurar em Carazinho um quadro político meio diferente a ser avaliado. Canuto mostrou uma postura de distanciamento e de críticas ao governo Vargas, enquanto Hillebrand, ao contrário, pareceu cada vez mais próximo deste. No entanto o assunto a ser pontuado permaneceu o mesmo, a rivalidade entre ambos

---

<sup>138</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV n.1.346, 15, dez., 1944. p.1

<sup>139</sup> LAGE, Op. Cit., p.95

<sup>140</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n.1.260, 19 mai., 1944. p.1

<sup>141</sup> LAGE, Id Ibid. p. 42

continuou, em relação ao governo nacional estes haviam trocado radicalmente de posições, onde Canuto de fiel discípulo do varguismo passou a dissidente e Hillebrand de acusado de infiel a esse governo passou a defendê-lo, no local as coisas não mudaram. Em 21 de março de 1945 percebemos claramente que as diferenças políticas eram locais, a situação nacional só servia de argumentos para legitimar os enfrentamentos e Canuto novamente ataca Hillebrand, agora nominando-o *de homem do governo*. (grifo nosso)

“Temos combatido com não pequeno ardor, permitam-nos a imodéstia, o atual prefeito, mas jamais recusamos nosso aplauso quando s.s age sob os mais elevados e nobres impulsos em bem da coletividade. *E agora, o chefe do executivo carazinhense, perfeitamente imbuído de suas responsabilidades de homem do governo, neste momento grave que nossa Pátria atravessa, praticou uma ação profundamente patriótica, porque visa atenuar a situação aflitiva de um marginal político que vem arrastando um negro sudário de sacrifícios, só suportável por uma alma estóica, por uma individualidade máscula!* Diante de um gesto tão meritório, que ainda mais exalta sua superioridade espartana, não mais duvidamos de que s.s no próximo embate eleitoral, levará as urnas os prometidos 80% do eleitorado. E quem duvidar leia só esse pedacinho de ouro do Diário Oficial de 13 do andante, na secção do Conselho Administrativo do Estado, que trás o expediente referente aos officios dos srs. Prefeitos: Carazinho remetendo cópia do dec.-lei n.04 de 28-2-45 que aumenta o subsídio e a representação do prefeito. Quem não admirar sinceramente a nobreza velada dessa humilde comunicação, não passa de um comunista no duro.”<sup>142</sup>

Em 02 de abril de 1945 como já mencionamos o periódico se achava numa situação política delicada, agora ele era oposição ao governo federal, enquanto Hillebrand estava em situação confortável pois quem estava no governo ainda era Vargas, então o discurso teria que ser mais tolerante quando se referia ao executivo. Nesta data a crônica iniciou afirmando que o Jornal da Serra não tinha nenhuma questão pessoal contra o prefeito, o que na verdade havia, era o descontentamento de uma grande parcela da população, em relação à postura da administração. Admitiu no entanto, que o jornal começou sozinho com algumas críticas construtivas e que posteriormente a coisa foi se avolumando.

---

<sup>142</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.386, 21 mar.,1945. p. 1

“Um simples relançar de olhos no fonograma enviado ao sr. Interventor basta para se comprovar o divórcio existente entre o poder público e a população e pulverizar toda e qualquer interpretação depreciativa. Não somos mais um, mas uma verdadeira multidão a lançar a sua voz de protesto. Os fatos vem provar que conosco está a Razão, conosco está a Verdade, conosco está o Direito. Esperamos, portanto, que se nos façam agora JUSTIÇA(grifado no original).”<sup>143</sup>

Em 04 de abril de 1945, Afonso escreve sobre o envio do fonograma ao sr. Interventor, afirmou que as várias assinaturas iriam demonstrar ser do congraçamento da coletividade a vontade de mudança na cadeira do executivo local. É interessante como essas expressões “vontade de todos”, “vontade da coletividade”, são usadas com autoridade pelo cronista sem qualquer constrangimento.

Em 16 de abril de 1945 ocorreu um novo atropelo de acusações ao prefeito, por parte de Afonso Pedro, explicado pelo surgimento de um defensor do poder executivo. Seria aqui o Jornal Noticioso. Então Afonso mais que depressa, voltou a abordar sobre o conhecido problema da péssima luz no município, tentou efusivamente esclarecer que os argumentos explicativos dos interessados em abonar a culpa da administração pública eram parcos e sem conteúdo e que com isso não deviam convencer a coletividade. Observamos nesta crônica um gradual fortalecimento político de Hillebrand que já conseguiu um jornal para rebater as afrontas de Canuto e Afonso Pedro.

“Nota-se com facilidade, a ginástica feita para camuflar os fatos dando-lhes uma interpretação diferente, o esforço despendido para embasbacar os incautos, para afastar responsabilidades. São explicações estudadas, limadas para surtirem efeito. Mas é inútil. A documentação é copiosa e os fatos bem atestam o contrário. A lógica é uma só e está acima dos malabarismos da palavra falada e escrita.”<sup>144</sup>

Em 20 de julho de 1945, o *Cousas da Cidade* de Afonso Pedro começou anunciando que Carazinho tinha novo prefeito. Regozijou-se perante almejada e vitoriosa conquista. E diante de tão esperado acontecimento, interpelou justificando que.

---

<sup>143</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.390, 02 abr.,1945. p. 1

<sup>144</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV,n.1.396, 16 abr.,1945. p.1

“...os trabalhos do Jornal da Serra referentes à administração municipal, sempre primaram por serem críticas construtivas e que tiveram como único objetivo, o bem estar de toda a coletividade. O jornal reconhece sua responsabilidade diante do fato acontecido no entanto tudo se fez em nome da coletividade”.<sup>145</sup>

O afastamento de Hillebrand não pode ser interpretado como sua derrota, na verdade havia sido convidado para assumir alta chefia junto ao transporte ferroviário. Nas linhas finais dessa crônica se tem a legítima configuração, do que se pode vir a se chamar de abuso de poder da imprensa, o jornal em tom ameaçador assim escreveu: *Sirva de exemplo à lição do passado*, quis subentender ele com essa afirmação, que se o novo prefeito não viesse a se curvar diante das diretrizes do jornal, poderia também vir a se deparar com esse mesmo inimigo implacável.

Este é um tipo de situação, que comumente se estrutura, principalmente nos lugares onde na maior parte do tempo, existe um único jornal com maior poder de circulação. Daí pode se originar um clima muito delicado e perigoso, fazendo entender assim, a ameaça que isso vem representar para a tão buscada democracia.

No entanto temos que avaliar também que o substituto de Hillebrand era fiel a Getúlio e portanto contrário a facção política de Canuto, então este precisava pressionar para ser considerado, talvez isso esclareça um pouco o tom ameaçador da frase publicada no jornal.

Em 27 de julho de 1945 o *Cousas da Cidade*, para dar boas vindas ao novo prefeito, fez brotar palavras poéticas, de forma a associar o fim da estiagem na comuna, à chegada do esperado administrador. Parecia ter ele conquistado as bênçãos de São Pedro afirmou Afonso. Até aos santos o jornalista recorria para convencer a validade de seus argumentos. Em seguida percebemos claramente o esforço do jornal na tentativa de criar um clima de parceria junto ao novo mandatário.

“E com a presença de elementos representativos das classes econômicas, em diversas reuniões abordou o assunto, estudando a possibilidade de normalizar o fornecimento de força e de luz e o da água encanada. Para isto, diversas medidas estão sendo postas em prática para evitar as desagradáveis interrupções. Como se vê, o novo prefeito, numa atitude sob todos os pontos de vista louvável,

---

<sup>145</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.435, 20 jul.,1945. p.1

não segue a política do isolamento, mas se aproxima espontaneamente das classes econômicas, para melhor enfrentar e resolver os nossos grandes problemas. Esperamos que esta atitude não sofra solução de continuidade. Porque do perfeito entendimento entre o poder público e a população tudo se pode esperar para o maior progresso de Carazinho.”<sup>146</sup>

É possível nessa crônica avaliarmos as considerações de Chartier, quando este nos afirma que os imaginários estão em correlação com propostas de controle social, com utopias, com meios de difusão, com figuras carismáticas (orientando e canalizando esperanças, angústias e manipulando emoções...)<sup>147</sup>.

Quando do afastamento de Hillebrand do cargo de prefeito de Carazinho, em sessenta dias, teve à frente da administração três prefeitos nomeados; Romeu Scheibe, de 1º de outubro de 1945 a 17 de novembro de 1945; Jorge Fonseca Pires, de 17 de novembro de 1945 a 4 de dezembro de 1945 e finalmente, Antonio Ferreira Gomes, de 4 de dezembro de 1945 a 30 de março de 1946.<sup>148</sup>

Na verdade, o substituto de Hillebrand seria alguém próximo à filosofia varguista. Neste momento da substituição do prefeito, Canuto mais alguns outros antigos do PRR estavam em vias de formar junto com o PL e o PRL a União Democrática Nacional (UDN), que apoiava a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes a presidência da República, ao passo que a facção de Hillebrand e de Getúlio Vargas apoiava Eurico Gaspar Dutra.<sup>149</sup>

Esse pleito aconteceu em 02 de dezembro de 1945, onde o resultado parcial nacional publicado pelo Jornal da Serra em 07 de dezembro de 1945, foi o seguinte: Eurico G. Dutra obteve 931.472 votos, enquanto que Eduardo Gomes fez 601.203 votos.<sup>150</sup> Com esse enfraquecimento político é entendível o motivo que leva Canuto a pensar em afastar-se dos trabalhos jornalísticos ao encerrar o ano de 1945.

Depois desse tópico essencialmente político, cabe reconhecermos que o Jornal da Serra representou uma postura opositora constante à figura de Hillebrand. A sucessão de acusações à administração municipal, presentes nas crônicas de Canuto e de Afonso de 1930 a 1945, é a comprovação desse entendimento. O afastamento do prefeito em 1945

---

<sup>146</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.438, 27 jul.,1945. p.1.

<sup>147</sup> CHARTIER, Op. Cit., p.173-191

<sup>148</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.166

<sup>149</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.439, 30 jul.,1945. p.1.

<sup>150</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.491, 07 dez., 1945. p.1.

demonstrou seu poder de força. Apesar disso, podemos observar que este jornal em muitos momentos, foi de fundamental importância, para que vários dos empreendimentos dessa comunidade nas décadas de 30 e 40 realmente acontecessem.

Parece então, que um meio de comunicação pode pecar bem mais quando passa a ser coparticipante de uma administração pública. Sim, por que muitas vezes o que também ocorre, é dos governos utilizarem-se do dinheiro público para comprarem a opinião do jornal e este para se manter, adequa-se.

É incontestável considerarmos que a participação e o apoio econômico de uma prefeitura em relação aos outros serviços prestados numa comunidade, representa bastante nos municípios pequenos. Assim, ela geralmente não está sozinha, agrega a si muitas vezes outros segmentos econômicos que a sustenta. E essas forças somadas, podem dificultar fortemente a vida econômica de um jornal. O que pode constituir-se a partir daí, é o acobertamento de grandiosas falcatruas e atrocidades. Então, a proporção do problema passa a ser bem maior. Para evitar esse perigo, Thompson prega a implementação do princípio do pluralismo regulado, que exigiria um nível de vontade política e de cooperação internacional, que na maioria das vezes se encontra ausente da cena política contemporânea, ou seja, requereria duas medidas concretas: a desconcentração dos recursos financeiros nas indústrias da mídia e a separação das indústrias da mídia do exercício do poder estatal. Talvez essa alternativa pudesse vir a assegurar a existência de uma mídia imparcial e independente, isso seria vital para o desenvolvimento de uma política democrática onde a diversidade de opiniões pudesse ser expressa e onde a atividade daquele que governa pudesse ser examinada criticamente e se necessário restringida.<sup>151</sup> Este apontamento de Thompson nos apresenta uma lógica razoável, no entanto ainda longe de ser implantada efetivamente.

Assim, desenvolvemos neste ítem uma abordagem geral da estruturação do município propriamente dito nas décadas de 30 e 40. Fizemos primeiramente, uma análise da luta pela emancipação, o envolvimento com a Revolução de 1930, o movimento de 1932 e o Estado Novo de 1937, ou seja, as ações que marcaram esse espaço como um lugar autônomo sujeito de sua história. Posteriormente percebemos através das crônicas, os

---

<sup>151</sup> THOMPSON, Op., Cit., p. 29-30



enfrentamentos acirrados das facções políticas que construíram os primeiros anos da história de Carazinho,

Examinamos através das ações e pelas diversas obras edificadas, que Carazinho, nas décadas de 30 e 40, teve seus propósitos de crescimento bastante definidos e que soube caminhar a passos largos em busca de seus ideais. Antes de prosseguirmos analisando as crônicas *Respingos e Cousas da Cidade*, é pertinente identificarmos detalhadamente os autores das mesmas. Quem foram Canuto e Afonso Pedro? Como surgiram na história desse lugar? Quais foram seus mundos de relações? É o que se tentará esclarecer no próximo tópico.

### 1.3 – Biografia dos cronistas

#### 1.3.1 - Canuto

Astério Canuto de Souza nasceu em Quaraí em primeiro de janeiro de 1887, sendo filho de Miguel José de Souza e Felicidade Martins de Souza, seus pais ocupavam-se com o trabalho em Armarinhos (venda de comidas, bebidas, fazendas...).<sup>152</sup> Canuto, foi um homem de estatura alta, mediu um metro e noventa de altura e tinha descendência portuguesa.<sup>153</sup>

Estudou com o professor José Dihel, educador que mantinha uma escola particular. Bem mais tarde fez o curso de contador técnico.<sup>154</sup>

Passou sua infância em Quaraí e na cidade uruguaia de Artigas, separadas unicamente pelo Rio Quaraí. Como toda a cidade de fronteira, existia muito entrosamento entre brasileiros e uruguaios, assim Canuto falava fluentemente o espanhol, sendo até em uma época, empregado na cidade de Artigas.<sup>155</sup> Em 12 de fevereiro de 1945 o Jornal da Serra assim noticiava:

---

<sup>152</sup> Informações obtidas em biografia construída por Leda Bueno de Souza (filha mais velha de Canuto), pela passagem dos 50 anos do Patronato Santo Antônio de Carazinho, e mostrada por Aparecida Souza de Paiva, na entrevista realizada em 23 de setembro de 2006.

<sup>153</sup> Informações obtidas em entrevista realizada com Maria Aparecida Souza de Paiva, neta de Canuto, no dia 23 de setembro de 2006. A constituição deste sub-capítulo foi feita tomando por base, estas informações.

<sup>154</sup> SOUZA, Leda Bueno de. Id.ibid.,p.1

<sup>155</sup> SOUZA, Leda Bueno de. Id.ibid., p.1

“No dia 18 de janeiro viajou para Quaraí em companhia de sua família, em gozo de férias, o sr. A.Canuto de Souza diretor desta folha. A saudade o levou a rever a sua terra natal após 14 anos de ausência. Na cidade fronteiriça, Canuto tem sido alvo de inequívocas demonstrações de estima e de simpatia e no dia primeiro do corrente foi lhe prestada significativa homenagem.”<sup>156</sup>

Na mocidade foi viajante da Firma de Secos e Molhados do sr. Antônio Rego Magalhães em Pelotas em 1907, percorreu as regiões de Uruguaiana, Bagé, Alegrete, Quaraí, Sant’Ana do Livramento, peregrinando assim toda a campanha. Morrendo um filho do sr. Rego Magalhães, ele encerrou as atividades da empresa e Canuto foi para Sant’Ana, onde continuou viajando, para outros rumos, como Montevideú, Florianópolis, Paranaguá, Antonina e Santos.<sup>157</sup>

Foi para Palmeira das Missões em 1914, conhecendo aí o ilustre advogado Dr. Valentim Aragom, juiz de direito da cidade e muito ligado ao jornalismo, indivíduo este que despertou em Canuto o gosto pela comunicação escrita. Fundou então aí o Jornal A Palmeira onde passou a escrever e lutar pelas causas da comunidade.<sup>158</sup>

Foi em Palmeira das Missões também, que Canuto conheceu Hibraina Brandão Soares e com ela teve um filho, Bráulio de Souza que nasceu em 24 de agosto de 1916. Posteriormente conheceu Maria Isabel Bueno de Souza, no qual contraiu núpcias. Esta era filha de José de Oliveira Bueno e Rachell de Oliveira Bueno. Canuto e Isabel tiveram sua primeira filha Leda Bueno de Souza em 1921.<sup>159</sup>

Canuto construiu também o primeiro hotel em Iraí, o “Hotel das Termas” em 1920, no lugar onde hoje está o Colégio Notre Dame.<sup>160</sup> Conforme Maria Aparecida a neta de Canuto, este



*Figura 3: Canuto e a esposa (grávida da primeira filha – Leda)-1921*

<sup>156</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.370, 12 fev., 1945. p.1.

<sup>157</sup> SOUZA, Leda Bueno de. Id.ibid.,p.1

<sup>158</sup> SOUZA, Leda Bueno de. Id.ibid., p.2

<sup>159</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id.Ibid.

<sup>160</sup> SOUZA Leda Bueno de. Id.Ibid., p.2

hotel foi queimado em 1929, devido a revolução de 1930<sup>161</sup> que se iniciava. A neta nos afirma que ouvia a família comentar que a cidade seria incendiada e que o hotel seria o primeiro e foi o que aconteceu. Nesse hotel havia um cofre, com documentos e escritos importantes que foram todos perdidos.

O fato, de este jornalista perder seu hotel, porque atearam fogo nele, nos dá a possibilidade de poder avaliarmos a dimensão que chegaram a desencadear seus escritos em Palmeira das Missões. Tudo bem que outros prédios também foram vitimados, mas a expressão, “*o jornal seria o primeiro*”, já nos dá margem para no mínimo compreendermos a pressão vivenciada e a postura do sujeito Jornal-Canuto, diante daquele contexto social vivido.

Então, Canuto e a família perderam tudo e foram para Passo Fundo, aí já transcorria o ano de 1929. Ali fundou o Jornal da Serra.<sup>162</sup> Conforme a neta Maria Aparecida, esse jornal, foi dado a seu avô por favores políticos, onde posteriormente este teria sido pago.

Em 1930 Canuto serviu como major, nas tropas do coronel Vitor Dumoncel em Santa Bárbara do Sul.<sup>163</sup> Maria Aparecida assinalou que Canuto conseguiu o cargo de major, talvez porque já escrevia nesse tempo, com isso, recebia tratamento diferente.

Foi em Passo Fundo que nasceu a segunda filha de Canuto, Therezinha Bueno de Souza, no dia 12 de janeiro de 1930. Terminada a revolução, transferiu-se para Carazinho em primeiro de dezembro de 1930, trazendo consigo o Jornal da Serra, que apareceu nessa cidade em 11 de dezembro do mesmo ano.<sup>164</sup> Bocorny nos afirma que sem dúvida alguma, foi o jornal mais importante e combativo da história de Carazinho, pois praticamente nasceu com o município.<sup>165</sup>

Canuto morou em Palmeira das Missões desde 1914. Passou por Iraí para construção do Hotel em 1920. Em 1929 mudou-se para Passo Fundo. E transferiu-se para Carazinho em primeiro de dezembro de 1930. Pode-se observar que viajou bastante em

---

<sup>161</sup>PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. O autoritarismo de Júlio de Castilhos a Getúlio Vargas: a gauchização da política brasileira no pós-1930. In: TARGA, Luiz Roberto Pecoits(Org.) Breve inventário de temas do sul, P. Alegre: UFRGS, 1988. p. 199. A Revolução de 1930 propunha a renovação dos costumes políticos e a restauração das práticas da democracia, dentro da ordem e do regime. Ocorreu então, um acordo entre Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul que abriu caminho à ascensão de Getulio Vargas ao poder nacional.

<sup>162</sup>SOUZA, Leda Bueno de. Id.Ibid., p.2

<sup>163</sup>SOUZA, Leda Bueno de. Id.Ibid., p.2

<sup>164</sup>SOUZA Leda Bueno de. Id.Ibid., p.2

<sup>165</sup>BOCORNLY, Lio Guerra. & GOMES, Odilo. *Carazinho Nossa Terra Nossa Gente*. Poesias e Apontamentos. Carazinho-RS, Janeiro/2006.p. 202

função de sua atividade como vendedor, e a partir do momento que iniciou seus trabalhos como jornalista, continuou a não criar raízes. Na verdade, a família foi expulsa desse município, com o hotel de sua propriedade incendiado.

Chegaram a Passo Fundo através de ajudas, talvez já da maçonaria. A neta não soube afirmar com muita convicção, desde quando Canuto tornara-se maçom, pois ele não falava com a família sobre isso; em relação a esse assunto tudo era muito secreto. Em seguida ganhou o jornal, que posteriormente teria sido pago. Em 1945 Canuto visita Quaraí, onde recebe homenagem. O Jornal da Serra quis com isso insinuar, que outros lugares reconheciam ao trabalho árduo do jornalista em prol do bem comum, ao passo que Carazinho, essa verdade ainda não havia acontecido.

Em Carazinho a família Souza morou junto a Av. Flores da Cunha, nos fundos de onde funcionou o Jornal da Serra, mais precisamente onde por um tempo existia as antigas Casas Pernambucanas, antes um pouco dos atuais bancos Santander e Bradesco.

Posteriormente Canuto construiu sua residência projetada pelo engenheiro Bonerge um pouco mais ao fundo, onde hoje é a rua, Expedicionário Claudino Pinheiro, nº 63-Centro/Carazinho. Nessa residência morou o resto de sua vida com sua esposa Maria Isabel (D. Petita-do francês *la petit*), suas filhas, Leda e Therezinha (Teca). Atualmente mora ali sua neta Maria Aparecida (Neca), filha mais nova de Leda, profissional artesã e professora de informática.<sup>166</sup>

Foi em Carazinho que Canuto veio a conhecer seu filho, pois não sabia da existência de Bráulio. Este o escreveu uma carta em 1936, pois precisava do reconhecimento paterno para casar, Bráulio foi registrado então em 1940, teve por sua vez seis filhos. Um deles o Carlos Alberto M. de Souza, que nasceu em 06 de dezembro de 1955, seguiu a profissão do avô e atualmente é jornalista, trabalha na Zero Hora.<sup>167</sup>

Canuto tinha como lazer e gosto particular ler muito e conversar sobre política. Frequentava o Clube Comercial em Carazinho, já com esse principal propósito. Era contra Getúlio Vargas.<sup>168</sup> Na verdade, esse anti-Varguismo mencionado pela neta existiu realmente, mas a partir de 1945, antes disso, de 30 à 44 Canuto foi pró-Vargas, o acirrado teor de seus discursos de constante oposição a Hillebrand é a comprovação dessa

---

<sup>166</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id.Ibid.

<sup>167</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id.Ibid.

<sup>168</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id.Ibid.

verdade.<sup>169</sup> No entanto passa a partir de 1945, juntos com outros fortes do PRR (como Borges de Medeiros, Araújo Vergueiro...), a adotar uma posição de contestação ao governo Vargas.

Também foi ateu convicto, maçom do mais alto grau. Foi preso três vezes, pois quando Getúlio realizava algo desalinhado a nível nacional, Canuto comentava em suas crônicas e como as denúncias corriam solta, sua esposa dona Maria Isabel já sabia, deixava a mala pronta. Ele era preso, entrava na cadeia pela porta da frente e os maçons o tiravam pela porta dos fundos. Na terceira vez ela chegou a alertar para que este fosse com calma, pois poderia acontecer da maçonaria não conseguir tirar ele a tempo.

A neta afirmou que dos cinco cartórios conseguidos por intermédio da política, cada vez que Canuto ia preso, perdia um deles.<sup>170</sup> Essas prisões mencionadas pela neta de Canuto podem ter ocorrido a partir de 45, quando este passa a fazer oposição acirrada ao continuísmo de Vargas e apóia daquele jeito radical que Canuto sabia fazer política, a candidatura de Eduardo Gomes à presidência da república. Essa mudança política de Canuto também pode ter forte vinculação com a posição da Maçonaria Brasileira, pois em 09 de março de 1945 o Jornal da Serra assim mencionou:

“O Grão-Mestre da Maçonaria Brasileira, Rodrigues Neves, publicou veemente apelo a Nação para que se solucione, dentro da ordem, a crise política que avassala o país. Desse documento que é longo, destacamos o seguinte: Tinha-se como certo que o sr. Getúlio Vargas decretaria anistia ampla e irrestrita que a consciência cívica do Brasil reclama, bem como um ato adicional tendendo a ajustar desde logo o país aos princípios porque morrem os nossos filhos no campos de batalha, princípios estes já praticamente vitoriosos sobre os sistemas de tirania. *O ato adicional contudo não modificou em nada a estrutura do Estado Novo. Se não prevalecer a tentativa de acordo para o candidato único, há outros remédios. Publique-se a Lei Eleitoral e que ela não nos decepcione mais uma vez. Fundem-se os partidos. Mantenhamos a liberdade de opinião, de reunião, de organização política e econômica. Os partidos organizados, poderão entender-*

---

<sup>169</sup> TRINDADE, H., NOLL, Op. Cit., p.66. No pós-45, o padrão nacional de confrontação partidária traduziu-se na polarização PSD(Partido Social Democrático)-PTB(Partido Trabalhista Brasileiro) *versus* UDN(União Democrática Nacional). CAVALHEIRO Op. Cit., p.166 Nesse período, os sujeitos em estudo ficaram assim distribuídos: Albino Hillebrand e Getúlio Vargas no PTB e Homero Guerra, Canuto de Souza, Flores da Cunha e Borges de Medeiros na UDN.

<sup>170</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id.Ibid.

*se por cima das formulas que adotarem, para assegurar a Nação eleições corretas e livres.*<sup>171</sup> (grifo nosso)

A neta nos afirmou que na época da guerra, os alemães não podiam ter terra, rádio e nem falar o idioma alemão. Assim várias famílias alemãs, passaram suas terras para o nome de Canuto para continuarem ali morando, trabalhavam como se fossem empregados nessas propriedades.<sup>172</sup> O fato dos alemães passarem terras à Canuto, vem demonstrar que este não tinha diferenças com os alemães, as ofensas nas crônicas aos germânicos eram dirigidas unicamente a Hillebrand, apesar desse endereço certo não ter um resultado tão certo assim.

Outras famílias de Carazinho, também receberam terras de alemães. No fim da guerra, Canuto passou-as de volta a seus legítimos donos. Estas famílias quiseram pagar-lhe, através de doação de porção da terra, mas ele não aceitou, pois achava que como eles estavam ali a tantos anos tinham direito sobre elas, pois as haviam conseguido com trabalho e muito suor. Ela afirmou ainda, que tem muitas famílias com nome respeitável em Carazinho atualmente, que ficaram com as terras dos alemães e hoje são ricas.<sup>173</sup>

Segundo a neta, Canuto tinha ótimo relacionamento com as suas filhas e esposa, esta última também de um temperamento bastante forte. Maria Aparecida nos relata que escutava sua mãe contar-lhe que ainda em Palmeiras das Missões, Canuto havia sido ameaçado por Valzumiro Dutra:<sup>174</sup> Este teria ameaçado Canuto, porque nessa época era oposição a Getúlio.<sup>175</sup> “Se ele continuasse a sair de noite, poderia não amanhecer”. A esposa de Canuto não se acobardou e espalhou para todos, que saía com uma Winchester debaixo do xale e a filha mais velha à mão dizendo: “Pode matar Canuto, mas o primeiro a morrer é o senhor, eu e minha filha também podemos morrer, mas o senhor é o primeiro”.<sup>176</sup>

---

<sup>171</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.381, 09 mar., 1945. p.1.

<sup>172</sup> GERTZ, Op. Cit., p.154 O decreto lei 4.166 de 11 de março de 1942, determinava o confisco dos bens dos súditos do Eixo para indenizar o Brasil pelos prejuízos causados ao país pela Alemanha, Itália e Japão.

<sup>173</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id.Ibid.

<sup>174</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id.Ibid.

<sup>175</sup> Escrito de Protásio Vargas a seu irmão Getúlio, de 12 de março e 24 de setembro de 1939 informa que Valzumiro Dutra que se encontrava na oposição, estava se aproximando do interventor. Arquivo Getúlio Vargas. Apud GERTZ, Op. Cit., p.26

<sup>176</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id. Ibid.

Seguidamente se percebia mudanças na forma do jornalista assinar as crônicas *Respingos*, às vezes escrevia Canuto e outras Knuto. Conforme Leda Bueno, através do Jornal da Serra seu pai procurou respaldar aspirações da comunidade, tais como a emancipação do município, a instalação da luz elétrica, a realização do Hospital de Caridade, a fundação do Patronato Santo Antônio, calçamento de ruas, movimentos patrióticos, campanhas filantrópicas. Contribuindo assim, pelas causas que beneficiaram o desenvolvimento de Carazinho. O grande sonho de Canuto foi conseguir tornar o jornal diário, o que conseguiu com a duração de poucos meses, isto porém exigiu-lhe um esforço enorme. Trabalhava dia e noite com poucas horas de descanso, pois acumulava junto com o Jornal o cargo de 1º Tabelião da cidade.<sup>177</sup>



Figura 4: Av. Flores da Cunha, Prédio do Navio – Local do 1º tabelionato de Canuto - 1950

Conforme Leda Bueno de Souza, com um ritmo de trabalho acelerado, Canuto ficou com a saúde abalada. Em 1945 Canuto vendeu a oficina do jornal, conservando zelosamente para si, o título de Jornal da Serra, do qual nunca quis se desfazer.<sup>178</sup>

É interessante observar, que este jornalista resolveu afastar-se de suas atividades coincidentemente quando o primeiro governo Vargas chega ao fim. De alguma forma esses fatos podem estar imbricados. Hora, Canuto fez campanha acirrado para o candidato de

---

<sup>177</sup> Leda Bueno de Souza. Id.ibid. p.2

<sup>178</sup> Leda Bueno de Souza. Id.ibid. p.2

oposição a Getúlio, Eduardo Gomes, que perdeu nas eleições de 2 de dezembro de 1945 para Eurico G. Dutra, ex-ministro da guerra de Getúlio e portanto apoiado por ele. Canuto encontrava-se totalmente enfraquecido a partir de 1945, justificando com isso sua vontade de vender o jornal.

Sua filha Leda afirmou que de 1930 até 1958 quando se aposentou, Canuto exerceu o cargo de 1º Tabelião de Carazinho.<sup>179</sup> Posteriormente a oficina do Jornal da Serra passou a ser do Partido Social Democrático-PSD, depois, sua circulação foi interrompida. Em 49, este foi locado a Túlio Fontoura,<sup>180</sup> conforme Jungbeck, Túlio foi inspetor de ensino em 1939 e também jornalista político, criou o jornal passo-fundense, A Luta (1931-1932) e a empresa Diário da Manhã em 28 de novembro de 1935.<sup>181</sup>

Canuto faleceu a 26 de agosto de 1964 com a idade de 77 anos, acometido de câncer. O sr. Camacho conta que Canuto foi um homem de muita coragem, muito desprendido, não aparentava medo de nada. Era muito sério, e sua morte foi muito sentida. No enterro houve grande acompanhamento de todas as camadas sociais incluindo os alemães. O sr. Camacho observa, que ele também foi.<sup>182</sup>

As filhas de Canuto morreram ambas, no ano de 2000. Leda morreu em 31 de Julho, e Therezinha em 29 de novembro. Bráulio ainda vive e possui residência no município de Cruz Alta desde 01 de março de 1932, onde trabalhou sempre com o ramo de farmácia.

Canuto foi enterrado em Carazinho, no Cemitério Municipal, pois o padre João Sorg não deixou que ele, maçom convicto, fosse sepultado no cemitério católico. Esse padre alemão e Canuto tiveram muitas diferenças em vida.<sup>183</sup>

Canuto têm em Carazinho em sua homenagem uma rua com seu nome. Tem também a Banda Municipal Astério Canuto de Souza, fundada em 1984. E uma escola no atual município de Santo Antônio, que em 1930, ainda era distrito de Carazinho.

Após saber um pouco mais sobre Canuto, vemos quem foi Afonso Pedro, figura que na análise da trama política que envolveu esse momento, transformou-se em um personagem bastante curioso.

---

<sup>179</sup> Leda Bueno de Souza. Id.ibid. p.2

<sup>180</sup> BOCORNY, Op. Cit., p. 202

<sup>181</sup> JUNGBECK. Benhur. Perigo Eminente: A Segunda Guerra Mundial na Leitura da Imprensa Passo-fundense. Dissertação-Mestrado, UPF. 2005 p.12

<sup>182</sup> SILVA, Antônio Ferreira da. (sr.Camacho). Id.ibid.

<sup>183</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id.ibid.



### 1.3.2 - Afonso Pedro

Em relação a Afonso Pedro e sua coluna *Cousas da Cidade*, a neta de Canuto Maria Aparecida, chegou a informar, não com muita convicção, pois conviveu com seu avô somente até seus nove anos de idade, que poderia essa pessoa não ter existido e ter sido um pseudônimo criado por ele.<sup>184</sup>

O sr. Américo Michelini assinalou não recordar-se de Afonso Pedro. Conheceu Canuto, quando este ainda era um homem de meia idade, detinha grande atividade política, amigos e muitos adversários.<sup>185</sup>

Se Afonso Pedro foi um pseudônimo criado para esconder alguém, é natural que poucos conhecessem sobre a identidade dessa figura. Posteriormente Bocorny veio publicar que Afonso Pedro era pseudônimo sim, de um médico da época o Dr. Alfredo D'Amore.<sup>186</sup>

Na crônica de 24 de novembro de 1938, podemos conferir a proximidade existente entre Canuto e Alfredo, quando o primeiro indicou o segundo para a diretoria do hospital.

“Iniciada a construção do hospital, urge que sua diretoria desenvolva uma rigorosa campanha para aquisição de numerário, a fim de fazer frente às despesas da mesma. E tal só poderá acontecer se a sua frente tiver um homem da estatura moral e intelectual, do prestígio social e do desprendimento do Dr. Alfredo D'Amore, cujo dinamismo e capacidade de trabalho, aliados a sua larga visão de médico, saberão vencer todas as dificuldades. Apresentado sua candidatura à presidência do Hospital de Caridade, o que fazemos sem o consultar, mas convictos de que sr. não recusará esse inestimável serviço à população de Carazinho, que o admira e estima, concintamos todos os bons brasileiros a ampará-la, porque ela é digna de nosso voto.”<sup>187</sup>

Por sua dedicação às classes menos favorecidas, foi cognominado “Pai dos Pobres”, fundando em Carazinho a primeira casa de saúde.<sup>188</sup> Outra vez se têm Canuto argumentando sobre D'amore em 17 de março de 1944, onde exaltou o espírito de benevolência desse médico.

---

<sup>184</sup> PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Id.ibid.

<sup>185</sup> MICHELINI, Américo. Id.ibid.

<sup>186</sup> BOCORNY, Op. Cit. p.164

<sup>187</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 24 Nov., 1938. p.1

<sup>188</sup> BOCORNY, Op. Cit., p.164

“Praticando a medicina, não como forma para alferir os meios indispensáveis para prover sua subsistência e acumular recurso, mas antes como a arte de fazer o Bem, como a ciência que ensina a minorar o sofrimento de seus semelhantes, a combater as dores alheias, Alfredo D’Amore com o seu indefectível sorriso bonacheirão, atende a todos indistintamente, ricos e pobres, pequenos e grandes, brancos e pretos, sem indagar de seus recursos, sem preocupação de lucros, vendo tão somente em seus clientes entes que sofrem, que tem uma dor a ser aliviada, um mal a combater, um quisto a extirpar. Contando com uma das maiores e mais concorridas clínicas da cidade.”<sup>189</sup>

O reconhecimento dessa figura por parte do jornal também fazia parte de toda a trama de poder. Quer dizer, se Hillebrand tinha a seu lado o padre que com certeza gozava de muito prestígio perante seus fiéis. Canuto tinha então, D’Amore médico renomado e benevolente, o “Pai dos Pobres”.

Nessa mesma crônica de 17 de março de 1944, é possível perceber que Canuto queria contagiar à todos com sentimentos de apreço em relação a D’ Amore, pois a lógica essencial era, maior credibilidade pública, maior força, conseqüentemente, maior poder.

“...apesar desses dez longos anos de serviço a toda uma coletividade, Alfredo D’Amore permanece pobre, pois fez da medicina um sacerdócio e não um meio de ganhar a vida. Impressionado com essa despreocupação pelos bens materiais, seus amigos e admiradores cogitam organizar diversas comissões, para angariar recursos monetários com os quais será adquirida uma casa a ser oferecida ao ilustre bem feitor dos que sofrem, resgatando-se, dessa maneira uma dívida de gratidão que a população de Carazinho contraiu para com o incansável profissional da medicina. Ao que estamos informados, essa feliz e oportuna iniciativa dos dedicados amigos do Dr. Alfredo D’ Amore vem sendo acolhida em todas as camadas sociais com a mais viva simpatia. Escusado será dizer que o Jornal da Serra aplaudindo calorosamente a iniciativa, põe desde já suas colunas a disposição da comissão organizadora, para cooperar nessa cruzada de gratidão.”<sup>190</sup>

---

<sup>189</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n. 1234, 17 de mar.,1944. p. 1

<sup>190</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n. 1234, 17 de mar.,1944. p. 1

D'Amore nasceu em 20 de setembro de 1901 em São Paulo, formou-se em medicina na cidade de Porto Alegre, e exerceu essa nobre profissão na cidade de Carazinho por quase 20 anos.<sup>191</sup>

Paralelamente às suas atividades como médico, foi um político atuante às fileiras do antigo Partido Libertador, e escreveu por muitos anos no Jornal da Serra, sob o pseudônimo de Afonso Pedro. Faleceu em Carazinho, num acidente automobilístico, em 16 de junho de 1951, enlutando toda a população e em sua memória, além do Grupo Escolar da Vila Floresta criado em 26 de outubro de 1962, que em 23 de junho de 1964 pelo decreto nº 16.664 passou a denominar-se Grupo Escolar Dr. Alfredo D'Amore, foi erguida uma herma na Praça que leva o seu nome e está localizada em frente ao Hospital de Caridade de Carazinho, onde tanto atuou e tantas vidas salvou.<sup>192</sup>

Na Loja Maçônica Honra e Trabalho de Carazinho, consultando os cadernos de Atas de 28 de dezembro de 1932 à 07 de junho de 1934, 11 de junho de 1934 à 30 de junho de 1939 e 19 de julho de 1939 à 12 de novembro de 1946 observamos pelas assinaturas constadas, que Alfredo D'Amore não pertenceu a maçonaria.

Também é patrono de um Centro de Tradições, o CTG Alfredo D'Amore, fundado em maio de 1979. Então, Alfredo D'Amore é triplamente homenageado no município, é nome de praça, escola e CTG. Ele também foi médico do Veterano Futebol Clube de Carazinho. Quando faleceu, vitimado por acidente de trânsito, a cidade parou e o comércio fechou as portas em sinal de luto.<sup>193</sup>

Depois de se termos uma maior compreensão dos sujeitos Canuto e Afonso Pedro, figuras políticas que norteiam o campo central deste estudo, e considerando que esses cronistas tinham como objetivo desqualificar Hillebrand e seu grupo católico, continuaremos a explorar a argüição de seus discursos, agora montando um paralelo, tentando identificar e detectar nestes; Que argumentos usaram para criticar o segmento antagônico? Que espécie de elogios construíram? Que visão de futuro previam para o local de seus impressos?

---

<sup>191</sup> BOCORNY, Op. Cit., p.164

<sup>192</sup> BOCORNY, Op. Cit., p.164

<sup>193</sup> BOCORNY, Op.Cit., p.291

## 2 – UM OLHAR PARA DENTRO

### 2.1 - Os cronistas olham a cidade e a administração

Depois de se ter feito enfoque ao município em estudo e aos autores dos discursos analisados, pretendemos concomitantemente em que se reflète sobre algumas concepções de região, buscar compreender que sentido criaram as crônicas do Jornal da Serra no cotidiano vivido dos carazinhenses.

Assim, construiremos um quadro comparativo de críticas, elogios e visões de futuro construído pelos cronistas, de forma a perceber a predominância maior ou menor de cada uma dessas possibilidades nos discursos. Para isso tomaremos como premissa as palavras de Bourdieu, onde este nos afirma que as representações mentais envolvem atos de apreciação, conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural. As representações objetivas expressas em coisas ou atos, são produtos de estratégias de interesse e manipulação.<sup>194</sup>

Então, mais ou menos críticas, mais ou menos elogios, ou mais ou menos visões de futuro, tudo têm um porquê e é este porque que se pretende buscar nas crônicas neste novo capítulo. Assim se justifica *Um olhar para dentro*.

### 2.2 – Olhares críticos

Entendemos que o conceito de região perpassa por vários fatores de articulação, que vão muito além de seus limites jurídico-administrativo e que a configuração dela oscila, apresentando identidades próprias dependendo da forma como é concebida e estudada. Nas palavras de Castro, a região é concreta, observável e delimitável e como qualquer segmento do espaço, é dinâmica, historicamente construída, e faz parte da totalidade social. Portanto suas características internas determinam e são determinadas na sua relação com o todo.<sup>195</sup>

Sendo assim, possuímos várias estruturas de concepções regionais e neste capítulo em particular, está organizado de forma que inicialmente percebemos Carazinho ainda como parte de Passo Fundo, depois, prestes a transformar-se no ex-4º distrito deste

---

<sup>194</sup> BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire*. Paris, Fayard, p.135, 1982.

<sup>195</sup> CASTRO, Iná Elias de. *Política e território: evidências da prática regionalista no Brasil*. Dados. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: v.32, n.3,1989, p.390.

município, logo após visualizamos ele adaptando-se a essa identidade conquistada, e posteriormente temos seu amadurecimento enquanto município, em articulação com outros espaços mais amplos.

Antes de começarmos a compreender o sentido das críticas presentes nas crônicas, é interessante considerarmos as palavras de Pesavento quando esta nos alerta que, no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm um outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um outro ausente. O imaginário anuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente,<sup>196</sup> essa concepção deve perpassar ao tentarmos entender as crônicas desta pesquisa.

Em 19 de maio de 1930 o Jornal da Serra estava iniciando seus trabalhos em Passo Fundo, apresentava-se como bissemanal afirmando que.

“... a imprensa não é somente assombroso veículo propagador de idéias, o centro de irradiação universal do pensamento. É também a fonte perene de informação segura, quando inspirada no sã patriotismo daqueles que fazem do jornalismo uma nobre profissão, embora muitas vezes oriçada de espinhos”.<sup>197</sup>

É interessante observarmos nessas expressões de Canuto, onde ao mesmo tempo em que concebe a prática jornalística como a real portadora da verdade, também insinua sobre as pressões que fazem parte da realidade do ofício. Com essas palavras o jornalista já buscava legitimar suas idéias e justificar-se perante a comunidade das possíveis complicações a que poderia envolver-se.

Ainda estando em Passo Fundo Canuto em 17 de setembro de 1930 critica a Cia. Sul Americana de Serviços Públicos que se propunha comprar a usina elétrica do município, pois esta afirmava que.

“...teria que despender de 11 mil contos de réis na remodelação das instalações elétricas, as quais no decurso de 10 anos dariam a renda de 5.690 contos de réis. O cronista insinuou que seria muito desprendimento para quem sabia unicamente ganhar dinheiro. O digno representante do capitalismo norte-americano terminou sua

---

<sup>196</sup> PESAVENTO, Op. Cit.p.15

<sup>197</sup> Jornal da Serra, Passo Fundo, ano I, 19 maio, 1930. p. 1

visita dizendo lamentar não ter tido oportunidade de comunicar ao intendente e ao honrado Conselho Municipal as bases de seus cálculos e com isso explica o adiamento desse importante negócio, assim como quem diz que isso são favas contadas, porque a municipalidade não poderia resolver tão palpitante problema, por dois motivos: falta de recursos e ausência de aptidão comercial.”<sup>198</sup>

Percebemos que Canuto no pouco tempo que ficou em Passo Fundo já tentou palpar num dos problemas que pareceu de grande complexidade para os municípios na época, a luz elétrica. Assim entende-se porque vindo para Carazinho escolheu esse tema para polemizar a administração que iniciava no lugar.

Em 11 de dezembro de 1930 Canuto apresenta-se à comunidade de Carazinho; assim nesse ano, não houve muito tempo para críticas. Mesmo porque o jornal nutria expectativa em relação aos poderes constituídos do lugar e na verdade com eles queria estabelecer parcerias. “O Jornal da Serra espera merecer o amparo desse povo acolhedor e bom...”<sup>199</sup>

Em 01 de fevereiro de 1931 Canuto lançou um comentário meio desesperador em relação à demora do escolhido a ser o primeiro mandatário do município. Argumentou que o povo estava apreensivo, na verdade talvez quem realmente estivesse era ele. Pela forma preocupante que Canuto dirigiu-se a comunidade em relação ao suspense em torno do nome a ser escolhido para governar Carazinho, já subentendia-se, que independente de quem pudesse vir a ser, era de fundamental importância que este viesse a conquistar as simpatias do jornal.

“Há mais do que curiosidade, há certa apreensão, temendo-se que o enviado ou o escolhido não corresponda a expectativa de todos que sinceramente almejam o progresso desta terra. Trocam-se olhares mudos, que traduzem ansiosas interrogações de quem ignora o que se passa nas alturas. E não deixa de haver razão para essa atmosfera silenciosa, que nos envolve. Depois de um esforço hercúleo, desprendido em prol da emancipação. Chegamos a presente anomalia administrativa. Estamos sem governo. Quem sabe se para a felicidade desta terra, não seria melhor continuar assim? Não foram os governos que fizeram à ruína do Brasil?

---

<sup>198</sup> Jornal da Serra, Passo Fundo, ano I, 14 set., 1930. p. 1

<sup>199</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 11 dez., 1930. p. 1

Contudo devemos aguardar com otimismo o primeiro gestor do novo município.”<sup>200</sup>

Em 11 de julho de 1931 Canuto comenta que moradores das ruas Silva Jardim e Marechal Floriano e outras solicitavam que o jornal pedisse a quem era de direito, pela falta de lâmpadas na rede de iluminação pública. Queixavam-se e conforme, o cronista pontuava que além de ser deficiente essa iluminação, ainda as poucas lâmpadas que por descuido ali fixavam, não acendiam.<sup>201</sup> Percebemos que apontamentos de como poderia canalizar-se os trabalhos do prefeito, era uma constância.

Ainda em 11 de julho de 1931 Canuto apontou que as seguidas chuvas estavam a mostrar a necessidade que havia da rua do Comércio ser convenientemente macadamizada. “Estão colocando pequena camada de cascalho ao invés de consolidar o terreno, o que ocasiona mais lodo, pois é colocado em cima do barro. O trabalho ficará mais completo e a despesa será pouco maior, porém melhor aproveitada.”<sup>202</sup>. Com essa seqüência de sugestões de melhorias que o cronista apontava como necessárias este também insinuava à administração, a importância do apoio do jornal para a solução dos problemas no município.

Em 29 de setembro de 1932 Canuto registrou a angústia da comunidade, pela sua impotência diante das dificuldades sentidas em relação aos terríveis momentos de incêndio que acometiam a cidade. “A enorme quantidade de casas de madeira, a proximidade uma das outras, o elevado número dessas habitações já velhas, tudo enfim contribui para agravar ainda mais essa situação de insegurança com que todas as noites nos deitamos, na incerteza de no dia seguinte, termos ainda um teto acolhedor, onde nos agasalharmos”.<sup>203</sup> Ou seja, insinuava que alguém deveria fazer alguma coisa a respeito. Sugeriu dessa forma, ao responsável em representar os interesses públicos que tomasse alguma providência.

Em 18 de junho de 1936, novamente Canuto apela para que o coração urbano do município recebesse maior atenção dos poderes constituídos. Neste comentário chegou ao extremo do interesse particular sem pestanejar, quer dizer, sem rodeio algum Canuto declaradamente usou o jornal em causa própria. Assim argumentou:

---

<sup>200</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 01 fev., 1931. p. 1

<sup>201</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 11 jul., 1931. p. 1

<sup>202</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 11 jul., 1931. p. 1

<sup>203</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano II, 29 set., 1932. p. 1

“...pelos informes, o acesso à estação local, não será calçado. O local em apreço, era ocupado por um lamaçal que transformava a sala de recepção do jornal em um charco imundo, assim, deveria merecer cuidados especiais da prefeitura, para que as visitas pudessem ter uma impressão mais agradável. Afirmou que a despesa que se queria evitar, não seria demasiadamente grande, nada que os cofres municipais não podem suportar, tudo será magnificamente compensado pelo desaparecimento do lago de águas turvas ali existentes.”<sup>204</sup>

Em 18 de junho de 1936 o jornalista novamente criticou a viação férrea pelo acanhado prédio de Carazinho. Depois, assinalou que esta e a prefeitura precisavam juntar forças, a fim de promover as melhorais no que seria o coração da cidade.<sup>205</sup>

Canuto em 11 de fevereiro de 1937 argumentou sobre o término do calçamento numa parte central da cidade, aproveitou para também criar um chamamento, no sentido de intensificar os trabalhos a fim de aproveitar o bom tempo. Eram nesses detalhes que o jornal conseguia convencer sobre seu fiel envolvimento com as causas do crescimento da cidade. Conquistava dessa forma sempre mais carisma e credibilidade junto a essa coletividade.<sup>206</sup>

Em 18 de fevereiro de 1937 o jornalista demonstrou sua inconformidade com a demora em relação a construção da nova estação férrea. Apontou que o município de Carazinho, empório da madeira, com volumosa produção agrária, onde os produtos de sua indústria formavam os elementos primordiais de sua exportação, toda feita através da Viação férrea, não estava sendo considerada nos seus devidos direitos. Fez um comparativo questionador, afirmando que a riqueza transportada por esta cidade, era superior à dos municípios de Cruz Alta e Passo Fundo, e nesses lugares a estação férrea era de primeira classe. Em prol do engrandecimento do município novamente produz uma falácia apelativa. Ao criticar aqui não o prefeito, mas a Companhia de Viação Férrea o jornalista mostrava que sua busca era o bem comum da comunidade carazinhense. Legitimava assim suas *outras intervenções*, quando às dirigia a Hillebrand.

---

<sup>204</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VI, 18 Jun., 1936. p.1

<sup>205</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VI, 18 Jun., 1936. p.1

<sup>206</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VII, 11 fev., 1937 p.1



“Cruz Alta e Passo Fundo tem pessoal numeroso, que gozam de regalias asseguradas pelas leis trabalhistas que a República Nova deu ao seu Brasil. O resumido pessoal da estaçõzinha de Carazinho, para não prejudicar o crescente movimento de carga, trabalha exaustivamente, fora do horário, não tendo muitas vezes tempo para suas refeições. Contra essa falta de auxiliares já se formularam várias reclamações, mas só obtivemos promessas e mais promessas!”<sup>207</sup>

Em 17 de março de 1938, a crônica chegou a ser satírica pela forma que Canuto reclamou dos postes de luz trazidos pelo prefeito, que serviram em sua opinião unicamente para depreciar a cidade, pois o problema da luz continuava. Até o formato dos postes de luz serviam de argumentos para atacar Hillebrand.

“Quando o sr. prefeito andava de namoro com a moribunda Empresa de Energia Elétrica Alto Jacuí Ltda., para que esta o tirasse dos apuros de resolver, definitivamente, o problema da luz, falava, para engodar os ingênuos, em postes de nova luz e de cimento armado. Mas veio o contrato e em vez de uma instalação moderna, sóbria e ornamental, foram colocados algumas dezenas de paus tortos, deselegantes, cheios de fálhas. Mas apesar do aumento desses paus anti-estéticos, continuamos a navegar na sombra, sempre temperando, para evitar algum abalroamento noturno, de conseqüências funestas.”<sup>208</sup>

Ainda em 17 de março de 1938 Canuto assinalou a desvantagem de Carazinho em relação a outros municípios, que já haviam resolvido o problema da luz construindo sua usina-hidroelétrica. Argumentou que enquanto em Carazinho se evitou construir uma, que representaria um futuro de riquezas, sob a chula alegação de não se querer contrair dívidas, Cruz Alta, que resolveu construir uma usina hidroelétrica, lutando com os percalços de uma dívida de 8 ou 9 mil contos, estava com essa obra quase concluída, onde seria inaugurada nos próximos meses. E isso lá acontecia porque havia visão administrativa, que não se preocupava com o que devia, mas previa a formidável renda que uma obra dessa natureza traria para o erário municipal.<sup>209</sup>

---

<sup>207</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VII, 18 fev., 1937. p.1.

<sup>208</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 17 mar., 1938 p.1

<sup>209</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 17 mar., 1938 p.1

Sobre a luz em Carazinho é interessante dar uma atenção especial, pois foi um dos temas mais celebres usado por Canuto para atingir Hillebrand. Percebemos que Canuto aproveita a divergência que se formou entre Homero e Hillebrand, em relação à luz, para fragilizar ainda mais a figura do executivo. Nessa crônica de 16 de dezembro 1937 é possível entender mais sobre o caso.

“Empossado no cargo para o qual o seu partido o elegeu em breve surgiu um desaguisado entre o novo mandatário e seu chefe, amigo e protetor. Deu o tal desentendimento o fato do Dr. Homero querer contrair um insignificante empréstimo de 1200 contos de rs. para a construção da Usina do Jacuí para obtenção do qual exigia a modesta comissão de 100 pacotes com o que o sr. Albino Hillebrand não concordou, alegando que caberia a ele a responsabilidade de tal encargo. Si este desse resultado, ficaria Dr. Homero com as glórias da execução da obra; fracassado esse empreendimento, toda a responsabilidade de tal fracasso caberia ao gestor da cousa pública. Estes fatos são do domínio público, pois, em tempo oportuno, foram largamente comentados nesta vila, merecendo o sr. prefeito muitos aplausos por tal recusa. Ora, fosse o sr. Albino Hillebrand o homem indicado para gerir os negócios de Carazinho e não teria aceito aquela condição imposta pelo seu chefe. E assim teria evitado de trair ao compromisso que assumiu. Sem o qual jamais teria sido eleito para prefeito desta cidade. Não tivesse o ex-presidente da executiva do extinto PRL visto no escolhido aquela qualidade de subserviência que lhe fez aceitar a condição imposta, e não o teria indicado para o alto posto que hoje exerce”.<sup>210</sup>

Afonso Pedro em 25 de janeiro de 1939 sugeriu a colocação de placas com o nome das ruas, justificou seu pedido, por ter percebido que a maioria dos moradores não conhecia o nome dos logradouros em que viviam. Aqui novamente a crônica aparece como fiel representante do interesse popular.<sup>211</sup>

Em 22 de agosto de 1941, Afonso afirmou que Carazinho apesar de ostentar a categoria de cidade, ainda respaldava uma prática de vila, que infelizmente isso era notório tanto em sua ação administrativa como na postura de seu povo. Esse episódio das vacas no entremeio ao espaço urbano, foi significativo para respaldar esse pensamento de Afonso.

---

<sup>210</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VII 16 dez., 1937 p.1 .

<sup>211</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX,n.498, 25 Jan., 1939 p.1

Alertou ele que o povo não deveria pisar nos canteiros das gramas. Tentou demonstrar com isso, que o jornal tinha compromisso com o belo do lugar e que portanto suas críticas eram pautadas na razão.<sup>212</sup>

Apontou que a falta de um logradouro público era uma falha sensível e que a maioria das ruas desprovidas de calçamentos ofereciam sérios perigos não só nos dias chuvosos, como nos secos, apesar de serem largas eram transitáveis apenas numa reduzida porção, dificultando dessa forma, a execução dos dispositivos regulares do trânsito.<sup>213</sup> Assim, é possível compreender Sodré, quando ele nos afirma que as normas estruturadas da realidade ao mesmo tempo em que oferecem segurança, também agem limitando a liberdade dos indivíduos.<sup>214</sup> Esse somatório de posturas é que gradativamente passavam uma aparência de legitimidade pública do jornal, pois defendiam idéias de crescimento para o município.

Em 07 de novembro de 1941 foi analisado problemas na exportação da madeira por causa da guerra. O transporte rodoviário não conseguiu ser alternativa ao ferroviário devido ao péssimo estado das estradas. “...não sendo justo que Carazinho permanecesse isolada da capital pelas péssimas condições de trânsito nos dias chuvosos. A consolidação da rodovia Carazinho-Passo Fundo, tão solicitada pela imprensa das duas cidades vizinhas será em breve uma realidade.”<sup>215</sup> Aqui percebemos Carazinho numa imbricação de interesses com outros município vizinhos, bem como com a realidade nacional, configurando assim, outra dimensão na possibilidade interpretativa do espaço regional.

Continuando a menção sobre melhorias, Canuto afirmou em 07 de novembro de 1941 que foi oportuna a passagem do ilustre coronel Cordeiro de Farias<sup>216</sup> pela cidade, pois

---

<sup>212</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI n. 840, 22 ago., 1941. p. 1

<sup>213</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI n. 840, 22 ago., 1941. p. 1

<sup>214</sup> SODRÉ, Op. Cit., p.46.

<sup>215</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, n. 871, 07 nov., 1941. p.1

<sup>216</sup> ABREU, Luciano Aronne de. *O Rio Grande estadonovista: interventores e interventorias*. São Leopoldo: Unisinos, 2005 (tese de doutorado). Osvaldo Cordeiro de Farias nascido em 16/08/1901 em Jaguarão (RS), em 1901, pode ser definido como militar revolucionário. Teve participação modesta nas ações revolucionárias de 1922. Em 1924 participou da Coluna Prestes. Em 1930 apesar de estar recém reintegrado a vida militar este oficial não se privou de participar novamente de outro movimento revolucionário. A diferença desta vez é que a revolução de 30, ao contrário dos movimentos anteriores foi vitoriosa. Logo após a ascensão dos novos grupos ao poder. Cordeiro de Farias foi promovido a capitão e nomeado Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra, general José F.de Castro. Logo após foi para o 2º Grupo de Artilharia Pesada em São Paulo. Imediatamente foi nomeado Chefe de Polícia da capital paulista. Combateu com vigor na revolução constitucionalista de 32 e o movimento de 35, dando contribuição importante a ordem e a legitimidade do estado varguista. Em julho de 1937, foi designado para Chefia do Estado Maior da 5ª Região Militar, sediada

confirmou a procedência das reiteradas reclamações relativas à rodovia Carazinho-Passo Fundo. A linha de ônibus ligando Carazinho a capital do Estado tinha no trecho em questão, o seu maior percalço para uma viagem segura nos dias de chuva, e esta circunstância se engrandecia, ao se considerar a ótima rodovia Passo Fundo-Porto Alegre, que tantos serviços havia prestado, quando o tráfego de trem para a Serra fora paralisado por longo espaço de tempo.<sup>217</sup>

Em relação à realidade das rodovias no Rio Grande do Sul, Cordeiro de Farias nos afirmou que: Mesmo que durante o Estado Novo tivesse sido levada a efeito uma política de melhoria dos transportes, o setor era historicamente deficiente, sobretudo o rodoviário.<sup>218</sup>

A presença de Cordeiro de Farias no município, interventor do RS no período, tornou-se um fato curioso para analisarmos, pois ele não visitaria Carazinho se suas relações com Hillebrand fossem de incordialidade. Os argumentos de Canuto de que o prefeito era opositor ferrenho de Getúlio tomaram-se então, no mínimo questionáveis.

Esse fato da presença de Cordeiro em Carazinho também precisa ser analisado sob a ótica de que conforme René Gertz.

“A administração desse interventor não se caracterizou por um grande dinamismo. Uma parte muito significativa de suas energias, de fato, foi gasta com as questões etnográfico-internacionalista, isto é, a caça a supostos germanistas e nazistas, e a nacionalização

---

em Curitiba. Logo após, em agosto, transferiu-se com o general Daltro Filho, para a 3ª Região Militar em Porto Alegre, onde também comandou o Estado Maior. Entre os meses de agosto e outubro daquele ano, Daltro Filho e Cordeiros de Farias tiveram atuação decisiva no combate à Flores da Cunha, levando-o à renúncia do governo gaúcho. Foi promovido a coronel, logo após o golpe do Estado Novo. Com a morte de Daltro Filho em janeiro de 1938, criou-se certa instabilidade política. Manter o equilíbrio político e a ordem regional, nesse momento de transição, era fundamental para a própria estabilidade nacional. Na ótica de Getúlio, a combinação a todos estes elementos, fez de Cordeiro o homem certo no lugar certo. Dessa forma este passou a exercer a Interventoria Federal do Rio Grande do Sul. Durante seus anos de governo, o estado viveu o período de maior prestígio e estabilidade política do Estado Novo. Em 1943, durante a 2ª Guerra, Cordeiro transferiu o governo do estado para Ernesto Dorneles e rumou para Itália, integrando-se à 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, lutando na campanha contra o Eixo. De volta ao Brasil em 1945, foi nomeado Chefe do Estado Maior do Exército por Góes Monteiro, quando foi incumbido de comunicar a Vargas sua deposição do governo, devido à falência do regime autoritário do Estado Novo. (grifo nosso)

<sup>217</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, n. 871, 07 nov., 1941, p.1

<sup>218</sup> FARIAS, Osvaldo Cordeiro de. Relatório apresentado ao Exmo.Sr. Dr. Getúlio Vargas. DD. Presidente da República, pelo General Osvaldo Cordeiro de Farias, Interventor Federal do Estado do Rio Grande do Sul, durante o período 1938-1943. Porto Alegre: Of. Gráf. Imprensa Oficial, p.6 Apud. GERTZ, Op. Cit., p.49

dos gaúchos alienígenas, já que tinha uma fixação pela destruição dos quistos étnicos.”<sup>219</sup>

Então, temos que admitir a possibilidade de que Cordeiro tivesse vindo para ao município, a fim de perceber se as denúncias de Canuto tinham fundo de verdade. Ou talvez ainda, como já mencionamos acima, Hillebrand nesse meio tempo já havia conquistado a simpatia do interventor e isso se comprovaria através da gentileza de sua visita.

Analisando a biografia de Cordeiro de Farias concluímos que no primeiro governo Vargas este o apoiou, já em 1945 participou do golpe para derrubá-lo. Então, de fiel amigo passou a oposição radical junto com Góes Monteiro. É interessante reconhecemos ainda, que podia fazer parte da característica política de Vargas, deixar em cargos de poder pessoas potencialmente não muito fiéis a ele, talvez como uma forma de controlá-los. Isso valeu para Góes Monteiro, que articulou contra seu governo em 1934, assim, pode também ter valido essa lógica para Hillebrand, pois atrás deste, havia uma figura bastante importante para Vargas, Flores da Cunha e entre este último e Hillebrand, havia outro personagem importante, Homero Guerra. Devemos considerar, que com a morte de Daltro Filho em 1938, os estudos de Luciano Aronne apontam que a posse de Cordeiros de Farias como seu substituto, foi imperiosa para manter a ordem e a tranquilidade governamental no estado do Rio Grande do Sul, assim várias medidas de continuidades foram tomadas a fim de manter essa proposta.<sup>220</sup> A permanência de Hillebrand no executivo de Carazinho, pode fazer sentido dentro dessa postura estadonovista.

Em 11 de maio de 1942, o jornalista novamente descreveu que Carazinho tinha uma importante particularidade que o distinguia de outros lugares. O seu crescimento econômico durante largo espaço de tempo esteve divorciado da evolução social e da higiene das cidades. As ações da administração pública mereciam ser repensadas urgentemente, e a organização das ruas e da praça principal, poderia ser o marco inicial.<sup>221</sup> Novamente essa crônica funcionou como um recado direto para as obrigações da administração pública.

---

<sup>219</sup> GERTZ, Op. Cit., p. 28

<sup>220</sup> ABREU, Luciano Aronne de. *O Rio Grande estadonovista: interventores e interventorias*. São Leopoldo: Unisinos, 2005 (tese de doutorado).

<sup>221</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n 948, 11 de maio de 1942. p.1

Em 21 de maio de 1942 Afonso Pedro somou-se a Canuto para registrar a impotência da comunidade diante dos sinistros. Pelas datas das crônicas, é possível se verificar que esse problema, apesar da gravidade que representou na comuna, não teve efeitos imediatos de solução. “A lição do desastre deve ser aproveitada. Ficou perfeitamente demonstrado não possuímos o aparelhamento necessário para lutarmos com eficiência contra o fogo.”<sup>222</sup> Esse era outro fato aproveitado pelo Jornal da Serra para apontar a apatia do representante dos interesses públicos do local.

Afonso em 08 de fevereiro de 1943 aproveitou para lembrar ao poder público, que as obras de saneamento básico precisavam de maior atenção, pois o lugar estava crescendo e havia necessidade de perfurar mais poços de água, para melhorar o abastecimento da população. “É indispensável abrir novos poços, fazendo desaparecer definitivamente as fossas móveis que não são mais concentrâneas com o desenvolvimento da cidade. O problema requer uma solução urgente, em benefício da coletividade pois é o alicerce do saneamento da cidade.”<sup>223</sup>

É interessante observarmos, que quando o jornalista fazia em suas colunas a relação Carazinho *versus* administração pública, só conseguia ver o lugar mergulhado em problemas e não progressos. Já na relação Carazinho *versus* iniciativa privada, a leitura do local mudava completamente, parecia-se mencionar sobre ambientes diferentes.

Essa situação vem comprovar Tedesco quando este nos enfatiza que a vida social produz além de bens materiais, bens simbólicos e imateriais, um conjunto de representações, cujo domínio é a comunicação, expressa em diferentes tipos de linguagem, discursos que se materializam em textos imagéticos. O mesmo atua num horizonte psíquico habitado por representações e imagens, canalizadoras de afetos, desejos, emoções e esperanças; poderosa força de instauração social, criando imagens saturadas de paixões/rejeições que definem perfis/papéis sociais.<sup>224</sup> No Jornal da Serra esse propósito foi sempre muito claro.<sup>225</sup>

---

<sup>222</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n. 952, 21 maio, 1942 p. 1.

<sup>223</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n. 1.063, 08 fev., 1943. p.1

<sup>224</sup> CHARTIER, Op. Cit., p.173-191.

<sup>225</sup> BOCORNY, Op. Cit., p. 71. Em relação à água, Bocorny afirma que Carazinho nos seus dez primeiros anos de vida, supria suas necessidades através de poços individuais ou captação direta das nascentes dos rios e arroios eventualmente de cisternas de armazenamento pelas chuvas. Em julho de 1940 foi inaugurado o 1º serviço de água potável, o poço semi-urgente, perfurado aos fundos do salão Paroquial Bom Jesus, sendo fornecido aos sócios através de ligações às respectivas residências, alguns anos depois houve nova perfuração

Em 04 de agosto de 1943 Afonso Pedro nos fez uma defesa árdua sobre a função social do jornalista, onde frisou ser mais do que informar e buscar fundos para manter um jornal. Afirmou que o jornalista era o legítimo representante dos interesses da coletividade, fato que segundo ele, muitas vezes explicava as severas perseguições e a que eram submetidos.<sup>226</sup> Quis então o cronista aqui fazer uma crítica direta a forma que muitos carazinhenses recebiam as intervenções do jornal.

É importante analisarmos a idéia desta crônica, de ser o jornalista a personificação da consciência popular, pois ela vem gradualmente trazendo alguns transtornos sociais contemporâneos. O problema que nos transparece, é que ao intitular-se o porta-voz da coletividade, este agente passa a negociar o apoio dessa força. Respaldo e confiança essa, que um indivíduo ou um jornal conquista em nome dos inúmeros e ditos despreziosos serviços públicos que presta numa comunidade. Na maioria das vezes o que prevalece nessa decisão, é a lei de quem paga mais, onde a informação transforma-se num comércio banal, e os princípios éticos e de justiça social são então, completamente esquecidos.

Em muitos discursos de Afonso foi possível analisarmos esta lógica mercadológica. Se de fato, o jornalista precisa enfrentar percalços, é importante também reconhecer, que ele passa a gozar de privilégios, pois trabalha com idéias, o que gera-lhe respeito social e assim, exerce grande influência numa coletividade. Este fato culmina em outra importante reflexão que precisa ser considerada, que é a de como esse jornalista trabalha com esse poder? Ele exerce sua função primando por princípios éticos e democráticos, ou é uma liderança construída e comprometida com os interesses de segmentos? Os jornalistas Canuto de Souza e Afonso Pedro demonstraram claramente por seus escritos, que defendiam facções.

Ser um profissional jornalista, que interage com os fatos econômicos, políticos e sociais de uma época, requer desse sujeito saber conviver com um clima de pressão constante. Segundo Carneiro, numa redação jornalística, questões resultantes de choques de poder são vivenciadas constantemente num período de pouca abertura ou mesmo numa

---

no Ginásio La Salle, no bairro Glória, também houve canalização. Foram colocados poços e bombas auxiliares tanto para o controle da vazão, como extensão de canalização para suprimento de casas próximas, naturalmente mediante pagamento. Em 1950, Carazinho foi incluído no Plano Estadual de Saneamento Básico e só em 1961 a Hidráulica do Estado iniciou o fornecimento de água à população.

<sup>226</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n.1.140, 04 ago., 1943 p.1.

instituída democracia,<sup>227</sup> o que deve ser difícil de ser trabalhado, ainda mais quando o jornal opta por declarar-se abertamente antagônico a um grupo ou facção, fato demonstrado pelo Jornal da Serra.

Em 18 de outubro de 1943 Afonso, ao valorizar os empreendimentos particulares no município, critica com veemência a inércia dos que mais deveriam estar à frente no engrandecimento da comuna e no entanto não o faziam. “Se há mentalidades que acompanham o movimento de renovação, que se adaptam aos imperativos progressistas da época, que se identificam com a evolução que se faz gradativamente, há mentalidades que estacionam, que estagnam e que, de braços cruzados, assistem ao vertiginoso desenvolvimento da cidade.”<sup>228</sup> Acusa essa crônica de ser o prefeito um retrógado, diante das novas necessidades do município.

Canuto afirmou em 25 de outubro de 1943 que os moradores estavam à mercê da poeira e da lama, devido às ruas esburacadas e virgens de calçamento. Demonstrava assim o município, um crescimento unilateral. Com efeito, o público reclamava contra essa situação. O jornalista assegurava que o descontentamento não era parcial, limitado a um determinado recanto da cidade. “Ruas de importância vital ficaram à margem dos melhoramentos, muito embora representassem principais ou únicas vias de acesso a cidade, ligando-as aos distritos e aos municípios vizinhos.”<sup>229</sup> Assim nos aponta a crônica, que o responsável pelo devido problema tomasse as devidas providências.

Aqui em 21 de abril de 1944, o jornalista acusou a administração municipal de que a cadeia civil não havia acompanhado as transformações de Carazinho. É interessante observar que nas acusações para apontar a incapacidade da administração municipal do período, só mudavam os argumentos.

“Se a prefeitura transformou-se num garboso prédio, a cadeia não teve o mesmo destino, as melhoras ocorridas foram medíocres, de um galpão, passou para um prédio de madeira acanhado e impróprio para as suas finalidades. Uma solução racional e equitativa seria a construção de um prédio apropriado, obedecendo ao tipo padrão, onde os presos terão o conforto necessário e a autoridade policial terá uma maior e melhor segurança na

---

<sup>227</sup> CARNEIRO, Op.Cit., p.428.

<sup>228</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n.1.172, 18 out.,1943. p.1.

<sup>229</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n.1.175, 25 out., 1943. p.1.



vigilância dos reclusos. O município é rico e não tem dívidas. Dois motivos ponderáveis para que a construção da cadeia civil seja um fato consumado.”<sup>230</sup>

Em 16 de outubro de 1944 a realidade da criança desamparada foi o tema de Afonso. Apareceu reconhecendo o devido apoio já demonstrado pelo governo brasileiro, assinalou que tão complexo problema, não vislumbrava solução imediata.

“As comemorações da Semana da Criança vem lembrar a todos os brasileiros a sua parcela de contribuição, e por conseqüência de responsabilidade, na solução de um dos mais graves problemas médico-sociais, para qual o governo da União tem voltado a melhor das atenções. O que poderá apresentar Carazinho, para provar a sua colaboração na benemérita obra de amparo a maternidade e a criança? Porque não se faz um resumo das atividades oficiais e particulares a fim de estimular a população para uma ação mais conjunta, mais vigorosa e mais eficiente?”<sup>231</sup>

Torna-se interessante considerarmos, como chama atenção aos olhos a ausência total de críticas nas crônicas em relação ao governo central, talvez mais pelo fato dele não poupá-las em relação ao governo municipal. Se algum desavisado lesse as crônicas de Canuto e Afonso e não soubesse sobre suas posições políticas, no mínimo acharia um tanto quanto curioso, a severidade crítica dos jornalistas, que tendiam a funcionar somente a nível localista. Essa situação nos faz entender bem as palavras de Lage, quando este nos afirma que nenhum texto é tal ponto transcendente que possa ser visto fora de seu tempo e espaço.<sup>232</sup> Assim, precisamos nos reportar ao momento das crônicas de Canuto e Afonso, a fim de realmente compreendê-las.

Em linha geral, podemos dizer que as críticas dos cronistas aqui em estudo, foram surgindo lentamente, até meio acanhadas no início. Depois que o jornal conseguiu maior estabilidade, tornaram-se mais impetuosas e posteriormente transformaram-se num verdadeiro turbilhão de acusações ao então executivo.

Após esta análise essencialmente das críticas apontadas pelos cronistas, passaremos à percepção dos elogios impressos. Sim, porque se houve críticas, também ocorreu elogios e mais do que isso, se as críticas tinham endereço certo, a quem foi dirigido os elogios?

---

<sup>230</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n.1.248, 21 abril 1944. p.1

<sup>231</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n. 1.324, 16 out., 1944. p. 1

<sup>232</sup> LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da notícia*. Ed. Vozes Ltda. Rio de Janeiro. 1979.p.54

## 2.3 – Olhares elogiosos

Passaremos agora a analisar os elogios feitos pelos cronistas, sempre considerando o que nos diz Bordieu quando este nos afirma que o mundo social é também representação e vontade, e todo discurso contém em si estratégias de interesses determinados.<sup>233</sup> Assim tentaremos entender quem era elogiado nos *Respingos e Cousas da Cidade* e com que lógica isso era feito.

Em 28 de maio de 1930 ainda em Passo Fundo o Jornal da Serra elogiou aos carazinhenses pela participação no IV Congresso Rural em Porto Alegre, onde haviam defendido a importante tese da indústria da madeira. Ao mesmo tempo, ressaltou não ter entendido porque Passo Fundo negligenciou aquele momento.<sup>234</sup> Examinamos que Canuto ainda não residia em Carazinho, no entanto, talvez já estivesse procurando criar simpatias a distância, de forma que quando viesse fosse bem vindo.

Em 01 de julho de 1930 Canuto elogiou ao Partido Republicano de Passo Fundo pela iniciativa de homenagear ao ilustre deputado Araújo Vergueiro, quando de sua visita a seu torrão natal. Exaltou as duas unidades da república, Paraíba e Minas Gérias, demonstrando seu amplo apoio às forças que se organizavam para a revolução de 1930.<sup>235</sup> Canuto deixou claro sua bandeira política através destas palavras. O Jornal da Serra em Passo Fundo solidificou-se enquanto instrumento de legitimação do PRR, quando veio para Carazinho somente deu continuísmo a essa sua proposta.

Em 19 de fevereiro de 1931 Canuto já em Carazinho, fez uma homenagem à emancipação do município. O regozijo diante da conquista ficou fortemente expresso nas palavras do jornal, vislumbramos que se criou uma atmosfera de sonhos, desejos e utopias. Aqui é importante considerar Clifford Geertz, quando este nos afirma que definir cultura como um sistema simbólico, indica que a sua decifração implica uma busca de significados. E isto só pode ser obtido, através de uma descrição densa e o estabelecimento de conexões entre os vários elementos.<sup>236</sup> Todo o sentido construído nas crônicas em relação ao fato da emancipação é justificável, pois este gerou múltiplos desdobramentos nas crônicas do jornalista. Assim, esse momento precisou ser bastante explorado.

---

<sup>233</sup> BORDIEU Apud. PESAVENTO p.18

<sup>234</sup> Jornal da Serra, Passo Fundo, ano I, 28 maio, 1930. p. 1

<sup>235</sup> Jornal da Serra, Passo Fundo, ano I, 01 jul., 1930. p. 1

<sup>236</sup> CLIFFORD Apud PESAVENTO p.19

“Associando-se ao júbilo despertado em nossa população pela municipalização de Carazinho, resolveu-se consagrar número especial a tão notável acontecimento. Nele homenageamos os principais vultos da causada emancipação, estampamos a fotografia dos que compunham a comissão que foi a P.Alegre e de lá trouxe-nos a certeza de que as nossas justas aspirações seriam satisfeitas, como de fato o foram.”<sup>237</sup>

É possível também em 19 de fevereiro de 1931 captarmos importante quadro educacional da época, quanto ao número de aulas que teria o novo município através de levantamento feito pelo Jornal da Serra, em homenagem a emancipação.

“Grupo Escolar: 158 alunos, de ambos os sexos, todos brasileiros. Colégio Nené Sassi: 140 de ambos os sexos. Escolas distribuídas pelos novos distritos de Carazinho: Estação São Bento, aula da professora Thereza Vicentini 42 alunos de ambos os sexos. Estação Pinheiro Marcado, aula da professora Maria Reynaldina Scherer 45 alunos de ambos os sexos. Não-me-toque: existem 12 aulas subvencionadas pelo município de Passo Fundo com 395 alunos de ambos os sexos e mais de 7 aulas subvencionadas pelo governo do estado com 284 alunos, e um Colégio das Irmãs o Evangélico paroquial. No 8º Distrito: existem 4 aulas subvencionadas do município com 162 alunos e 4 subvencionadas pelo estado com 199 alunos. Selbach: existem 3 aulas subvencionadas pelo município, com 147 alunos, e um Colégio das Irmãs. Boa Esperança: 6 aulas subvencionadas pelo município com 296 alunos.”<sup>238</sup>

Devemos considerar Spenthof, para avaliar a importância dessa atitude do jornal, pois este nos afirma que após a Revolução de 1930, a primeira iniciativa forte no campo da educação foi à criação do Ministério da Educação e Saúde em 1931, o qual seria daí por diante o responsável pela política educacional e por conseqüência, pelas iniciativas nacionalizadoras do ensino até o final do Estado Novo. Era o Estado assumindo o direcionamento total da instrução no Brasil para conduzir a formação de *bons brasileiros*.<sup>239</sup> É possível constatar assim, como a educação foi levada a sério na época varguista, no entanto pelo que demonstra, não como instituição fomentadora da criticidade, mas como instrumento de doutrinação à serviço do Estado.

<sup>237</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano II, 19 fev., 1931. p.2.

<sup>238</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano II, 19 fev., 1931. p.2.

<sup>239</sup> SPENTHOF, Op. Cit. p. 87

Em 19 de março de 1941, Afonso ao fazer aflorar fortes sentimentos de identidade diante do primeiro decênio administrativo, realizou um balanço emocionante da vida pós emancipatória do município.

“A idéia da emancipação não representava um capricho fútil e transitório, próprio para alimentar uma vaidade mórbida, pelo contrário, era um imperativo decorrente da confiança de Carazinho no seu próprio esforço e na sua vontade ferrenha, inquebrantável de se desenvolver, de se expandir, de dar as suas forças produtoras um campo de ação consentâneo com as suas imensas possibilidades.”<sup>240</sup>

Essa forma de atuação do jornal de mexer com o emocional identitário das pessoas, demonstrava o envolvimento deste com as coisas do lugar, ao mesmo tempo em que possibilitava legitimar suas críticas e intervenções. Reafirma assim a crônica, o sentido que Júlia Kristeva observa, onde é próprio do imaginário passar do simbólico ao físico e ser as duas coisas ao mesmo tempo, processo este que, indo da sensação à idéia, é a força de sua sedução.<sup>241</sup>

Em todos os lugares, em diferentes épocas se criam pontos de encontro e descontração, Carazinho não foi diferente, também tinha o seu em 12 de setembro de 1941. Afonso Pedro aparece nesse momento, elogiando a iniciativa da polícia em desviar a passagem dos veículos, a fim de garantir maior segurança dos transeuntes no espaço que foi eleito como área de lazer da comunidade. Quer dizer, fez um elogio à polícia do lugar, ao passo que ao prefeito, nunca sobrou nenhum.

“É um repouso merecido que compensa o diário despendido de energias nas horas de trabalho. Para permitir um footing mais amplo a Delegacia de Polícia determinou interromper o tráfego de veículos na zona dos despreocupados das 19 às 23 horas nos dias úteis e das 16 as 23 nos domingos e feriados. Esta medida é digna de aplausos porque a calçada se torna pequena para conter o povo que invade a rua, tornando difícil o tráfego de veículos.”<sup>242</sup>

---

<sup>240</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, n. 775 19 mar., 1941. p.3

<sup>241</sup> KRISTEVA Apud PASAVENTO p.18

<sup>242</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano. XI, n. 849, 12 set., 1941. p. 1

Realmente neste discurso de 12 de setembro de 1941, dentre muitos do jornalista, é possível considerarmos as palavras de Sodré, que aborda como se deu a origem da realidade comunicacional. Segundo ele, ela surge no final do século XIX, quando os efeitos das grandes concentrações humanas nas cidades começam a preocupar o Estado liberal e os pensadores sociais deparam-se com a ameaça das multidões e o desafio de controlar os indivíduos daí emergentes.<sup>243</sup> Claro que no Carazinho daquela época o sentido de multidões não podia ser considerado um problema, mas é importante se refletir sobre essa dita lógica de controle, que foi o fundamento da instituição comunicativa mencionada por Sodré. O que se almeja alcançar? Isso favorece a alguém? A quem? A coletividade? Ou a segmentos dela? Esses questionamentos são de cunho fundamental e precisam ser levados em consideração pelos sujeitos que buscam realmente querer entender as causas das inúmeras patologias que acometem as sociedades atuais.

Pedro Afonso em 10 de outubro de 1941 se dirigiu a comunidade comentando sobre uma nova casa de lazer que pretendia iniciar suas atividades no município. Argumentou explanando que seria dirigida por pessoas jovens e que por isso, se tornaria propícia a envolver a mocidade em atividades saudáveis afastando-as dos vícios, eterna ameaça que atormentava essa geração. Através de uma visão saudosista, criticou a modernidade com os perigos que esta expunha aos jovens argumentando que a rígida autoridade dos costumes de outrora se diluíram na vertiginosa evolução sofrida pelo homem. Depois, sugere que estes frequentem o Centro Recreativo da Juventude, onde então estariam livres das tentações.

“Realmente após a guerra de 1914, os usos e costumes sofreram radical transformação, graças a elasticidade dada aos preceitos da moral. A mulher abolindo as tranças, veio substituir o homem, nos seus mais duros misteres, sacrificando, via de regra voluntariamente, uma das suas mais nobres funções, a maternidade. O fumo e o álcool tomaram a abominável denominação de vícios elegantes a que se entregam menores de ambos os sexos, como se tal fato fosse a causa mais natural deste mundo. Estas breves considerações, feitas muito superficialmente dão um grande significado a nova entidade social, principalmente se considerarmos que os seus fundadores não pessoas com experiência de vida, mas moços conscientes das suas responsabilidades de homens de amanhã que, numa louvável

---

<sup>243</sup> SODRÉ, Op. Cit., p.225.

iniciativa, procurarão afastar a nossa mocidade do perigoso plano inclinado que conduz a todos os vícios. Os prazeres mundanos, com todos os seus encantos e atrativos, são as modernas sereias que levam ao naufrágio moral.”<sup>244</sup>

Reconhecemos que o jornal adotou uma postura mercadológica, escondida num discurso moralista. Para entendermos os argumentos dispostos por Afonso Pedro, recorremos a Sodré que nos esclarece que moral é um nome historicamente consolidado, que determina o bom ou o mau. São regras em que se identificam os indivíduos nos diversos momentos de socialização. Ele admite, no entanto, que o que há mesmo na vida prática, é uma diversidade de morais, ou seja, condutas assumidas por diferentes estratos sociais. E essa obrigação latente é sempre a palavra de um outro que se impõe e que se autoriza como porta-voz de estruturas imutáveis.<sup>245</sup> O Jornal da Serra foi um grande fazedor desta lógica, ou seja, de tentar impor a comunidade o fundamento do certo e do errado, dentro da lógica social.

No dia 07 de novembro de 1941 Canuto registrou um elogio à prefeitura, ao contar que esta adquiriu uma patrol. O que iria introduzir um notável melhoramento nos seus serviços públicos, que seria revertido ao município. Fatores diversos, haviam contribuído para um grande atraso na chegada da mesma, que uma vez em ação modificaria de forma rápida e radical a fisionomia das ruas, dando-lhe um aspecto de via pública no verdadeiro sentido do termo, com tráfego nos dois sentidos, eliminando saliências e obstáculos.<sup>246</sup>

Esse discurso tornou-se um momento raro entre as crônicas, haja vista que é um dos únicos elogios direcionados a administração pública da época. E ele pode ser justificado, pois essa iniciativa de compra da patrol parece ter surgido das várias sugestões de Canuto à administração, então somente por isso é que este veio a elogiá-la.

Canuto e Afonso reconheceram a atuação da comunidade diante do grande incêndio ocorrido em 21 de maio de 1942. Ponderou que se era na adversidade que se conheciam os amigos, não havia dúvida alguma que naquela circunstância dolorosa essa verdade teve cabal demonstração, principalmente porque, ao lado dos amigos, prestavam seu valioso concurso, nos trabalhos de salvamento e de proteção, populares anônimos que enfrentaram corajosamente o perigo, tudo fazendo para reduzir na medida do possível, as conseqüências

---

<sup>244</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano. XI, n. 860, 10 out., 1941. p.1

<sup>245</sup> SODRÉ, Op. Cit., p.49-50

<sup>246</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, n. 871, 07 nov., 1941. p.1

do sinistro.<sup>247</sup> O jornalista ao mencionar novamente sobre esse problema dos sinistros, mostrou que a comunidade esforçava-se para fazer a sua parte, insinuava assim, que diante da apatia do executivo não restava outra postura, senão esta.

Em 08 de fevereiro de 1943 novamente Afonso reconheceu a participação da iniciativa particular no sentido de solucionar os problemas da luz<sup>248</sup> e da água naquele espaço territorial. Comentou que a alternativa criada pelos empresários beneficiou também a um grande número de pessoas e Afonso Pedro elogiou essa postura.<sup>249</sup> Ao observar a grandeza da iniciativa particular, conseguia salientar a nulidade da ação do executivo.

Em relação à luz, que demonstra ser um tema bastante polemizado por Canuto e utilizado várias vezes para criticar Hillebrand, é interessante percebermos o que mencionou o então interventor da época Cordeiro de Farias sobre o assunto: “problema que se me afigura primordial, no estado presente de nosso desenvolvimento econômico, é o das forças elétricas.”<sup>250</sup>

No dia 28 de julho de 1943, percebemos a influência identitária quando a crônica defendeu a permanência do nome de Carazinho à comuna. Afonso Pedro realizou toda uma analogia dos fatos marcantes já vividos do lugar, de forma a demonstrar que o nome Carazinho tinha uma história construída pelos seus sujeitos e que então, em nome dessa unidade cultural, devia-se manter sua atual denominação.

“Carazinho quando se emancipou, assumiu graves responsabilidades e sempre esteve na altura de seus compromissos, tornando-se digno de si mesmo. Quem diz Carazinho, diz trabalho, diz progresso, diz civismo, diz vencer dentro das normas do

---

<sup>247</sup>:Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n. 952, 21 maio, 1942 p.1

<sup>248</sup> GERTZ,Op. Cit.,p.73-74. Afirma que desde o início do século, haviam sido construído uma espécie de pequenas usinas hidrelétricas, tanto por iniciativa particular quanto por iniciativa de governos municipais. Mas a utilização da força hidráulica ficara cada vez mais limitada, tendo em vista os altos custos exigidos para a construção de usinas de maior porte. Por isso, verificava-se um crescimento das usinas termoeletricas. Mas não havia, até então, uma política estatal definida para essa área. Nesse contexto foi criada em 1938, a Diretoria de Eletrecidade e Forças Hidráulicas, vinculadas à Secretaria de Obras Públicas. Mas só no início de 1943 foi constituída uma Comissão Estatal de Energia Elétrica, concomitante com a mobilização econômica, numa situação em que a crise de abastecimento de energia se tornara geral.

<sup>249</sup> Jornal da Serra, Carazinho,ano XIII,n.1.063, 08 fev.,1943. p.1

<sup>250</sup> Farias, Osvaldo Cordeiro de. Relatório apresentado ao Exmo.Sr. Dr. Getúlio Vargas. DD. Presidente da República, pelo General Osvaldo Cordeiro de Farias, Interventor Federal do Estado do Rio Grande do Sul, durante o período1938-1943. Porto Alegre: Of.Gráf.Imprensa Oficial, p.6 Apud. Gertz, Op. Cit., p.49

direito. O nome Carazinho deve ser conservado, porque é um nome que honra o Estado e o Brasil.”<sup>251</sup>

É possível entendermos a clareza destas palavras, quando consideramos Moraes, pois este nos afirma que a paisagem é um registro de época e um documento de cultura. Vidal de La Blache instigava os geógrafos a passarem pelos lugares como quem visita um museu.<sup>252</sup> Esse substrato simbólico criado pelo jornal foi de forte referência na organização do lugar, de forma que Canuto usou-se muito disso para legitimar suas intervenções.<sup>253</sup>

Em 04 de outubro de 1943, Afonso Pedro sugere que o grande desenvolvimento apresentado pelo bairro Glória, graças à iniciativa particular, estava em desacordo com os melhoramentos percebidos, porque se o primeiro se caracterizava pelo máximo do esforço, os últimos eram o mínimo.<sup>254</sup> Agindo dessa forma, o jornalista buscava conquistar com ênfase o apoio da classe empresarial, no caso aqui, os que se estabeleciam no arrabalde. Isso com certeza era-lhe de grande valia, pois poderia vir a somar-se aos interesses do jornal em momentos oportunos.

Afonso publicou no dia 18 de outubro de 1943 salientou que as pessoas do município demonstravam estar estudando e lendo mais e que essa realidade sustentava possibilidades de diferentes caminhos para o futuro de Carazinho.

“Grande número de carazinhenses recebem sua educação. Carazinho Lê. Carazinho pensa. Este movimento intelectual terá como conseqüência lógica, uma melhor compreensão do momento atual e um julgamento mais preciso, dos homens e das coisas da cidade. As estreitas concepções da mentalidade colonial se não desapareceram, estão em vias de desaparecimento.”<sup>255</sup>

---

<sup>251</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n.1.136, 28 Jul., 1943. p. 2

<sup>252</sup> MORAES, Antonio Carlos Roberto. *Ideologias Geográficas*. p. 23. 2002

<sup>253</sup> BOCORNY, Op. Cit. p. 26-27. Em relação à história dos possíveis nomes do lugar em estudo, Bocorny considera que em 1935, partidários do líder político Flores da Cunha, por conta própria, iniciaram um movimento tentando modificar o nome do município, de forma a homenagear a esse general. Essa iniciativa gerou grande polêmica. Para mediar a questão, interferiu o próprio Flores da Cunha, afirmando que já havia sido homenageado pela cidade, quando em 15/11/31, a principal artéria de Carazinho havia mudado seu nome de Rua do Comércio, para Av. Flores da Cunha. Nova tentativa de mudança de nome aconteceu em 1938, quando um importante industrialista encabeçou movimento para denominar a cidade de Maurício Cardoso, importante figura gaúcha que havia recentemente falecido, o Jornal da Serra protestou e a mudança não aconteceu. A última tentativa aconteceu em julho de 1943, quando houve uma sugestão do Conselho Regional de Geografia, para que a cidade fosse rebatizada com o nome de Farrapos. Novamente a reação do Jornal da Serra pode ser conferida na crônica de 28 de jul de 43.

<sup>254</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n. 1.166, 04 out., 1943, p.1.

<sup>255</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n.1.172, 18 out.,1943. p.1.



Tentou com esse argumento, criar uma atmosfera de insegurança para a então administração pública, sugerindo que esta poderia não vir a sustentar-se perante as futuras opiniões populares que estariam se formando. No entanto, em relação à utilização da prática da leitura, Guibernau nos afirma que onde se conseguiu alcançar altos níveis de alfabetização no século XIX, um nacionalismo criado pelo estado facilmente se desenvolveu, originando estados nacionais mais ou menos homogêneos.<sup>256</sup> Isso significa, que num universo de leitores, ao invés de se formar uma realidade social mais esclarecida e crítica, pode ocorrer o contrário e vir a estabelecer-se com maior presteza, uma ideologia de doutrinação.

Ao compreender que a classe média lia mais, o governo usou-se dessa possibilidade para atingir com maior rapidez aos seus propósitos, para isso investiu na criação de textos apologéticos de ordem nacionalista e outras vezes instituíram a censura direta aos meios de comunicação. Getúlio Vargas nas décadas de 30 e 40 usou-se muito dessa estratégia para conseguir legitimação e sustentação. Essas crônicas nos representam a mais fiel comprovação dessa lógica utilitarista governamental dos instrumentos de comunicação de massa. Mas Canuto apostava na possibilidade da criticidade, acreditando que essa pudesse gerar mais transtornos ao então prefeito.

Canuto em 25 de outubro de 1943 novamente afirmou que Carazinho crescia e se desenvolvia a olhos vistos e o seu nome era pronunciado com respeito, graças ao prestígio que havia conquistado como fonte produtora de primeira ordem no estado, no país e no estrangeiro. A sua elevação à categoria de cidade veio confirmar essa invejável expansão nos seus diversos setores da atividade humana.<sup>257</sup> Ao elogiar o município Canuto enfatizava a grande potencialidade de Carazinho, insinuava então, que esse quadro promissor poderia estagnar ou se multiplicar, dependendo dos agentes que conduzissem tal processo.

Após observação dos discursos elogiosos nas crônicas, em que a maioria deles eram dirigidos ao povo e a iniciativa particular do lugar, onde não sobrava nenhum resquício deste ao então executivo, passaremos a uma análise mais detalhada, da visão de futuro que os cronistas admitiam ao município.

---

<sup>256</sup> GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos*. O Estado nacional e o nacionalismo no séc. XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p.78-79.

<sup>257</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n.1.175, 25 out., 1943. p.1

## 2.4 – Olhares para o Futuro/Crescimento

Logo que chegou em 11 de dezembro de 1930 Canuto argumentou sobre sua história em Passo Fundo, de forma a mostrar que seguiria os mesmos passos em Carazinho, assim iniciou a crônica esclarecendo sobre o posicionamento do jornal.

“Quando iniciamos a publicação do Jornal da Serra em Passo Fundo em maio do corrente ano, dissemos que batalharíamos pelo engrandecimento material, pelo levantamento espiritual e pelo aperfeiçoamento moral desse recanto do Rio Grande, bem como das classes conservadoras, sobre as quais se ampara nossa riqueza econômica. Pleitearíamos também, junto aos poderes públicos a adoção de medidas de contínuo desenvolvimento que esta terra exige, emitindo nossa modesta e desprezenciosa opinião sobre os acontecimentos em foco, procurando ser comedido nos aplausos, *imparciais nas apreciações e serenos na crítica*, como de nós reclamam as normas inflexíveis da boa educação porque não usaríamos de insulto como arma nem promoveríamos a eclosão mesquinha e ódios.”<sup>258</sup> (grifo nosso)

Nessa crônica de 11 de dezembro de 1930 é possível avaliarmos a dubiedade que Canuto conseguia criar com as palavras de forma a legitimar seus futuros argumentos. Tinha uma capacidade imensurável de afirmar sobre um propósito, no caso aqui o da imparcialidade e na prática fazer exatamente o oposto. Esta realidade vem confirmar as palavras de Chartier quando este nos afirma, que o discurso e a imagem, mais do que meros reflexos estáticos da realidade social, podem vir a ser instrumentos de constituição de poder e transformação da realidade, ou seja, a representação do real é em si, elementos de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo.<sup>259</sup>

Canuto ainda no dia 11 de dezembro de 1930 construiu um quadro imagético monumental e fabuloso sobre a municipalização de Carazinho. Também é possível observarmos claramente, que concomitante em que esse periódico se enchia de júbilo em prol dessa causa, também já se auto-enunciava, no propósito de convencer, que a seriedade e a justiça pretendiam ser a alma das intervenções do jornal.

---

<sup>258</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 11 dez., 1930. p.1

<sup>259</sup> CHARTIER, Op. Cit.,p.173-191.

“Transferindo nossa folha para a florente localidade, em breve sede de um dos mais ricos municípios da região serrana, vimos animados propósitos de tudo fazermos, dentro de nossa modesta ação jornalística, para o progresso material, moral, intelectual e social de Carazinho. Nossas colunas refletirão sempre os anseios de progresso desta laboriosa população que soube criar, com trabalho honesto, sua própria riqueza, clamando em favor de suas necessidades e indicando os meios de saná-las. Acompanharemos a expansão da indústria, do comércio, da agricultura e da pecuária, fontes primordiais do nosso engrandecimento econômico, amparando suas justas pretensões.”<sup>260</sup>

O efeito que surtia era de que se o lugar e o jornal nasceram juntos, seus futuros poderiam estar imbricados. O periódico estava aberto para que isso fosse verdade, bastava que a administração pública também estivesse. Essa passagem vem nos remeter a Darnton, quando este estabelece a impossibilidade de pensar o real sem relacioná-lo com um conjunto de categorias, postulando a articulação, texto/contexto como essencial para resgatar a historicidade de um evento dado.<sup>261</sup>

No dia 19 de fevereiro de 1931 Canuto mencionou que em palestra junto ao então primeiro mandatário, este lhe argumentara que um dos problemas que sua administração mais iria se ocupar relacionava-se com a conservação, melhoramento e abertura de estradas. Percebemos por esse discurso de Canuto, que inicialmente o jornalista tentou estabelecer laços de parceria com o prefeito Homero. Notamos em seu discurso até palavras tímidas de elogios a este, no entanto como parece não ter tido a abertura esperada, Canuto gradativamente foi mudando essa sua postura de atuação.

“O sr. prefeito engenheiro que é, conhecedor das necessidades do município que vai administrar e com uma larga compreensão do papel que a rodovia representa na circulação dos produtos, ainda mais em se tratando de uma zona agrícola em constante desenvolvimento de produção, bem viu que esse problema é o que se liga intimamente ao progresso material do novo município. Abrir estradas novas, conservar e melhorar as existentes, facilitar transportes rápidos e econômicos, será estimular a produção, fomentar a indústria e impulsionar o progresso desta terra dadivosa.”<sup>262</sup>

---

<sup>260</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 11 dez., 1930. p.1

<sup>261</sup> DARNTON Apud PESAVENTO p. 18

<sup>262</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano I, 19 fev., 1931. p. 1

Ao considerar sobre os incêndios, Canuto argumentou em 29 de setembro de 1932 que Carazinho, um grande centro de trabalho, com uma indústria florescente, com um comércio desenvolvido, com uma população laboriosa, ainda não possuía meios de defesa contra os incêndios. Julgou contudo não ser difícil remover de fato tal ameaça, desde que o comércio, a indústria a população em geral e os poderes públicos, numa harmoniosa colaboração, congregassem esforços no combate pertinaz ao mal que naquele momento, se apresentava irremediável.<sup>263</sup>

Canuto instigou várias vezes às *autoridades*, sobre esse assunto dos sinistros. E para mostrar que o problema tinha solução, o jornal abriu uma brecha e insinuou que bastava querer. E para mostrar a administração que bastava querer, Canuto desafiou-a e então trouxe um plano bem detalhado, mostrando que ele desafiava o problema dos sinistros, diferente do prefeito que somente o assistia. Assim, em 06 de outubro de 1932 argumentou:

“Pensar na criação de uma seção de bombeiros seria construir castelos no ar, porque as finanças do município não comportavam a criação de uma taxa para custear as despesas. A nova organização agravaria em muito a já precária situação dos contribuintes. Se tal não era permitido, nem por isso se deveria deixar no esquecimento as dolorosas lições dos últimos incêndios. Julgamos que a aquisição de um caminhão com um tanque que comporte alguns milhares de litros de água, poderia servir bastante nesses momentos de perigo, em que as chamas ameaçam destruir prédios. Esse tanque por sua vez seria dotado de uma manga com comprimento necessário ao fim de que se destina, bem como uma pequena bomba acionadora, com a força precisa para formar o jato d’água de maneira a elevar-se a alguns metros de altura, para dominar as chamas. A água poderá obter-se com a estrada de ferro, que estamos certos, não recusará seu concurso nessa emergência.”<sup>264</sup>

Para melhor interpretar o jornalista, é importante considerarmos as palavras de Lage, quando este nos afirma que o prestígio se vincula à tradição e ao hábito da tarefa de informar, isto acentua a autoridade do emissor. Na construção de uma relação de poder desse tipo, uma conclusão tática, é de que as proposições menos verificáveis pela comunidade de receptores, deverão seguir-se àquelas mais provavelmente verificáveis,

---

<sup>263</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano II, 29 set., 1932. p. 1

<sup>264</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano II, 06 out., 1932. p. 1

cuidando-se que a verdade empírica destas, contagie de credibilidade as outras.<sup>265</sup> Isso quer dizer que o jornalista tentando demonstrar trabalhar sempre em prol do bem comum, consegue infiltrar com naturalidade suas tendências nas questões de pequena e grande impotência dentro de uma coletividade, sem contudo, criar margens para questionamentos, pois a interpretação que fica, é a de que este somente busca, o que é melhor para todos. A solução aos incêndios por parte de Canuto pode ser mais um exemplo disso.

Ainda nessa crônica de 06 de outubro de 1932 ao apresentar sua sugestão ao problema dos incêndios, Canuto já adiantou que esperava resistências a seus argumentos. Na verdade, Canuto ao traçar um plano de possibilidades a solução dos sinistros já precaveu-se de que poderia tais sugestões não saírem do papel, então criou certa insinuação sobre quem seria este responsável, o executivo é claro. Assim, essa passagem no remete a Pasavento quando esta nos afirma que o imaginário social não se resume às idéias-imagens utópicas, mas elas lhe dão um suporte poderoso, como forma específica de ordenação de sonhos e desejos coletivos.<sup>266</sup>

“Cremos que com a criação de uma módica taxa adicional sobre o imposto predial ou de indústria e profissões, a prefeitura poderia conseguir elementos para custear as despesas que, da organização desse serviço público, adviria para o erário municipal. Essa taxa deverá ser proporcional ao risco que a indústria, o comércio e as habitações particulares oferecem. É bem verdade que essa sugestão encontrará objeções aos espíritos retardatários que negam todas as iniciativas que visem o bem coletivo”<sup>267</sup>

Na crônica do dia 11 de fevereiro de 1937 Canuto expressou claramente a força cultural na organização do município. Demonstrou abertamente o peso dos preconceitos de época que tão fortemente determinam as vidas dos indivíduos, obrigando-os a agir dentro de alguns princípios únicos e inquestionáveis.

“Ninguém ignora que no mesmo e suas adjacências, populam, de maneira alarmante as pensões de mulheres da vida airadas. A permanência ali dessas casas iria escandalizar o olhar inesperto das crianças que venham a freqüentar o estabelecimento educativo que

---

<sup>265</sup> LAGE, Op. Cit., p.42

<sup>266</sup> PESAVENTO, Op. Cit., p. 22

<sup>267</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano II, 06 out., 1932. p. 1

ali vai funcionar. Seria impor a inocência ao contato indesejável do vício. Seria macular a pureza angelical das crianças com cenas de libertinagem. Procedendo-se, com a necessária antecedência, tal limpeza, quando as aulas do Grupo escolar começarem a funcionar em sua nova sede, as crianças para ali poderão encaminhar-se, desembaraçadamente, sem a possibilidade de se verem escandalizadas por cenas degradantes. Convém ainda lembrar, que tais medidas, quando postas em prática pela primeira vez, levantam celeuma, que prejudica em parte a execução de medida tão salutar. Agindo, paulatinamente, o Delegado de Polícia, com a boa vontade que lhe é peculiar, conseguirá remover todos os óbices que lhe surgirem a frente, prestando assim, a nossa sociedade, um inestimável serviço de profilaxia social.”<sup>268</sup>

A situação desta crônica de 11 de fevereiro de 1937 nos faz pensar em Moraes, quando esse nos afirma que a produção do espaço expressa determinações econômicas, mas também todo um rol de outros condicionantes (manifestos na tradição, na simbologia, no estilo...) e para explicá-lo, implica em articular essa rede de mediações, no movimento histórico ocorrido.<sup>269</sup> As concepções de época sobre moralidade ficaram fortemente visíveis nessas palavras de Canuto. A prostituição e o educandário que estava por ser construído eram duas verdades de um mesmo lugar, mas que por *razões de olhares moralistas*, era importante que ficassem bem longe um do outro.(grifo nosso)

Em relação à inauguração desse educandário em Carazinho, denominada Escola Elementar da Praça da República, atualmente chamada Escola Estadual Princesa Isabel, Spenthof afirma que nos relatórios do interventor Cordeiro de Farias referente ao período de 1938 á 1943, é possível perceber a expansão da presença do Estado na educação como parte imprescindível no esforço nacionalizador, o que implicou num crescimento significativo dos investimentos direcionados sobretudo à escola primária, justificando por ser esta a que recebia os filhos de imigrantes e descendentes de alemães, onde muitos deles falavam apenas a língua materna. Assim, com objetivo legítimo de adequação, coube a esse ensino introdutório a missão de difundir junto aos jovens o domínio da língua vernácula.<sup>270</sup>

No discurso de Afonso Pedro em 28 de junho de 1939, verificamos novamente o instigante fato em relação às mudanças que ocorrem com o espaço no decorrer de sua ocupação. No caso, pela intensificação urbana, criou-se a necessidade da transferência do

---

<sup>268</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VII, 11 fev., 1937.

<sup>269</sup> MORAES, Op. Cit., p.24.

<sup>270</sup> SPENTHOF, Op. Cit., p.89

Cemitério da Glória para uma área mais distante da comuna. Nas cidades o espaço dos vivos e dos mortos geralmente são bastante distintos e afastados um do outro; em Carazinho parece ter acontecido uma junção desses dois ambientes, o que acabou por criar uma situação constrangedora, o cemitério precisou ser então transferido. Esse era mais um assunto comunitário, que exigiu a urgente e já popular concebida interferência moralista do jornal. “Esta medida posta em prática pela prefeitura, tranqüilizou os espíritos alarmados com a idéia de uma possível epidemia e as almas supersticiosas que vêm no cemitério visões fantásticas que a realidade não confirma.”<sup>271</sup>

Canuto em 12 de agosto de 1939 falou sobre um problema polêmico e que a mais de duas décadas, estava sendo objeto de estudos e discussões, a devastação das matas e a necessidade de ser enfrentado o reflorestamento. Salientou o jornalista que:

“Primeiramente o machado destruidor do colono arrasou uma grande área das essenciais florestas, a fim de construir as lavouras. Trabalho feito sem método, sem técnica, sem cuidado, mais se assemelhou a uma obra de destruição, do que a outra coisa, tais as preocupações a que atingiu a devastação das ricas florestas do Estado. E tudo foi feito ante o olhar indiferente do poder público. Posteriormente a derrubada do pinheiro e outras essências finas das florestas, para a subsequente industrialização, ainda mais veio contribuir para que as reservas florestais do Rio Grande fossem aniquiladas com mais rapidez. Por último, o consumo de lenha pela viação férrea em larga escala, foi mais um poderoso fator de destruição. Mas o tempo foi correndo, a derrubada desordenada continuou, e a indiferença do poder público por tão importante assunto se manteve inalterável. Daí certas afirmativas dos que não acreditam que a iniciativa particular possa fazer qualquer coisa para obviar esse mal. Ainda a pouco o Dr. Rui Aguiar, convidado pelo Governo do Estado para estudar a defesa de nosso patrimônio florestal, em entrevista ao Correio do Povo, citou uma afirmativa do *Irmão Teodoro*, que diz ser um grande conhecedor das cousas do Rio Grande e na qual dizia que Carazinho era o maior Centro de Produção de Pinho, mas que dentro de uns dez ou doze anos ficaria paupérrimo, com a terminação do Pinheiro, fonte de sua produção madeireira.”<sup>272</sup> (grifo nosso)

---

<sup>271</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX, n.538, 28 Jun., 1939 p.3

<sup>272</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX, n. 551, 12 ago., 1939.p.1

Ainda para melhor entender esse momento da crônica, é importante observar as considerações de Moraes, que vem nos explicar que enquanto a proposta geopolítica no período monárquico brasileiro foi a do país a se construir, na república foi a do país em construção, a natureza brasileira foi vista como pura riqueza a ser apropriada, e os recursos naturais foram tomados como inesgotáveis. Uma óptica espoliativa dominou a relação da sociedade com o meio.<sup>273</sup> É interessante observar que nessa situação da devastação ambiental apontado na crônica, se consegue perceber a imbricação do limite local, estadual e nacional, enquanto análise de contexto, configurando-se desta forma uma nova dimensão do espaço regional a ser considerado.

Sobre este assunto da derrubada das matas na região norte do Rio Grande do Sul, é importante considerar Wentz, que reafirma as palavras de Canuto, ao considerar que as zonas cobertas de matas pelo húmus que fertilizava as terras, proporcionando colheitas abundantes, era um chamariz para os colonos, que as derrubavam, ateavam fogo à madeira, e após lançavam as sementes na terra. No início da colonização, as derrubadas eram justificadas por uma questão de subsistência, mas foram tomando vulto, até assumir catastróficas proporções de devastação, sem método e sem qualquer visão. Também ocorria, de muitas vezes, o corte ser feito para atender as imposições do mercado externo, quanto à metragem da madeira, principalmente dos argentinos, desperdiçando o que era considerado fora do padrão.<sup>274</sup>

Como Carazinho foi conhecido por muitos como a capital das serrarias devido a quantidade delas existentes no início de sua história, é importante continuar interpretando Canuto que afirmou serem superficiais as observações feitas pelo ecologista, sr. Teodoro.

*"Não temos o prazer de conhecer tão ilustre estudioso, mas basta a citação feita para adivinhar-se nele um espírito esclarecido, conhecedor de nossas cousas e necessidades. Mas cremos que sua afirmativa amparou-se em uma observação feita de longe, superficialmente, através de informações nem sempre verdadeiras. É bem verdade que o pinheiro começa a escassear mas ainda demandará muitos anos para que o Rio Grande e Carazinho dele se vejam privados para sempre. Não é somente o pinho, que ocupa o primeiro lugar em nossa exportação, a farinha de mandioca*

<sup>273</sup> MORAES, Antonio Carlos Roberto. *Território e História no Brasil*. p. 178. 2002

<sup>274</sup> WENTZ, Liliane Irmã Mattje. *Madeireiros na Região Norte do Rio Grande do Sul: perfil socioeconômico e articulações de classe(1902-1950)*.Dissertação-Mestrado, UPF,2004. p.122



dentro em breve a deixará em plano inferior, isto quer dizer que nosso povo não conhece apenas a indústria de destruir as matas, mas sabe com esforço e inteligência, aproveitar a área que era ocupada pela mata destruída para nela fazer surgir lavouras verdejantes e ricas. A cultura do trigo e da cevada também vem tomando grande incremento e nosso município em breve apresentará uma produção de tomo.<sup>275</sup> (grifo nosso)

Quer dizer o jornalista reconhecia a ação destrutiva em relação ao pinho, mas pela fartura de toda sorte que essa prática trazia, quis achar uma forma de explicá-la, afirmando que ia demorar até que ela realmente desaparecesse. Assim, mostrou outros produtos econômicos que também eram trabalhados em Carazinho. Em síntese, tentou justificar o injustificável, diante das acusações legítimas do ecologista.

Ainda sobre essa abordagem da devastação ocorrida, é importante continuar considerando Wentz, que nos afirma que o modo tumultuado e prejudicial com que continuou ocorrendo à devastação das matas foi uma consequência direta da falta de uma lei geral que disciplinasse o corte de árvores. Assim, criou-se o Código Florestal, pelo qual o governo pôs em prática alguns planos de reflorestamento, como o que determinou o decreto nº 23.793, de 23 de janeiro de 1934, que procurava difundir no país, e principalmente na região serrana, a educação florestal.<sup>276</sup>

No ano de 1936, o governo instituiu o Conselho Florestal Estadual, e em 05 de maio de 1943, foi fundada em Carazinho a Cooperativa Florestal, que iniciou em seguida o plantio de milhares de pinheiros e criou uma delegacia florestal com função de fiscalizar e proteger as matas. No entanto, considerou Wentz, que faltou uma defesa organizada e sistemática das florestas, mas sobretudo faltou compreensão exata das necessidades futuras. Os poucos exemplos de conscientização de algumas pessoas foi válido, mas ineficaz diante do desmatamento ocorrido.<sup>277</sup>

O Jornal da Serra motivou várias das diferentes ações realizadas em nome do grande objetivo, que na época foi à construção do Hospital de Carazinho. O periódico levantou uma bandeira de luta em nome de seu sentimento de pertencimento e criou toda uma movimentação pela construção dessa obra. Podemos dizer que essa causa representou um dos motivos mais fortes de concepção do jornal enquanto instrumento de legitimação de

---

<sup>275</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX, n. 551, 12 ago., 1939.p.1

<sup>276</sup> WENTZ, Op. Cit., p.124-127

<sup>277</sup> WENTZ, Op. Cit., p.124-127

poder na comunidade. Quando tudo isso começou, Carazinho era chamado de vila, apesar de já haver transcorrido sua emancipação. O então hospital foi criado inicialmente com objetivo assistencial, posteriormente veio a perder essa característica.

Afonso em 12 de abril de 1939 argumentou que Carazinho, cidade em evolução, tinha diversos problemas à espera de uma solução satisfatória, reivindicada pelo bem estar coletivo. Na verdade, as crônicas muitas vezes subentenderam que a estagnação dos trabalhos do hospital foram pelas diferenças entre o grupo de Canuto maçom e do padre Sorg católico.

“Se algumas questões são tomadas com interesse através de uma iniciativa fértil em resultados práticos, outras se arrastam lentamente, com alternativas de inércia e este é o caso do hospital. A idéia de sua construção congregou toda a população. A sessão preparatória foi concorridíssima, num confortador ambiente de animação e entusiasmo. Breve porém incidentes diversos fizeram esmorecer a humanitária iniciativa.”<sup>278</sup>

Em 10 de janeiro de 1941 Afonso Pedro fez um balanço das empreitadas já feitas, na busca do término da construção do hospital; empréstimos, ajudas da iniciativa particular e a movimentação de todos em nome da tão justa causa. Destacou a boa iniciativa da igreja católica, que realizou um festival musical no Clube Comercial, com fundos destinados às obras do hospital.<sup>279</sup> É interessante que mesmo tendo sido o jornal de tendência maçônica, Afonso chegou a elogiar a igreja católica, talvez buscando amenizar arestas e então congregar esforços em prol da causa do hospital.

Ao continuar interpretando Afonso, é importante considerar Sodré, segundo ele, a questão comunicacional toma grandeza, quando da sua presença constante na informação e na estruturação das ações sociais. No século XIX essa concepção apareceu como subtema nas disciplinas de pensamento social, no início do século XX ganhou espaço acadêmico nos EUA, onde se buscou entender os efeitos do jornalismo sobre a mudança social. Posteriormente a Escola de Chicago preocupou-se com o fenômeno da comunicação, concebendo a cidade como um laboratório social.<sup>280</sup>

---

<sup>278</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX, n.519,12 abr., 1939. p. 1

<sup>279</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, n. 748, 10 jan., 1941. p. 1

<sup>280</sup> SODRÉ, Op. Cit., p. 226.

A crônica de 16 de março de 1942 registrou que a causa hospitalar gerou intrigas na vida da cidade. Afonso quis passar a idéia de que se tratou de alguns contrários ao movimento em prol do hospital, o que não seria justificável, em se tratando de um assunto de utilidade pública. Tudo levou a crer, que pela situação de constantes rixas política-ideológicas, qualquer motivo podia tender ao enfrentamento das facções adversárias.

As resistências apresentadas nessa crônica foram em oposição à figura do diretor do jornal, que sempre pareceu ter inimigos declarados. Afonso reclamou de mexericos que haviam surgido no lugar sobre a questão da religiosidade, já que Canuto era maçom, e também foi mencionado sobre questões étnicas, já que a característica germânica era bastante polemizada nas crônicas de Canuto, no sentido de atingir Hillebrand, mas que deixavam resquícios de interpretações que fugiam ao controle de seu escritor.

Na verdade o que se registrou foi uma disputa de facções, que almejavam o alcance do poder local, o jornal demonstrou representar claramente um destes lados, a partir daí, configurou-se um quadro bem complicado de ser administrado. E Afonso assim argumentou.

“Com um cinismo revoltante alteraram profundamente a verdade dando ao trecho de um artigo do diretor desta folha uma interpretação labor de seus cérebros doentios. Por isso a questão do Hospital se arrastou lentamente por longos anos. *Mentalidades tacanhas e retrogradadas, não hesitaram em lançar mão da questão religiosa e da questão racial para favorecer a balburdia e a confusão.* Conhecidos são os autores da intriga. O tempo porém é um grande mestre. Malogrou a intenção dos derrotistas e dos intrigantes. A questão do hospital foi retomada com mais entusiasmo, conseguindo finalmente a cooperação do povo, de quem estava divorciada pela obra desagregadora dos maus elementos.”<sup>281</sup> (grifo nosso)

Argumentou o jornalista sobre a importância de perpetuar em fotografia à herança do Carazinho de ontem, a fim de que as futuras gerações pudessem estabelecer comparativos das mudanças do lugar.

“A evolução da cidade retirou da retina o espetáculo de casas cambaias e inestéticas substituindo-as pela agradável contemplação

---

<sup>281</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.926, 16 mar. 1942.p.1

de prédios novos e virtuosos. O Carazinho de ontem está desaparecendo paulatinamente, insensivelmente. Os antigos aspectos vivem apenas nos escaninhos da memória. Esta porém, nem sempre é fiel. Torna-se mister portanto, fixar na crônica ou na fotografia, o panorama de hoje para confrontá-lo com o de amanhã.”<sup>282</sup>

Afonso sempre mostrou preocupação com a concepção de valorização do espaço construído em Carazinho, mas não como grande potencial demonstrativo de identidade cultural agregado a ele, e sim como sinônimo de dinamismo econômico, ou a ausência dele. Não se pode condená-lo, pois a idéia de patrimônio cultural, ainda não existia naquela época. Pregou uma visão determinante do velho como feio e do novo como belo e harmonioso. Para melhor compreender sobre patrimônio histórico nas construções, é importante considerar Moraes que nos afirma que ninguém irá negar que a organização dos lugares obedece a funções e necessidades da produção, que a disposição dos objetos obedecem a dispositivos técnicos, que os padrões do capitalismo revelam a ânsia de lucro. Todavia, isso não reconhece a integridade do processo. Como explicar a diversidade arquitetônica em meio às mesmas funções e materiais, ou as variedades de estilos nas construções de um mesmo período técnico, ou o detalhe sem função aparente?<sup>283</sup>

Na coluna de 27 de abril de 1942, Afonso Pedro demonstrou sua interpretação sobre a realidade econômica na produção e construção do espaço carazinhense. Reconheceu os progressos urbanísticos da cidade e os atribuiu principalmente à iniciativa particular, assim objetivando diminuir por completo a participação pública do momento, representada pela figura do prefeito Hillebrand. Estimulou as possíveis novas iniciativas, no entanto ressaltou que a desapropriação do terreno do antigo cemitério, objetivando a construção de uma vila, merecia certo cuidado para não ser interpretado como desrespeito aos mortos.<sup>284</sup>

Ao salientar novamente a iniciativa particular como sendo a grande mola propulsora das possibilidades produtivas no município, o jornal procurava conquistar sempre mais a simpatia desse segmento e reafirmar-se enquanto seu fiel representante, fato que só contribuía na conquista de maior espaço desse periódico junto à comunidade.

---

<sup>282</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.939, 17abr., 1942. p.1.

<sup>283</sup> MORAES, Antonio Carlos Roberto. Ideologias Geográficas. p. 24. 2002

<sup>284</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.493, 27 abr., 1942. p.1

Na situação da crônica de 29 de abril de 1942, Afonso sugeriu sobre a existência de uma entidade que vislumbrasse melhorias na comunidade. Talvez porque Canuto estava estigmatizado publicamente devido às suas posturas extremamente tendenciosas, Afonso então sugeriu que surgisse nova instituição que legitimasse seus pedidos, mas que fosse entendida como imparcial.

“O grande desenvolvimento observado exige a cooperação da coletividade na solução dos problemas mais urgentes, reunindo as energias dispersas na iniciativa particular. Pensemos portanto na oportunidade da existência de uma Sociedade dos Amigos da Cidade, com insenção de animo, *imparcialmente*, para dar a cidade o que ela deseja para se apresentar mais bonita e mais pitoresca aos olhos curiosos e inquisitoriais dos forasteiros.”<sup>285</sup> (grifo nosso)

Assim, é possível entendermos Moraes, quando este nos afirma que as formas espaciais produzidas pela sociedade manifestam projetos, interesses, necessidades, utopias. São projeções dos homens, seres históricos e culturais, num processo contínuo, onde o próprio ambiente construído estimula as novas construções. É resultado e ao mesmo tempo alimento dos projetos de produção do espaço.<sup>286</sup>

Em 30 de dezembro de 1942, Afonso demonstrou preocupação com a exclusão social, no entanto fez uma conotação interpretativa dela como sinônimo de vagabundagem, onde o sujeito seria o maior culpado de estar marginalizado, ou ter buscado aquela situação. Cobrava das *autoridades competentes* providências para o abrigo da senhora para um local apropriado. (grifo nosso)

“o lugar *daquela Índia* não deveria ser as ruas, nem os cafés, mas sim um asilo onde pudesse viver tranqüilamente a *sua irresponsabilidade*, onde encontrasse uma cama para dormir e alimento para seu estômago, onde encontrasse o conforto necessário, onde não lhe atirassem água e onde os garotos não a incomodassem.. Aquelas cenas eram um atentado aos foros da cidade culta e civilizada de que se orgulhava Carazinho.”<sup>287</sup>

---

<sup>285</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n. 944, 29 abr.,1942. p. 1

<sup>286</sup> MORAES, Op. Cit., p.22- 23., 2002.

<sup>287</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII,n.1.046, 30 dez.,1942. p. 1

Em 04 de janeiro de 1943 Afonso Pedro fez uma retrospectiva histórica do desenvolvimento do município, atribuiu as obras ao espírito empreendedor do povo, inclusive as campanhas realizadas pelo jornal. E depois fez um reconhecimento à iniciativa particular, enquanto força somatória, na solução dos problemas locais. Não sobrou qualquer parcela dessa contribuição, ao poder público vigente. Mencionou sobre a construção de um viaduto de necessidade de todos, e que foi na iniciativa particular que recebeu o respaldo merecido.<sup>288</sup> Ao incentivar esses investimentos, que fossem por ventura bem sucedidos, o jornal teria sempre mais argumentos para frisar o que seguidamente reafirmava, que na cidade, a iniciativa particular era tudo.<sup>289</sup> Afonso Pedro afirmava isso de forma a destruir ainda mais, a já abalada figura do prefeito.

Essa crônica de 20 de janeiro de 1943, Afonso levantou a necessidade de melhoria das vias de acesso ao hospital, que devido às péssimas condições oferecidas, os doentes sentiam dificuldades de para lá se dirigirem. Recorre Afonso para isso, aos comentários feitos por uma figura que talvez tenha sido criada por ele, pois o nome assim se deixava pensar. Essa criatura, nas vezes em que era mencionado nas crônicas, tendia a mostrar um comportamento travesso, mas que parecia um tanto confuso, por não compreender várias situações observadas em Carazinho, o jornal chamava esse sr. de Chico Lambança, nome que também sugere não se sabe se proposital ou não, a um aspecto de bagunça e confusão.<sup>290</sup>

Se esse personagem foi realmente criado por Afonso, a idéia a ser compreendida, era de que nem mesmo Chico Lambança entendia a anarquia instalada na cidade. A essa possibilidade de criação de uma figura na trama, é importante considerar Sodré que nos afirma que para entendermos a concepção dos desdobramentos das coisas sociais, a cultura e o mundo compartilhado dos homens, é fundamental prestarmos muita atenção, a uma ordem de acolhimento de todas as diferenças, a que chamamos linguagem, que seria a matriz dos eventos, a superfície histórica em que se inscreve o ser, e que se manifesta na forma prática do discurso.<sup>291</sup>

---

<sup>288</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n. 1.048. 04 jan.1943 p. 1

<sup>289</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n. 1.048. 04 jan.1943 p. 1

<sup>290</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.1.055, 20 jan., 1943. p.3

<sup>291</sup> SODRÉ, Op. Cit. P.229.

É interessante observar Canuto em 21 de janeiro de 1943 e tentar captar a forte presença da proposta positivista castilhista adotada na educação dos jovens no período, ou seja, onde o horário, o regramento e a ordem, formaram o fundamento de todo o processo doutrinário.

“Estas considerações nos veio em mente, no Dia da Juventude Brasileira, quando a concentração escolar que foi marcada para às 9 horas e só teve começo depois das 10, ficando as crianças pelo espaço de uma hora, expostas ao sol, de pé, aborrecidas. Essa injustificável demora só servia para diminuir o entusiasmo das crianças em solenidades que queriam despertar em seus ânimos uma grande vibração patriótica.”<sup>292</sup>

A Associação dos Escoteiros de Carazinho fazia nesse mesmo *Dia da Juventude Brasileira*, a *Iniciação* a alguns noviços e a *Renovação de Promessa* de todos os componentes dos grupos Minuanos e Tapes, que formavam a Associação.<sup>293</sup> (grifo nosso)

Em 15 de fevereiro de 1943 Canuto afirma que é impossível se admitir que um município rico como Carazinho, sentisse tais dificuldades. Ao destacar a iniciativa de algumas doações pediu a colaboração de toda a comunidade em nome dessa causa tão nobre e necessária, que era a permanência dos serviços hospitalares na cidade. “Os gestos amigos são mais valiosos, são mais sublimes e melhor compreendidos na adversidade. Apoiemos portanto, a campanha pró Hospital, tendo os olhos voltados para o progresso de Carazinho”.<sup>294</sup> Percebemos que as obras do hospital era uma questão de honra para Canuto, pois mesmo diante das intrigas que se geravam, este demonstrava que jamais desistia da causa.

É importante percebermos que por trás destes objetivos nobres empreitados pelo jornal, este continuava a costurar o que sempre mais lhe interessava, que era consolidar sua legitimidade junto a comunidade. Querendo ainda interpretar Canuto, recorreremos a Sodré, que argumenta que a linguagem manifestada no discurso social significa já estar de posse de uma idéia construída coletivamente e posta a disposição da prática individual. Seria

---

<sup>292</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n. 1093, 21 abr., 1943.p.1

<sup>293</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n. 940, 20 de abril de 1942 p.3

<sup>294</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n. 1.066, 15 fev., 1943. p.1

partilhar o mundo sob o pano de fundo da linguagem, que funciona como a real produtora da sociedade.<sup>295</sup>

Em 27 de outubro de 1943, Afonso Pedro salientou que o prefeito proporcionou melhorias em determinados espaços do município, de forma a privilegiar alguns em detrimento à outros.

“pelo dinamismo econômico do município e por ser ele um importante escoadouro dos produtos do interior, deveria ser exigido a macadamização completa da sua principal artéria, a Av. Flores da Cunha, de forma a ligá-la à faixa de Não-Me-Toque. O próspero arrabalde reclama com justiça, o seu quinhão de melhoramentos em benefício de uma coletividade e não de um ou dois particulares.”<sup>296</sup>

No dia 03 de julho de 1944, Afonso ao relembrar momentos gloriosos do passado da cidade, lançou sua preocupação, de que um dia alguém registrasse um livro sobre a história de Carazinho. Esse sentido cultural abordado pelas crônicas foi algo de muito positivo e que significativamente contou pontos para a história do jornal. É interessante analisar aqui, que ao mesmo tempo em que sugeria essa preocupação também a relegava ao poder público constituído, ou seja, ao sr. prefeito.

“Nosso pensamento se fixou no Carazinho de ontem com seu aspecto provinciano, simples e modesto, com os seus tipos populares, quando todos se conheciam em agradável convívio. Haverá quem tenha esquecido o Viana, cujas tiradas de magnífico humorismo tanto nos deliciaram no seu Café, cujas mesas nas noites quentes, saíam para a rua e eram sempre procuradas? E a víspera do Clube Comercial, tão freqüentado e tão barulhento? E a famosa república, onde diversos jovens, hoje senhores responsáveis viveram uma mocidade irrequieta e descuidada? E os sensacionais processos que polarizaram a atenção da vila, trazendo para Carazinho, vultos destacados da advocacia serrana e da capital? E a revolução de 23, tão cheia de episódios heróicos uns e pitorescos outros. E o Barracão Liberal de 1930? O passado tem os seus encantos. E é sempre com um sorriso de carinho e de saudade que o homem recorda o que viveu. Virá alguém um dia, enfeixar

---

<sup>295</sup> SODRÉ, Op. Cit., p.229-230.

<sup>296</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n. 1.176, 27 out., 1943. p. 1



num livro, a história de Carazinho, fazendo reviver o seu passado fértil em acontecimentos diversos? Talvez...”<sup>297</sup>

Ao abordarmos sobre essa última parte desse item, ou seja, *a visão de futuro e crescimento do lugar* mencionado por Canuto e Afonso Pedro, tornamos possível criar uma interpretação a respeito de cada característica aqui analisada (críticas, elogios e visão de futuro) o que nos permite avaliar com maior clareza o que determinou a linha de sustentação das crônicas.

Tentando estabelecer um estudo comparativo nessa sucessão de crônicas de Canuto e Afonso, entre as possibilidades de críticas, elogios e visão de futuro, conseguimos chegar a algumas constatações que devemos analisar, mas não antes de considerarmos Barthes, quando este nos afirma que o passado já nos chega enquanto discurso, uma vez que não é possível restaurar o real já vivido em sua integridade. Nesse sentido, tentar reconstruir o real é reimaginar o imaginado e caberia indagar se os historiadores, no seu resgate do passado, podem chegar a algo que não seja uma representação...<sup>298</sup>

Então, numa representação das críticas de Canuto e Afonso obtivemos os seguintes registros: os terríveis momentos de incêndios; inconformidade com a demora da escolha do primeiro mandatário do lugar; apelativos para que o coração urbano do município recebesse maior atenção e para que a nova estação ferroviária fosse construída; reclamação dos antiestéticos postes de luz; desvantagem de Carazinho em não construir uma usina-hidroelétrica; sugestão para colocação de placas com o nome das ruas; alerta no sentido de que o lugar ainda respaldava uma prática de vila; problemas na exportação por causa da guerra; perfuração de mais poços de água; críticas aos constrangimentos e acusações a que eram acometidos os jornalistas; a cadeia civil estava abandonada; preocupação com a realidade da criança desamparada; os trabalhos nas ruas que impediam o trânsito por semanas e meses. Enfim, criticaram com veemência a inércia dos serviços públicos, demonstrando a impotência do mesmo diante às necessidades da população.

---

<sup>297</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n. 1.279, 03 jul.,1944. p.1

<sup>298</sup> BARTHES Apud PESAVENTO p.17

Em relação aos elogios encontramos: Canuto ainda apresentando-se em Passo Fundo e elogiando o povo carazinhense, tentando dessa forma talvez, já cativar simpatias de seu futuro público leitor; depois já em Carazinho, homenageando à emancipação do município, é demonstrado um importante quadro estatístico educacional da época; elogios à iniciativa da polícia em desviar a passagem dos veículos; comentários sobre uma nova casa de lazer que pretendia iniciar suas atividades no município; elogios a prefeitura pelo fato de esta ter adquirido uma patrol; elogios a postura da comunidade diante dos grandes incêndios; elogios a participação da iniciativa particular no sentido de solucionar os problemas da luz e da água; observação de que em nome da unidade cultural devia-se manter a atual denominação da cidade; sugestão de que o grande desenvolvimento apresentado pela Glória estava divorciado da infra-estrutura merecida; esclarecimento de que as pessoas do lugar estavam estudando, o que acarretaria em maior nível de exigências; e por final, é observado que Carazinho progredia e se desenvolvia a olhos vistos e sua elevação à categoria de cidade pôde confirmar essa invejável expansão.

Então, os elogios foram à polícia, à população de modo geral, ao próprio Jornal da Serra e para a iniciativa particular, pelo sucesso dos empreendimentos que desenvolviam-se em Carazinho, os cronistas deixavam margem de entendimento que o único segmento que não merecia reconhecimento algum era o então executivo.

Num resumo sobre visão de futuro e crescimento do lugar, as primeiras crônicas chegaram apresentando um pouco sobre a história do jornal em Passo Fundo, subentendendo que seriam seguidos os mesmos rumos em Carazinho; fizeram um discurso convincente de maneira a convencer que a seriedade e a justiça pretendiam ser a alma das intervenções do jornal; em relação aos incêndios, montaram um plano alternativo; salientaram sobre a necessidade de rever os arredores da área que iria receber o novo prédio escolar público devido a zona de meretrício próxima; argumentaram sobre o problema da devastação das matas; criaram toda uma movimentação em prol da construção da obra do hospital; salientaram a importância de perpetuar em fotografia a herança do Carazinho de ontem; estimularam a existência da Sociedade dos Amigos que pudesse vislumbrar melhorias ao lugar; demonstraram preocupação com a exclusão social; mencionaram sobre a construção de um viaduto de iniciativa particular; levantaram a necessidade de melhoria das vias de acesso ao hospital; estimularam propostas positivistas na educação dos jovens

no período; alertaram sobre o problema do funcionamento das atividades do hospital; declararam que deveria ser exigido a macadamização completa da Av. Flores da Cunha, ligando-a à faixa de Não-Me-Toque; lançaram preocupação de que um dia alguém registrasse em livro a história de Carazinho; fizeram uma retrospectiva histórica do crescimento da cidade atribuindo as obras ao espírito empreendedor do povo e claro, as campanhas realizadas pelo jornal; e no final, fizeram um reconhecimento à iniciativa particular, enquanto força somatória na solução dos problemas locais, não sobrando qualquer parcela das contribuições observadas ao poder público vigente.

Observamos então, que as visões de crescimento foram razoáveis, já que essas observações vinham a confirmar a opinião dos cronistas de que aquele momento presente não era o ideal, então apostavam no futuro, onde vislumbravam possibilidades de melhorias.

Nesse paralelo de críticas, elogios e visão de futuro, percebemos que Canuto e Afonso motivaram e previram um universo considerável de possibilidades para Carazinho. Até porque, o objetivo era de tentar mostrar um sentido de moralização da sociedade e da política no município. Usou desse princípio o tempo todo nas crônicas, a fim de desconstruir o então prefeito Hillebrand. No entanto, não se pode em hipótese alguma, considerar que os elogios e as visões de futuro sobrepuseram as críticas, ao contrário, estas de forma determinante, predominaram. Tanto que muitas delas já foram estudadas no capítulo 2 (dois) que abordou de maneira mais detalhada a história política desse espaço, ou serão ainda tratadas detalhadamente no capítulo 3(três); Uma visão externa do lugar, que compreenderá as abordagens dos cronistas em relação ao Estado Novo e à 2ª Guerra Mundial.

### 3 – UM OLHAR PARA FORA

#### 3.1 - Os cronistas olham a cena nacional e internacional

Dentro deste capítulo, buscaremos perceber como os cronistas Canuto de Souza e Afonso Pedro do Jornal da Serra interpretaram a cena nacional do Estado Novo e internacional da Segunda Guerra, a partir da realidade local. Legitimamos essa proposta nas palavras de Lê Goff que aponta que os historiadores se empenham em dar um conteúdo mais preciso a história do imaginário, que segundo ele faz parte de um campo de representação e como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.<sup>299</sup>

O período de acirramento e ditadura instituído por Getúlio Vargas no país em 1937 criou situações interessantes em Carazinho, a cena da guerra veio somar-se a esse momento, de forma a criar um quadro peculiar, que merece ser dado maior atenção. Assim é imperioso *Um olhar para fora*.

#### 3.2 – O Estado Novo

Ao tentarmos estabelecer uma linha de entendimento de como as crônicas de Canuto e Afonso Pedro criaram sentido durante o Estado Novo no município, estaremos trabalhando com uma nova dimensão do espaço regional, pois buscaremos entender Carazinho em relação ao contexto nacional. O que vem confirmar novamente a idéia, de que o limite regional é oscilante, e está imbricado diretamente com a abordagem que é tomada ao ser estudado. Viscardi chama atenção para essa realidade, quando afirma que os critérios de delimitação de espaço regional, sendo a região uma construção de seus agentes, suas fronteiras variam em função das circunstâncias em que são delineadas. Portanto, no que tange à delimitação regional, além das divisões político-administrativas, outros critérios devem ser pensados como possíveis, cabe ao historiador levar em conta como a região foi vista, sentida e percebida pelos seus habitantes no momento pesquisado, a partir desses critérios, novas fronteiras podem ser estabelecidas.<sup>300</sup>

---

<sup>299</sup> LE GOFF, Jacques. *L'imaginaire médiéval*. Paris, Gallimard, 1985.

<sup>300</sup> VISCARDI, Op.Cit., p.96.

Somente compreendendo em linhas gerais a evolução do contexto geopolítico nacional, sustentaremos possibilidade de melhor avaliar a década de 1930 e 1940 no município. Assim, desejamos salientar a singularidade do que caracterizou o Estado Novo instituído no país a partir de 1937.

Nos estados os governadores são substituídos por interventores e as milícias forçam medidas que aumentam a centralização política e administrativa. No plano da cultura e da ideologia, a proibição do ensino em línguas estrangeiras, a introdução da disciplina de Moral e Cívica, a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (que tinha a seu cargo, além da censura, a exaltação das virtudes do trabalho) ajudam a criar um modelo de nacionalidade centralizado, a partir do Estado.<sup>301</sup>

Nesta crônica de 14 de abril de 1938 percebemos como esse clima da nacionalização do ensino, somado ao acirramento político existente, criaram situações bastante constrangedoras aos teuto-brasileiros da cidade. E Canuto assim argumentou:

“...esse cavalheiro escreveu-nos longa e impertinente carta. Devolvemos-lha para que o assinasse, voltando o que não o fez. Seu autor não teve a hombridade de assiná-la. A melhor resposta que poderemos dar ao azedo teuto-brasileiro é a publicação do decreto de nacionalização do ensino, que mereceu a aprovação do Sr. Cônsul Alemão neste Estado. Quanto às veladas ameaças do autor da carta sem assinatura, dela não nos arreceamos, porque saberemos repeli-las com toda a altivez.”<sup>302</sup>

Na verdade, as crônicas pregaram uma postura de adequação do local a proposta do Estado Novo instituído, sendo Canuto getulista, não se esperava atuação diferente. Sua briga contra o prefeito a quem ele acusava de florista, foi o traço marcante dos discursos desse momento. Assim, as acusações ocorridas gradativamente envolviam novas pessoas, tomando uma proporção cada vez maior. A lógica era realmente essa: gerar dessa situação insustentável, um novo momento no lugar. E nesta mesma crônica Canuto apareceu notoriamente brigando com o descendente alemão, onde o acusou de germanófilo.

“Esse comentário que não contém nenhum assinte à Alemanha, mas apenas uma referência à política de Hitler, provocou íras do

---

<sup>301</sup> OLIVEN, Id.Ibid., p. 76-77.

<sup>302</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, n.454, 14 de abr., de 1938 p.1

teuto-brasileiro Fernando Sudbrack, que num histerismo impróprio de seu sexo, pretendeu nos impor seu ponto de vista, puramente germanófilo. Tendo vindo a nossa redação com a intenção deliberada de nos traçar rumos, vimo-nos na contingência de convidá-lo em termos ásperos a abandoná-la, pois cômicos de nossos sentimentos de brasilidade e nossos deveres de patriotismo, não consentimos quem quer que seja nos julgue capaz de permitir humilhações para nossa pátria e nossa gente.”<sup>303</sup>

Na crônica do dia 14 de janeiro de 1939 Canuto defendeu-se, pois diz que mexeriqueiros da vila o acusaram de ter delatado sr. Fernando Sudbrack. Pois este fora preso e as causas determinantes dessa prisão, eram ignoradas, supondo alguns, que fosse motivada por uma carta que o jornalista teria dirigido ao Dr. Secretário da Educação criticando ou censurando atos praticados por esse sujeito relativos à nacionalização do ensino. É notório aqui observar, como as pessoas da comunidade se envolviam nas rixas dos grupos rivais, até de uma maneira meio inocente. Quer dizer, a briga entre Canuto e Hillebrand não via limites, o negócio era fomentar um clima de caos mesmo, esse era o sentido que se queria criar.

A situação de aprisionar elementos suspeitos, mencionada na crônica, é observada por Spenthof, ao afirmar que a interventoria sustentava que cabia a polícia a missão de desmantelar perigos armados no território gaúcho, os quais serviam aos interesses do pan-germanismo fascista, missão não menos importante havia sido assumida pela Secretaria da Educação, que era de erradicar o terreno propício ao surgimento de futuros surtos desnacionalizantes.<sup>304</sup> E Canuto finaliza: “...propositalmente deixamos de noticiar essa prisão, visto que contávamos na certa, que ela seria atribuída ao diretor desta folha. E assim aconteceu.”<sup>305</sup>

Estas prisões conforme Jungbeck, tinham além de noticiar a ação policial, a função de difundir certo comportamento entre a população, ou pelo menos indicar como não se deveria agir.<sup>306</sup> Jungbeck, reafirma Perazzo quando esta lembra que cabia aos órgãos de

---

<sup>303</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, n. 454, 14 de abr., de 1938 p.1

<sup>304</sup> Relatório dirigido ao presidente Getúlio Vargas pelo interventor federal no Rio grande do Sul, gen. Osvaldo Cordeiro de Farias, referente aos anos de 1938-1943 Apud SPENTHOF, Op. Cit., p.96

<sup>305</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX, n. 497, 14 de jan., de 1939 p.1

<sup>306</sup> JUNGBECK, Op. Cit., p. 55

imprensa a função informativa, que mostrava a instituição policial, munida das armas necessárias, a contenção do perigo e da desordem.<sup>307</sup>

Outro problema além da resistência em relação à nacionalização do ensino em Carazinho levantado por Spenthof, foi a existência de professores de origem alemã na rede escolar, inclusive eles trabalhavam no ensino de línguas estrangeiras e não somente na atividade diretamente docente, como também em cargos de direção. Em plena efervescência nacionalista de meados de 1938, o diretor da Escola de Comércio de Carazinho professor João G. Einloft, era de origem alemã e oferecia seus serviços para o aprimoramento de línguas estrangeiras em sua escola.<sup>308</sup>

Na crônica de 10 de maio de 1939 foi possível perceber o ápice que chegou a se viver em relação à imposição instituída no Estado Novo, no que refere-se à obrigatoriedade da comunicação na língua vernácula, aos filhos de imigrantes nascidos no Brasil. Canuto publicou a lei para que não houvesse mal entendidos, justificando que em *Respingos* anteriores teria argumentado que essa determinação do Major Nilo Guerreiro caberia somente a seus comandados, pois foi um equívoco, na verdade cabia a todos os brasileiros que falavam o idioma alemão. Quer dizer, era o tolhimento total das liberdades individuais, sublimada e legitimada pelo poder do Estado.

“Informa de Florianópolis que o Major Nilo Guerreiro, comandante do 3º batalhão, mandou distribuir e afixar boletins proibindo que os brasileiros natos se expressem em idioma alemão, sob pena de serem punidos. Tal determinação somente abrange cidadãos brasileiros, conservando aos alemães o direito de se expressarem na língua de sua pátria quando assim o entenderem. Essa medida de nacionalismo foi bem recebida, sendo registrada com destaque pela imprensa. *Transcrevendo-a na íntegra, não só sanamos nossa falta involuntária, como também cooperamos para a dissiminação de uma patriótica medida de nacionalismo, principalmente nesta terra, onde até certas autoridades preferem expressar-se em alemão, mesmo dentro de suas repartições, como si isto aqui já fosse uma terra de ninguém.*”<sup>309</sup> (grifo nosso)

---

<sup>307</sup> PERAZZO. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. p. 193. Apud JUNGBECK. p. 55

<sup>308</sup> SPENTHOF, Op. Cit., p.93

<sup>309</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX, 10 de jan., de 1939 p.2

Na crônica de 14 de janeiro de 1939 Canuto defendeu-se diante da hipótese de ter delatado alguém, referindo-se à ordem de nacionalização do ensino. Na de 19 de abril de 1939 apareceu brigando, pois o prefeito parecia inerte, diante desse mesmo problema, só que em outro episódio, agora em relação ao padre alemão, figura esta que abertamente mostrava aversão aos posicionamentos de Canuto. Examinamos que a trama era a mesma, os motivos e os personagens oscilavam. Essa era a intenção e assim acontecia. Membros de Carazinho teriam viajado a Santa Maria, numa visita do coronel Cordeiro de Farias e pedido informações de como agir com um padre que ameaçava as crianças de excomunhão caso comparecessem aos colégios estaduais. Os elementos de Carazinho teriam sido Hillebrand e comitiva. “Essa atitude do sr. prefeito contrasta flagrantemente, com sua já conhecida indiferença ante a campanha de resistência a lei de nacionalização que sorratamente vem sendo feita neste município.”<sup>310</sup>

Sobre a posição da igreja católica no período da 2ª guerra Jungbeck nos afirma que o jornal O Nacional publicou em 02 de fevereiro de 1942 em matéria de capa a ordem do arcebispo metropolitano, D. João Becker, dirigindo uma circular a todo o clero do Estado, fixando normas de acordo com o atual momento, para que fossem suspensos os sermões em línguas de países do Eixo.<sup>311</sup> Parece que em Carazinho, conforme as crônicas de Canuto a figura desse padre alemão, estava representando um foco de resistência, desconexo portanto com as posições instituídas pela igreja católica.

Canuto fez questão de salientar nessa mesma crônica de 19/ de abril de 1939 que Hillebrand somente tomou alguma providência diante da postura do padre, visto que teve medo de perder o poder. Canuto usava esse motivo da nacionalização do ensino, para mostrar que o padre e Hillebrand se acobertavam mutuamente. “Não fora a ameaça de ser lançado fora da prefeitura, e certamente o sr. continuaria com sua indiferença muçulmana a deglutir pachorrentamente os vencimentos, indiferente a sorte do município, alheio a necessidade de nacionalização do ensino, esquecido dos seus sentimentos de brasilidade!”<sup>312</sup> Em relação ao clero do RS no período do Estado Novo, Gertz no observa

---

<sup>310</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX, n. 520, 19 de abr., de 1939 p.1

<sup>311</sup> JUNGBECK, Op. Cit., p.53

<sup>312</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX, n.520, 19 de abr., de 1939 p.1



que a preocupação em relação a estes era significativa, pois dados apontam que havia uma evidente predominância dos sobrenomes alemães entre eles no período.<sup>313</sup>

Canuto ao anunciar em 21 de outubro de 1939 um novo jornal que estava chegando, deixou transparecer um ar de preocupação, sentiu-se ameaçado e teve razão para isso, pois os comentários eram de que este seria católico, possivelmente em resposta, já que Canuto era maçom.<sup>314</sup> Nos transpareceu nesta crônica, que o fato da supremacia de ser o Jornal da Serra o único no município, estava incomodando bastante o grupo antagônico a ele. Assim tentaram estes responderem a essa situação e um novo jornal surgiu.

*"Este se dizia vir, para sanar abusos de certos jornalistas. Diante desse pronunciamento claro e ameaçador, vimo-nos a contingência de fazer esta respingada, não que tenhamos medo de enfrentar o novo mestre que nos apresenta. Aguardamos tranqüilos o aparecimento do novo órgão de publicidade para saudá-lo cordialmente se ele surgir esgrimindo a arma da elegância, da serenidade e da verdade, mas para enfrentá-lo desasombradamente, se ele surgir com veleidades de dar lições de ética profissional e combater a abusos existentes unicamente em cérebros mórbidos ou amolecidos."*<sup>315</sup> (grifo nosso)

Esse tal jornal mencionado por Canuto pode ser o A Ordem, pois Bocorny diz que este teria surgido em 1934. No entanto os comentários de Canuto sobre esse novo jornal, são de 1939. Apesar das datas não coincidirem muito, os fatos se fecham, pois esse jornal era de adeptos de PRL. Bocorny assim descreve sobre A Ordem:

---

<sup>313</sup> GERTZ, René. Op. Cit., p. 161

<sup>314</sup> BOCORNY, Op. Cit., p. 235-237. Em relação à Associação Maçônica de Carazinho, é interessante considerar as palavras de Bocorny, que nos afirma ser esta a instituição mais antiga de Carazinho, pois foi fundada em 5/05/1898. Grande número de engenheiros ingleses e belgas, ligados à construção da Ferrovia, trouxe as idéias da fraternidade para a região do planalto, resultando na fundação das Lojas de Cruz Alta, Soledade, Carazinho e Passo Fundo, à mediada que a estrada avançava. Em 23/10/1902, a Loja de Carazinho teria encerrado suas atividades, por motivos desconhecidos. No período intermediário do encerramento das atividades da Loja "Deus e Progresso" e o início da "Honra e Trabalho", não existem dados concretos sobre atividades maçônicas em Carazinho. Em 19/12/1932, numa das dependências do Hotel Liberal, reuniram-se uma comissão com objetivo de restaurar o movimento maçônico, fundou-se então a Loja "Honra e Trabalho", a qual persiste até os dias atuais. A loja teve seus primeiros encontros realizados em salão reservado, oscilava de local periodicamente, por não ter sede própria. Por algum tempo funcionou nas dependências do Hotel Liberal, também em prédio do Jornal da Serra, de outubro a dezembro de 38. Até que em 23/06/1940, foi inaugurado o prédio que funciona até os dias atuais. (grifo nosso)

<sup>315</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano IX, n 570, 21 de out., de 1939. p.1

“Surgiu em fins de setembro de 1934, tendo como diretor o Dr. Eurico Araújo e, como redator chefe o Dr. Edgar Luiz Gasper. Era frontalmente simpatizante do Partido Republicano Liberal, ideologia política de seus dirigentes. Teve uma duração efêmera, deve ter perdurado até o ano seguinte a seu aparecimento, mas foi um jornal bem feito, com diversos colaboradores, e mesmo tendo um caráter partidário, manteve uma linha religiosa forte. É de se presumir que fosse impresso em Passo Fundo.”<sup>316</sup>

Pelas palavras de Bocorny, entendemos que o grupo do PRL católico, conseguiu trazer um jornal à Carazinho. O objetivo notoriamente, foi o de revidar os discursos pouco amistosos de Canuto.

Podemos notar que em Carazinho os periódicos que surgiram na década de 1930 foram raros e os que apareceram foram de curta duração. Na década de 1940 muda um pouco essa realidade, pois em 1942 surge o Noticioso. Conforme Jungbeck em Passo Fundo na década de 1940 já havia os diários O Nacional e o Diário da Manhã, além do periódico local, A Defeza bem como aqueles que vinham de Porto Alegre, Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Tarde, Jornal do Estado e A Nação.<sup>317</sup> Este deve ter sido um forte argumento do porquê Canuto não fixou residência nesse município, o espaço de trabalho encontrava-se bastante competitivo, então preferiu vir para Carazinho.

É interessante entendermos que as diferenças entre os grupos de Hillebrand e Canuto, não foram somente políticas, mas também ideológicas. A guerra que se travou entre o catolicismo e a maçonaria foi uma coisa muito forte no município. Tanto que suas raízes repercutiram muito além das décadas de 30 e 40. Nesta crônica de 06 de março de 1944 o jornalista apareceu argumentando sobre religiosidade, onde então admitiu a existência de duas possibilidades.

“Há os que acreditam piamente num ente superior que inspira os nossos pensamentos, guia as nossas ações e eleva o nosso coração apontando-nos o caminho do bem. Há também os que não acreditam na existência desse ser supremo, pois julgam que os nossos destinos são talhados aqui na terra por nós mesmos, pelas nossas boas ou más ações, pela pureza ou baixeza de nossos sentimentos, pela nobreza ou aviltamentos de nosso caráter, como a

---

<sup>316</sup> BOCORNY, Op. Cit., p.203

<sup>317</sup> JUNGBECK, Op. Cit., p.11

resultante de nossos impulsos naturais, e quanto a nós humildes mortais, acreditamos na existência da divina providência...”<sup>318</sup>

Na verdade Canuto sabia que o fato de ser maçom, nutria motivos e comentários em relação a sua pessoa na comunidade. Então, pelas palavras da crônica do dia 06 de março de 1944, percebemos um tom de lisura no que se refere à espiritualidade. Ao mesmo tempo em que criou uma argumentação proposital, a fim de atingir novamente seus adversários. Canuto relacionou: chuva, poder espiritual e luz elétrica, de forma a insinuar que como o poder terreno se mostrava impotente diante da causa, o espiritual vinha em socorro, solidarizando-se junto aos carazinhenses.

“Mais ainda: acreditamos que Deus Nosso Senhor é brasileiro, como várias vezes se tem afirmado. Não fosse ele brasileiro e certo, não se teria apiedado de nós, mandando aquela chuvinha benéfica com que, sábado último, alegrando os nossos corações contribuiu para aumentar o volume de água do Rio Glória a quem cabe o pesado encargo de alimentar com seu tênue fio líquido, nada menos do que duas usinas que fornecem luz e força para esta cidade de Carazinho.”<sup>319</sup>

É provável, que o padre tenha fundado o Jornal Noticioso, para tentar rebater Canuto, já que como se viu o A Ordem vindo de Passo Fundo, foi de curta duração. Em contrapartida, Canuto possivelmente pode ter criado situações de maneira a dificultar a permanência deste jornal no município. Pois conforme Cavalheiro, no ano de 1943, o Jornal Noticioso fechou, levando a que sua voz se calasse por mais de um ano. Essa medida fora adotada em virtude da referida folha estar circulando irregularmente, visto que ainda não havia sido devidamente registrada no DIP como exigia a lei. Nesse período, o único periódico existente e que escrevia sobre os assuntos locais era o Jornal da Serra. Com o enfraquecimento do Estado Novo, que iniciou seu declínio em 1943, o Noticioso, em 1944 conseguiu permissão para reabertura.<sup>320</sup>

Em matéria do Noticioso de fevereiro de 1943, este relatou que um indivíduo viera à presença da diretoria, cheio de sorrisos e gentilezas, no entanto andara na capital do estado maquiavelicamente, buscando informações sobre se este estava regulamente

---

<sup>318</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n.1.229, 06 mar.,1944. p.1

<sup>319</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n.1.229, 06 mar.,1944. p.1

<sup>320</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.131

registrado. O Noticioso fez então a seguinte comparação: Também Judas com sorrisos e gentilezas traiu o Divino Mestre.<sup>321</sup>

De acordo com o Jornal da Serra, o contexto descrito teve como desfecho, em 25 de setembro de 1943, com o comparecimento de Canuto perante o júri especial. Era patrono do acusado, o advogado Valter Graef que espontaneamente oferecera seus serviços profissionais; idêntico gesto teve os conhecidos e hábeis profissionais, Narciso de Abreu, advogado nos auditórios de Cruz Alta e Mauro P. Machado, de Passo Fundo e Marcelino Kuntz, no fórum local, os quais se prontificaram a auxiliar a defesa do diretor do jornal.<sup>322</sup>

Em 24 de setembro de 1943 foi possível perceber a reação do Jornal da Serra na pessoa de Afonso Pedro, que defendeu implacavelmente seu diretor, que havia sido chamado ao banco dos réus.

“Fazer jornal é orientar a opinião pública dentro da ordem constituída, é mobilizar todas as energias para o interesse da coletividade, é se afastar do culto à incompetência e do horror às responsabilidades, é ocupar um posto de combate na vanguarda do progresso que exige qualidades morais de elevado padrão, é constituir um centro perene e irradiante de civismo e de amor à Pátria. E porque assim tu procedes-te, fiel e leal às normas do jornalismo consciente, sadio e insubornável e mais fiel e mais leal ainda aos teus sentimentos de brasilidade, fôs-te arrastado à barra do tribunal e há quem te considere um perigoso elemento de desagregação. Mas pode ficar certo, em sã consciência, não haverá quem te possa condenar. E, se por ventura condenado fores, de frente erguida sairá do recinto da justiça, porque a opinião pública já te absolveu. E a consciência cívica da população de Carazinho confirmará esta absolvição.”<sup>323</sup> (grifo nosso)

A denúncia contra Canuto foi feita por Nestor Moojen, diretor do Noticioso. No entanto, não se elucidou, de quem partiu a denúncia contra o Noticioso.<sup>324</sup> Isso mostra, que se Canuto foi o autor dela, o fez em meticuloso sigilo, pois ninguém conseguiu incriminá-lo.

---

<sup>321</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p.132

<sup>322</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p.133

<sup>323</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII,n.1.161, 24 set.,1943. p.1

<sup>324</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.135

O tom das acusações e a campanha difamatória feita pelo Jornal da Serra à figura do prefeito e as reações deste, criam uma rica possibilidade de análise, quando se pensa até que ponto chega o ser humano, quando o objetivo é a conquista de poder? A crueldade que agrega os lados envolvidos, para conseguir a destruição de quem pode ser ameaça, pode ser interpretado como natural? O grau de esclarecimento dos indivíduos da trama consegue influir nesse padrão de comportamento que talvez se pudesse chamar de desumano e irracional? Os jornalistas Canuto e Afonso Pedro e o então prefeito Hillebrand, eram homens cultos em suas épocas e pelo demonstrado nas crônicas, o clima que se criou entre eles, pode ser considerado numa lógica racional, adverso a qualquer linha de princípios que possam ser considerados éticos. A possibilidade que o poder pode trazer a façção vitoriosa justifica todos os meios, lícitos e ilícitos empregados nessa luta? Tudo vale, pela causa?

O Jornal da Serra durante o Estado Novo sempre primou em mostrar que devia haver uma sintonia entre o ideal localista e o nacionalista. Desta forma, em relação a esse período assim afirmou.

“Carazinho ligou sua história ao Estado Novo por importantes motivos: pela decisão com que lutou durante mais de dez anos pela sua emancipação; por ter participado intensivamente na causa da revolução de 30 da qual surgiu o Estado Novo em novembro de 1937, período que respaldou muitas obras edificadas no município.”<sup>325</sup>

Na crônica de 16 de junho de 1938 Canuto tentou provar efusivamente o não alinhamento do prefeito ao novo regime, pois apontou que ele se contradisse em seus depoimentos. Sendo que num jornal afirmou uma coisa e noutro afirmou diferente.

“O interessante em tudo isso é que o sr. dizendo para um jornal que passou a era dos pistolões, para outro disse que andou a cabresto, levado pelo sr. Vazulmiro Dutra em todas essas altas repartições do governo. Permita-nos pois, sr. que lhe perguntamos: Quando o ilustre e consagrado administrador falou a verdade?”<sup>326</sup>

Nessa mesma crônica Canuto fez questão de salientar que o objetivo da viagem do prefeito a capital, não foi a de tomar impressão a respeito do Estado Novo, mas de

---

<sup>325</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, 24 de mar.,1941. p. 4-7

<sup>326</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VII, 16 de jun.,1938. p. 1

certificar-se de sua permanência na prefeitura, já que era florista de cruz na testa e portanto, avesso aos interesses do interventor Cordeiro de Farias e de Getúlio. Sobre esse caso, é interessante observar as considerações de René Gertez, quando esse nos salienta sobre a antipatia e preocupações exageradas desse interventor em relação aos germânicos de origem.<sup>327</sup>

“Eis o que disse ao repórter do Diário da Manhã que lhe perguntara se continuaria dirigindo o município: Recebi do ilustre Interventor a mais desvanecedora resposta, dizendo-me nada existir contra mim. E, no caso de existir alguma cousa eu seria o primeiro a saber, visto lhe merecer inteira confiança de maneira que, embora pese a alguém, continuarei dirigindo o município.”<sup>328</sup>

Em 14 de julho de 1938 Canuto novamente acusou o prefeito de não adesão ao Estado Novo. Mencionou sobre as várias quedas de energia que ocorriam durante a noite, e afirmou num tom desesperador, que não tinham a quem recorrer. Além disso, Canuto terminou acusando o prefeito por um outro novo motivo: O de apelar para a espiritualidade e usar o carro público para pedir ajuda a comunidade, a fim de terminar a obra da igreja.<sup>329</sup> Quer dizer, se o carro era público, não podia ter saído a serviço de nenhuma facção religiosa. Entendemos que a realidade espiritual veio outra vez se somar nas diferenças, entre Hillebrand e Canuto.

Na falta de novos motivos para acusar o prefeito, Canuto voltava ao já corriqueiro, problema da luz, e lá saía nova crônica contra a administração municipal.

“O povo clama por luz. Há mais de cinco anos a prefeitura estuda o assunto. Há menos de ano foi assinado contrato para o fornecimento de força e luz. E a cidade continua às escuras e as indústrias se ressentem da falta de energia. E o prefeito está surdo ao clamor público. Mas apelar a quem, santo Deus?”<sup>330</sup>

Em 24 de novembro de 1938 Canuto argumentou sobre as obras do hospital e também mencionou sobre o Estado Novo. Ao mesmo tempo, defendeu a figura de Alfredo

---

<sup>327</sup> GERTZ, Op. Cit., p. 28

<sup>328</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VII, 16 de jun.,1938. p. 1

<sup>329</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 07 abr.,1938. p.1

<sup>330</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 07 abr.,1938. p.1.

D'Amore à presidência da entidade, confirmando-se assim a simpatia entre esses dois cavalheiros.

“O Estado Novo, que procura encaminhar todos os seus problemas, grandes e pequenos, dentro de nossa realidade, obedecendo tudo aos imperativos da mais sã e pura brasilidade, justo é que nós brasileiros, procuremos imprimir a tão meritória e humanitária obra uma orientação puramente brasileira, de cooperação, de desinteresse, sem a infiltração de elementos estranhos. É por assim pensarmos que nos ocorreu apresentar a candidatura do ilustre médico Dr. Alfredo D'Amore para o cargo de presidente do Hospital de Caridade, no momento preciso em que vamos passar do período de preparação para o de realização. E ninguém, em nosso modo de pensar está em melhores condições de por sobre os próprios ombros a responsabilidade de empreendimento de tamanha monta, do que o devotado e humanitário médico, pela sua reconhecida competência, pela sua modéstia, pela sua desambição, pelo seu desprendimento, e sobretudo pelo elevado grau de simpatia e apreço que grangeou em nosso meio, quer pela lhanza de seu caráter límpido e comunicativo, quer pela fidalguia com que a todos acolhe e trata.”<sup>331</sup>

No dia 19 de março de 1941 Afonso apareceu reconhecendo a virtude do espírito do Estado Novo por ter conseguido ele terminar com rixas internas, através da extinção dos partidos políticos e com isso restabelecido o progresso. Fez um balanço dos acontecimentos políticos do município e do país, de forma a mostrar que a vida social corria na mais perfeita ordem e dentro das perspectivas esperadas.

“Com o advento do Estado Novo que extinguiu partidos e removeu ódios profundos entre filhos de uma mesma pátria para, das cinzas de um passado de lutas fratricidas construir um regime de paz, de ordem, de trabalho e de prosperidade. Carazinho se firmou ao panorâmico do Estado, como um fator de primeira ordem, graças ao seu acendrado amor ao trabalho e aos seus ardentes e entusiásticos sentimentos cívicos.”<sup>332</sup>

O Jornal da Serra nas décadas de 30 e 40 manteve um discurso extremamente fiel ao governo varguista, as crônicas nos mostram isso. Conforme Jungnbeck, apesar da

---

<sup>331</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano VIII, 24 Nov., 1938. p.1

<sup>332</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, n. 775 19 mar., 1941. p.3

censura ser algo real e efetivo no país, foi perdendo seu poder à medida que, a partir de 1942, o Brasil entrou na guerra ao lado das potências democráticas, o que estabeleceu uma contradição com o Estado autoritário estabelecido por Vargas em 1937. Nessa situação, os jornais do interior do Brasil tinham possibilidade de fugir da notícia pronta enviada pelo DIP por intermédio da Agencia Nacional de Notícias.<sup>333</sup>

Assim, num clima de maior abertura se comparado ao de 1937, em 21 de março de 1945 o Jornal da Serra já passou a insinuar-se aos novos tempos. E nessa crônica usou a mesma severidade das palavras com que defendeu o fechamento, para legitimar o fim dele.

*“Após um período de sete anos de silêncio tumular, imposto pela censura coercitiva da verdade de pensamento do direito de manifestá-lo por meio da palavra escrita ou falada, pela imprensa ou pela tribuna, as correntes democráticas, que ansiavam por esse momento, romperam impetuosamente, a cortina da fumaça que asfixiava a alma nacional. E os paladinos dos ideais democráticos vieram para a arena sustentá-los com galhardia, uns serenos e nobres, mantendo-se no terreno elevado dos princípios ideológicos de sua eferência; outros mais ardorosos, mais destemidos, mais arrojados, investindo furiosamente contra a muralha da ditadura a emboloar-se contra a chamada fortaleza de Hitler, com a impetuosidade e fragor das bombas que arrasam quarteirão, que estão tirando o sono dos nobres arianos.”<sup>334</sup>(grifo nosso)*

Canuto mencionou que com a queda de Hitler, também ruía o Estado Novo. Nessa mesma crônica de 21 de março de 1945 é mostrado que haviam opiniões divididas e inseguras sobre esse novo momento. No entanto, os que outrora se viram podados, passaram a demonstrar abertamente seus posicionamentos. Em relação à vivência dos períodos ditatoriais, Carneiro nos lembra que aparentemente não há saída diante das pressões e atos repressivos; seria alguma coisa do tipo, estamos todos indo para o brejo ou para a claustrofobia da informação do poder. No entanto, as sensibilidades que não desistem, de repente, novamente emergem reorganizando o caos. Os atos emancipatórios que geram de uma situação repressiva marcam fundo os silenciados.<sup>335</sup>

---

<sup>333</sup> JUNGBECK, Op. Cit., p.43

<sup>334</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n. 1386, 21 de mar., 1945. p.1

<sup>335</sup> CARNEIRO, Op.Cit., p.430.



Percebemos o Jornal da Serra mostrando uma imagem de um meio de comunicação reprimido e censurado. Mesmo porque a partir de 1945 este passou a adotar uma postura radicalmente diferente em relação a realidade nacional, de defensor do governo Vargas, passou a seu opositor, pregou a idéia de eleições direta para presidência da república já naquele mesmo ano, ao mesmo tempo em que apoiou a candidatura de Eduardo Gomes, enquanto que Getúlio apoiou Dutra. Então, o discurso passou a ser bem outro.

“...Depois de uma trégua tão prolongada, as primeiras escaramuças assumem aos olhos do povo e principalmente dos que se habituaram ao regime da rolha, às proporções gigantescas. Esse espetáculo magnífico do renascimento das liberdades asseguradas pela democracia, empolga a alma nacional ao mesmo tempo em que faz com que os detentores do poder fiquem apreensivos com a marcha triunfal da avalanche que se alevanta para reivindicar a sua soberania. E a luta política vai num crescente, apaixonando os combatentes de ambos os lados: os que exigem o estabelecimento das franquias liberais, pelas quais os países cultos se batem em todos os continentes: e de outro, os que se esforçam para que o regime outorgado em 10 de novembro de 1937, classificado pelos professores de direito como fascista, se prolongue para gáldio de muita gente...”<sup>336</sup>

Em síntese, em relação ao Estado Novo os cronistas pregaram uma postura de adequação do local ao nacional. Podemos dizer que usaram do fechamento do período instituído, para atacar o prefeito pois o tempo todo o acusaram de não ter aderido ao regime. A partir de 1945 o discurso mudou totalmente em relação ao momento nacional, no entanto as acusações a Hillebrand tiveram a mesma linha de continuísmo.

Em contrapartida, ao gerar desgastes e constrangimentos, tanto para as forças opositoristas do jornal, quanto para os situacionistas de Hillebrand, também é importante reconhecermos, o quanto todo esse clima de certa forma, resultou em conquistas consideráveis ao município. Na realidade, acreditamos que forças de oposição numa administração pública são de fundamental importância. Se todos pensam iguais, ou por realmente acreditarem em coisas parecidas, ou por conveniências políticas, que é o mais comumente observado, não ocorrem grandes acréscimos. É num clima de saudável democracia, onde se tem o envolvimento e contribuição de vários segmentos, que

---

<sup>336</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n. 1386, 21 de mar., 1945. p.1

geralmente ocorre à possibilidade de uma visão mais ampla das coisas e conseqüentemente uma melhor avaliação do que pode ser seguido na vida de uma coletividade. Claro que isso gera um clima de maior morosidade, pois até se chegar a um denominador comum, dentre os variados pontos de vista envolvidos, o caminho segue lento realmente. Mas é imperioso compreendermos, que a discussão, as críticas e o amadurecimento das idéias é primordial para a vida de uma coletividade.

Em relação aos rumos do governo Vargas, devemos dizer que após 1945, uma nova constituição foi implantada no país, o que desmantelou algumas das estruturas do Estado Novo. Na política nacional, o Rio Grande do Sul conservou-se como um grande estado e continuou a produzir a terceira maior votação em eleições federais, apesar de raramente haver união entre seus eleitores.<sup>337</sup>

Então, a partir de 1945 o momento era de renovação, em Carazinho não foi diferente. Foi fundado o PSD, que teve Hillebrand à frente de sua organização. Instalou-se o Diretório Municipal do PRL, que passou a obedecer à direção de Flores da Cunha, integrado a UDN. E a criação do Núcleo Municipal do PTB, sob a presidência de Hillebrand, que convidou seus correligionários para ingressarem no partido, o qual pretendia lançar seu nome para o pleito de 02 de dezembro de 1945, como candidato para a Câmara Federal. A reorganização do PRR marcou a volta de Borges de Medeiros. Mesmo coligados Borges e Flores conseguiram um baixo percentual de votos.<sup>338</sup>

O cenário político envolvendo o prefeito Hillebrand, onde este havia entrado na política pelas mãos de Homero Guerra e permanecido no poder por mais de doze anos, provou seu poder de articulação em âmbito nacional e estadual. Ademais, a intenção do PTB de lançá-lo como candidato a deputado federal demonstrou sua inserção política independente de Homero Guerra, que inclusive aderiu a UDN, juntamente com Flores da Cunha, Borges de Medeiros e Canuto de Souza, ao passo que Hillebrand filiou-se ao PTB de Getúlio.<sup>339</sup>

Outra consideração relevante em relação aos fatos buscados é a que Thompson aponta citando Mannheim, de que o conhecimento adquirido em um estudo é parcial, pois está relacionado a um corpo maior. Embora não se possa esperar entender este todo de uma

---

<sup>337</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. p. 142

<sup>338</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.161

<sup>339</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit., p.161

maneira imediata, é admissível tentar compreender tantas perspectivas parciais quanto possíveis e integrá-las numa síntese dinâmica e compreensiva.<sup>340</sup> E é o que se tentou fazer no desenvolvimento desta pesquisa, problematizando ao máximo os fatos mostrados pelas crônicas, a fim de se tentar conseguir aproximar cada vez mais das raízes ativistas do pensamento, que motivaram as ações e reações construídas pelas crônicas de Canuto e Afonso Pedro do Jornal da Serra e o vivido pelos cidadãos dessa época.

O relevante disso tudo, é a diversidade de interpretações que possivelmente ainda faremos em relação a essas mesmas fontes em estudo, onde descobriremos outras riquezas das possibilidades nelas contidas. O que nos confirma as considerações de Pesavento quando esta nos indaga, o que poderia ser mais objeto da história do que esta busca de sentido, este renovar incessante das tentativas de explicar alianças, enredos, desejos, intenções, do que este tecer e retecer da tessitura social?<sup>341</sup> E isso acabará por nos trazer sempre novas lições de vida vivida, que com certeza repercutirão no Carazinho de hoje.

Após observarmos a interpretação dada pelos cronistas em estudo ao Estado Novo, instituído em 1937 no país. Pretendemos efetivar a mesma busca em relação à Segunda Guerra, ou seja, o palco internacional foi trabalhado de que forma nos discursos de Canuto e de Afonso Pedro? Esta é a proposta do próximo tópico.

### 3.3 – A Segunda Guerra

Ao entender Carazinho dentro de uma abordagem ampliada, buscando compreender a 2ª Guerra Mundial na leitura dos cronistas, outra vez, vamos reconhecer uma nova dimensão na interpretação do espaço regional. Confirmando assim as palavras de Cardoso sobre região, onde este nos afirma que a realidade social mostrada pelo espaço sendo isto seria ainda mais intenso no mundo contemporâneo, exige o reconhecimento de espacialidades diferenciais, cujas dimensões e significados variam de tal modo, que num lugar qualquer, não se está no interior de um, mas sim, de diversos conjuntos espaciais definidos, segundo variáveis também diversas.<sup>342</sup>

---

<sup>340</sup> MANNHEIM Apud. THOMPSON. p. 68

<sup>341</sup> PESAVENTO, Op. Cit., p.25

<sup>342</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *Repensando a construção do espaço*. Revista de História Regional. UEPG, v.3, n.1, p.2, 1998.

Ao quisermos abordar o significado da cena internacional a partir da análise local, é importante considerar Baczko, quando este nos afirma que o controle do imaginário assegura, em graus variáveis um impacto sobre as condutas e atividades individuais e coletivas, permitindo canalizar energias, influenciar as escolhas nas situações surgidas, tanto incertas quanto imprevisíveis.<sup>343</sup> Esse sentido norteará a intenção de análise desta abordagem.

Para entendermos as repercussões da 2ª Guerra Mundial em Carazinho, se fará uma rápida análise dos principais fatos dela internacionalmente, a fim de melhor compreender a linguagem local.

O período compreendido entre 1935 e 1941 na história da política externa brasileira foi sintetizado por Gerson Moura como de equidistância pragmática, pelo fato de o Brasil ter procurado tirar proveito da disputa então existente entre os dois blocos de poder vale dizer Estados Unidos e Alemanha. A atitude de indefinição do Brasil permitiu-lhe vantagens em termos econômicos e comerciais. A retração da presença comercial da Alemanha na América do Sul por causa do conflito e razões de ordem interna, inclusive a pressão popular, levaram o Brasil a abandonar a equidistância, substituindo-a pelo alinhamento aos Estados Unidos no final de 1941 e início de 1942. O governo Vargas estava dividido entre pró-Eixo e pró-Aliados. Osvaldo Aranha era o principal representante da segunda opção.<sup>344</sup>

Afora o aumento das exportações, o governo brasileiro entendia como essencial para o desenvolvimento nacional a construção de uma usina siderúrgica. Queria-se ainda reorganizar as Forças Armadas, inclusive para garantir o seu apoio ao Estado Novo.<sup>345</sup>

Os generais George Marshall e Góis Monteiro trocaram visitas em maio e julho de 1939. Tais visitas tiveram caráter mais político do que militar: os EUA desejavam atrair simpatias daqueles que no Brasil, eram admiradores do Eixo. Interessavam, além da adesão, neutralizar a influência alemã no país.<sup>346</sup>

Durante a década de 1930 o país foi alvo de disputa comercial entre Alemanha e EUA. O Brasil era o principal vendedor de café aos Estados Unidos. Com a Alemanha, o

---

<sup>343</sup> BACZKO, Bronislaw. *Les imaginaires. Sociaux*. Paris, Payot, p.27.1984.

<sup>344</sup> CERVO & BUENO, Op. Cit.,p.250

<sup>345</sup> CERVO & BUENO, Op. Cit., p.251

<sup>346</sup> CERVO & BUENO, Op. Cit.,p.250

Brasil fez em 6 de julho de 1936 ajuste de compensação, visando ao incremento das vendas de algodão, café, cítricos, couros, tabaco e carnes.<sup>347</sup>

A atitude de compreensão dos Estados Unidos diante desse quadro deveu-se em decorrência da intenção desse país em manter sua influência global sobre o Brasil e porque este já não era apenas um parceiro econômico, mas uma peça importante na constituição de seu sistema de poder. Assim, a tolerância dos EUA com esse comércio, deveu-se a objetivos estratégicos de maior alcance.<sup>348</sup>

As negociações do Brasil na guerra continuavam, assim o início das hostilidades em 1939 levou a um estreitamento econômico maior entre o Brasil e os EUA. A presença comercial alemã significativa no período de 1936 á 1938 retraiu-se. Com efeito, a dos EUA aumentou.<sup>349</sup>

Em 1940 Getúlio pronunciou o famoso discurso de 11 de junho, no qual fez elogios aos sistemas totalitários de governo e previu o fim das democracias. O discurso teve ampla repercussão interna e externa. Nas capitais do Eixo, a reação foi a melhor possível. Nos EUA foi de espanto e consternação.<sup>350</sup>

O ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, foi reprovado pela opinião nacional e provocou a declaração de solidariedade do governo brasileiro aos EUA.

A represália alemã à não-observação da neutralidade brasileira manifestou-se em ataques feitos pelos submarinos do Eixo a navios mercantes brasileiros a partir de fevereiro de 1942, com a finalidade de interromper o transporte marítimo entre o Brasil e os países do Atlântico Norte, especialmente os EUA. A partir de agosto, o Eixo atacou também navios de passageiros. Em 31 de agosto de 1942, tendo em conta inclusive a reação popular, o governo brasileiro reconheceu o estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália. A mobilização geral foi decretada em 16 do mês seguinte. Ao lado dos Aliados, ao Brasil coube fornecer matérias primas para material bélico e ceder bases militares.<sup>351</sup>

Em 19 de agosto de 1942 em Carazinho, na repercussão desse momento da guerra, Afonso Pedro criou toda uma abordagem simbólica a fim de fundamentar sua interpretação. Fez uma analogia das mortes, do sangue derramado com o afundamento dos navios

---

<sup>347</sup> CERVO & BUENO, Op. Cit.,p.250

<sup>348</sup> CERVO & BUENO, Op. Cit.,p.251-257

<sup>349</sup> CERVO & BUENO, Op. Cit.,p.257

<sup>350</sup> CERVO & BUENO, Op. Cit.,p.259-260

<sup>351</sup> CERVO & BUENO, Op. Cit., p.263

brasileiros, criando um quadro de comoção e indignação incomparável, lembrou que Deus estava do lado dos brasileiros e que portanto, ao lado dos alemães estava o diabo. Isso por si só foi mais que significativo, a fim de convencer a todos a formarem uma aliança poderosa contra os inimigos da pátria.

“Mais um golpe traiçoeiro, brutal, inominável, foi desfechado contra o Brasil, pelos inimigos de Deus, da ordem e da lei. Mais uma vez patrícios nossos morrem estupidamente na sua missão pacífica de intercambio comercial dentro das nossas fronteiras, alvos indefesos que foram dos assassinos torpedos nipo nazifascistas, cujos autores escrevem a mais incisiva, a mais negra página de rebaixamento moral e de covardia sem par que se possa registrar na história da humanidade. Mas as Nações Unidas, as democracias, e o regime do povo pelo povo aí estão para assinalar o término da sinistra cavalgada das modernas bestas do Apocalipse.”<sup>352</sup>

Afonso Pedro não poupou repetidos discursos efusivos de chamamento ao sentimento cívico e patriótico do povo carazinhense. Essa íra aos alemães que o palco da guerra espalhou no território nacional veio adequar-se ao objetivo dos cronistas que viram nessa realidade a possibilidade de atingir desafetos declarados seus a nível local; o grupo de Hillebrand, é claro.

Ainda neste mesmo discurso de 19 de agosto de 1942, pregou que tudo valia pela não escravidão de nossa nação. E que se preciso fosse, dar mais vidas pela causa, seria esta a mais sublime das decisões.<sup>353</sup> Esse discurso agregou um nível de raciocínio incomparável, pois diante das mortes dos brasileiros, explorou e lembrou a situação de maior relevância daquele ato para os alemães, onde os mesmos perderam o apoio do Brasil, parceiro precioso que contemplava posição estratégica na América do Sul, insinuou que assim, a perda maior não era nossa e sim deles.

Estrategicamente se sabia que a neutralidade não poderia contemplar o tempo todo, as ações do Brasil frente a guerra, já que este buscava reivindicar posição de liderança na América do Sul. Assim, precisaria politicamente se posicionar, pois ninguém poderia seguir um líder que não tinha posição. Sobre isso Cervo e Bueno nos afirmam que o Estado-Maior

---

<sup>352</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.990, 19 ago., 1942. p.1.

<sup>353</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.990, 19 ago., 1942. p.1.

do Exército reconheceu que a participação do Brasil no conflito armado não seria decisiva ou necessária. Afirmou todavia que era importante do ponto de vista moral e político a presença brasileira no teatro de operações.<sup>354</sup>

Estabeleceu-se nesse discurso um comparativo, onde poderia ser interpretado que se a Alemanha não soube valorizar o Brasil, como a maior nação sul-americana. Aqui os teuto-brasileiros também poderiam estar desprezando o bom tratamento que recebiam. Serviu essa crônica então, para deixar no ar questionamentos. Diante da ingratidão não se deveria revidar da mesma forma?

“O Brasil paga hoje novamente, seu tributo de sangue por ter afirmado solenemente as repúblicas das Américas a sua vontade de ser como foi sempre: um povo livre, um povo que rende o seu culto fervoroso ao Direito a Justiça, combatendo sem tréguas o direito da força. Uma onda de protesto veemente irrompe em todo o território nacional pelo mais nefando dos atentados a sua soberania, atentado que deixa de ser um simples incidente de guerra para se transformar na mais clara e palpável das provocações. Descansem os inimigos de Deus da Ordem e da Lei. *O Brasil nesta hora histórica saberá traçar a linha de conduta na altura das suas tradições que o colocaram na privilegiada situação de baluarte das democracias na América do Sul.* Carazinhenses, ergamos bem alto os nossos corações no Altar da Pátria, com os olhos voltados para os feitos heróicos dos nossos antepassados, façamos o solene oferecimento das nossas vidas para manter intacta a dignidade de nossa pátria e a integridade de nosso território, porque a escravidão nunca figurou nas páginas de nossa História. E não figurará jamais.”<sup>355</sup> (grifo nosso)

Moraes nos argumenta que como processos político-culturais os nacionalismos se alimentam de símbolos e de discursos, necessitando criar representações que impulsionem sua existência, reiterando os elementos identitários que lhes deram origem. Aqui o território/pátria, cumpre importantes funções; seja como referência objetiva e física de construção da própria identidade; seja como objetivo aglutinador de interesses nos pleitos territoriais e nas situações de ameaça externa à soberania nacional; seja ainda, diretamente como elementos de mitificação, como nas teorias que fetichizam o território.<sup>356</sup>

---

<sup>354</sup> CERVO & BUENO, Op. Cit.,p.264

<sup>355</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.990, 19 ago., 1942. p.1.

<sup>356</sup> MORAES, Antonio Carlos Roberto. *Território e História no Brasil*. p. 73-74.

Ainda para melhor compreendermos o nacionalismo, depois de considerar Moraes, recorreremos agora a duas óticas interpretativas de Guibernau, sobre esse sentimento. Uma que o explica como algo alienante, mistificador e doutrinador e outro que o avalia positivamente. Ao defender esse princípio, Guibernau afirma-nos que a importância do nacionalismo de um povo reside na capacidade de decidir seu próprio destino político, sua cultura e personalidade. Ele não teria sentido num mundo onde os estados poderosos não sentissem tentação de absorver os pequenos. Quando os países subdesenvolvidos precisam combater a exploração estrangeira, o nacionalismo proporciona uma útil ferramenta de preservação da cultura.<sup>357</sup> Por isso, Guibernau nos alerta, que ao mesmo tempo em que existe uma lógica saudável no sentimento nacionalista, que exalta a sobrevivência ou não de uma identidade cultural, também existe uma outra, que pode conduzir a alienação ao misticismo, a doutrinação, a ausência total da democracia. Os interesses das nações é que vão conduzir os rumos desse sentimento. Nessa crônica, de 31 de março de 1938 é possível perceber essas duas nuances nacionalistas. Os alemães utilizando-se do sentimento de identidade cultural, para tentar sensibilizar seus patrícios que residiam em solo brasileiro. E o Brasil sentindo-se intimidado entendendo isso como uma ameaça, acaba determinando a proibição total dessa penetração ideológica em seu território.

Foram importantes as palavras de Canuto no dia 31 de março de 1938, quando mencionou sobre o jogo de poder que os envolvia, onde vontades nacionais e internacionais chocaram-se e claro, este abertamente acusou a petulância alemã. Frisou o jornalista, que aqui no Brasil os teuto-brasileiros não deveriam receber tratamento especial, apesar dos apelativos da Alemanha. E os que estavam insatisfeitos, que rumassem para a Europa. Aliás, pelas ações que faziam pelo mundo, não mereciam consideração em parte alguma. E em Carazinho muito menos.

“A imprensa alemã deitou falação sobre a repressão ao nazismo que o Brasil pôs em prática. Estamos aqui fazendo o mesmo que o senhor Hitler fez lá. Reprimiu as atividades partidárias de todos. Ora sendo extinto os partidos políticos no Brasil, não podendo os nossos patrícios se manifestarem por esta ou aquela ideologia política, seria simplesmente ridículo que o governo permitisse tais

---

<sup>357</sup> GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos. O Estado nacional e o nacionalismo no séc.XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, cap.2 e 3, p.73-74.



atividades aos nazistas só porque estes são patrícios do dominador da Alemanha e invasor da Áustria. O Brasil é dos brasileiros e só a este cabe ditar e fazer cumprir suas leis. Os que nasceram no Brasil, embora filhos de estrangeiros, são brasileiros como bem acentuou o ministro da justiça. E quem não quiser compreender assim, pode arrumar as malas e rumar para a Europa que a porta está aberta para saída.”<sup>358</sup>

No sentido de tentarmos compreender os temores e as desconfianças no que refere ao elemento teuto propagadas durante a 2ª Guerra Mundial, é interessante considerarmos Jungbeck, que nos afirma que seria a retomada dos conceitos da Primeira Guerra, dos quais o mais citado era o perigo alemão, pelo qual a Alemanha aparecia como a grande invasora do ocidente capitalista e democrático. A concepção de um perigo relacionado à Alemanha era resultante dos conceitos vigentes ainda no final do século XIX, quando idéias relacionadas a um comportamento dos alemães no exterior, em nosso caso o Brasil, seria de não integração, de segregação e antipatriotismo, juntamente com a afirmação de alguns ideólogos e estrategistas alemães, ao escreverem sobre a possibilidade de fundação de colônias alemãs no exterior, o que levaria a imprensa internacional a acreditar num perigo alemão.<sup>359</sup>

Também René Gertz afirma - nos que circulou na época muita miuçalha sem qualquer valor, mas que teve papel importante na formação da opinião pública.<sup>360</sup> O perigo alemão segundo Perazzo, consistia na crença de que os países do continente americano seriam anexados ao Reich alemão, através da invasão do exército, no caso da vitória alemã na guerra. A porta de entrada para a invasão, seria as colônias germânicas fixadas no nosso continente, principalmente do sul do Brasil.<sup>361</sup>

Conforme nos diz Guibernau, sendo o nacionalismo uma das maiores fontes de identidade para os indivíduos contemporâneos, constroem-se mitos de certos aspectos da vida em comunidade, por meio de ritos públicos e devoções populares elaborados para conferir poder e ordem nas sociedades heterogêneas. Nesse contexto, a comunidade alcança transcendência através de seus símbolos e de sua história épica.<sup>362</sup> Esse imperativo foi

---

<sup>358</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XI, n. 775 18 ab.1941. p.1

<sup>359</sup> JUNGBECK Op. Cit., p. 32

<sup>360</sup> GERTZ, René. E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade-Ufrgs,1991. p.15-16

<sup>361</sup> PERAZZO Apud JUNGBECK Op. Cit., p. 32

<sup>362</sup> GUIBERNAU, Op. Cit., p. 56-57.

trabalhado nas crônicas em Carazinho, quando em 06 de abril de 1942 Afonso mencionou sobre a conquista de um Aéro-clubes na comunidade, foi determinante o sentido nacionalista presente em sua argumentação.

“Impossível descrever o vibrante entusiasmo da população, quando o elegante aparelho, após cortar o céu da cidade em graciosas evoluções, no memorável entardecer de ontem como prenúncio de uma era nova de mais intensa brasilidade, veio pousar garbosamente no campo concretizando o ideal colimado pelo nosso Aéro Clube. Espetáculos como o de ontem podem ser sentidos e vividos, mas dificilmente interpretados pela palavra.”<sup>363</sup>

Mesmo porque, o avião na época era uma arma de grande poder contra os alemães. Assim, Carazinho com seu Aéro-clubes, não podia deixar de participar dessa cruzada contra esse terrível inimigo, *que se era ameaça para o mundo, também o era para Carazinho.* (grifo nosso)

Canuto diante dos horrores da guerra, mostrou-se aberto a disseminar uma ira sempre crescente em relação aos quinta colonistas.<sup>364</sup> Assim, nesta crônica o jornalista conseguiu alcançar o ponto máximo do que se propunha com seus discursos, que na essência era o de atingir diretamente a Hillebrand. Desta forma, em 08 de abril de 1942, abertamente, acusou o primeiro mandatário do lugar de ser um autêntico traidor da pátria, pois haviam achado revistas de propaganda nazista na prefeitura. Fez questão de salientar que diante de tal quadro, se este fosse realmente digno, renunciaria.

“Em nossa terra a quinta-coluna, camuflada em um tardio patriotismo vem procurando embaralhar os fatos para fugir a ação da limpeza de nossas autoridades. *Ainda a pouco, levamos ao conhecimento das altas autoridades do Estado, fatos praticados por depositário do poder público neste município que, numa evidente manobra quinta-colunista, denunciavam patrícios nossos, sangrando-se em vida...Atendendo ao requerimento de um dos*

---

<sup>363</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.934, 06 abr.,1942. p.1

<sup>364</sup> FLORES Apud JUNGBECK. Benhur. Perigo Eminente: a segunda guerra mundial na leitura da imprensa passo-fundense. UPF. 2005.p.14 A expressão “quinta-coluna” foi usada originalmente pelo gen.Francisco Mora por ocasião da conquista de Madrid por Franco, em 1939. Sendo a cidade sitiada por quatro colunas, referia-se aos colaboradores que se achavam na cidade como a “quinta-coluna”. Durante a 2ª Guerra Mundial, esta expressão designou agentes inimigos que, disfarçados entre o povo, praticavam sabotagem, faziam propaganda colaboracionista e divulgavam notícias falsas.

depoentes, essa autoridade procedeu uma busca em uma das dependências da prefeitura, onde empreendeu 21 revistas de propaganda alemã e no próprio gabinete do prefeito, alguns livros do mesmo gênero. Para uma pessoa que presa acima de tudo a sua dignidade, a busca praticada no gabinete do sr. Prefeito nada mais era de que o bilhete azul, que o levaria a pedir imediatamente, sua exoneração. Mas o atual prefeito que só procura aferrar-se ao cargo, interpreta a moral de maneira diversa.”<sup>365</sup> (grifo nosso)

O cronista abusava em suas acusações visto que a simbologia da guerra permitia-lhe que o fizesse, sabia ele que não era o único a estar acusando alemães de possíveis traidores. Jungbeck sobre isso nos informa, que a imprensa de todo o Brasil noticiava discursos sobre a repressão ao elemento estrangeiro no país.<sup>366</sup> Já no Rio Grande do Sul Gertz afirma que:

Alberto Pasqualine<sup>367</sup> e Gaston Englert<sup>368</sup> saíram em defesa dos cidadãos de origem alemã e italiana no contexto da entrada do Brasil na Segunda Guerra. Considerando que o interventor Cordeiro de Farias era um claro adepto da tese do perigo alemão.<sup>369</sup>

É importante considerarmos que a situação de apreender materiais acontecia por motivos de denúncias. No caso de Hillebrand, não precisa pensar muito para avaliar quem possivelmente o teria denunciado. Desta forma, se em crônicas anteriores Canuto fez insinuações questionando a postura pouco confiável do prefeito, nesta o acusa diretamente de traidor do Brasil e principalmente de Carazinho, haja vista ser ele aqui o ilustre mandatário do lugar. Logicamente deixou transparecer que uma figura assim, não deveria merecer o respeito que o povo do lugar lhe dirigia.

Essa forma denunciatória adotada por Canuto, compreende o que Jungbeck chamou de “*front* interno”, com base no entendimento de que a participação do Brasil durante a 2ª Guerra Mundial, também pode ser entendida pelas suas reações internas à situação internacional, o que abarca as situações de espionagem e às reações da polícia.<sup>370</sup>

---

<sup>365</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII,n.936, 08 abr.,1942. p.1

<sup>366</sup> JUNGBECK, Id. Ibid., p.34

<sup>367</sup> GERTZ, Op. Cit., p. 66. Alberto Pasqualine nasceu em 1901, pertencente à Quarta Colônia de imigração italiana, integrando na época o município de Júlio de Castilhos, fora vereador pelo PR em Porto Alegre de 1935-1937.

<sup>368</sup> GERTZ, Op. Cit., p. 66. Gaston Englert nasceu 1895, filho de um deputado o PRR, fora o primeiro diretor do Banco do Estado, fundado por Vargas em 1928, muito ligado a várias instituições da colônia alemã.

<sup>369</sup> GERTZ, Op. Cit., p. 67

<sup>370</sup> JUNGBECK, Op. Cit., p.49

Em 21 de agosto de 1942 Afonso soube novamente usar o poder simbólico das palavras de forma eloqüente. Ao acusar os teutos de sanguinários, formulou a construção de um comparativo, que enquanto alemães e italianos matavam brasileiros em campos de batalha, aqui no Brasil se oferecia aos ítalo-germânicos terras férteis, onde estes viviam à sombra amiga e generosa das leis deste país que escolheram para morar. Lembrou que nos países ocupados, a morte de um soldado nazi, levava populares ao fuzilamento, criando com esse comparativo, um tipo de situação ameaçadora.

“O Brasil terra do Direito, terra de Justiça, se tornou o alvo preferido dos golpes traiçoeiros dos totalitários, numa seqüência inaudita de atentados brutais e covardes, esquecendo-se os desumanos adversários, que aqui vivem e aqui prosperam patricios seus, à sombra amiga e generosa das nossas leis. Nos países ocupados, a morte de um soldado nazi leva para à frente do pelotão de fuzilamento, 50, 100, ou mais reféns. Aqui, o sentimento humano dos brasileiros repele esse método violento e, na sua generosidade cristã, *leva os inimigos da Pátria, não para os horrores de um campo de concentração, mas para as colônias correcionais, que são verdadeiros paraísos...*”<sup>371</sup> (grifo nosso)

Seus argumentos eram enfáticos, ásperos, talvez pudíamos considerá-los até psicologicamente torturadores, pois estas palavras insinuou, que como os outros países agiam daquela forma com os inimigos, aqui também se poderia vir a fazer o mesmo, bastava mudar as regras, que segundo ele, eram literalmente generosas a esses descendentes.

É preciso imaginarmos também, o que se passou na mente dos teuto-brasileiros que moravam em Carazinho na época, diante dos jogos de palavras de Afonso, naquele momento difícil da guerra. Perante tal situação, o desespero dessas famílias deve ter sido aterrorizante. É notório constatar aqui, a implicação que o poder simbólico do discurso pode conseguir criar na mente das pessoas. Assim, essa passagem nos remete a pensar em Tedesco, quando este nos afirma, que a realidade não é só o que aconteceu, mas também o que foi pensado, ou o que se desejou que acontecesse. O imaginário comporta sempre uma ligação com a terra e com a dimensão utópica, ao mesmo tempo em que pode atuar como

---

<sup>371</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.991, 21agos.,1942. p. 2.

força reguladora da vida coletiva, orientando condutas e produzindo perfis adequados às formas de organização social.<sup>372</sup>

Na verdade, o tom pesado desse discurso tinha endereço certo, Hillebrand e seu grupo. Podemos chegar a imaginar que Canuto não gostasse dos teutos, o que é improvável. Ele não gostava era do prefeito alemão e assim não poupava acusações contra essa figura. Se nessa empreitada atingia outros indivíduos, era o preço que estes deveriam pagar por serem descendentes.

Conforme Jungbeck, o Diário da Manhã de 23 de janeiro de 1942 mostra que houve um acirramento das atividades policiais em relação à repressão aos estrangeiros, com a polícia passando a intensificar seus focos de investigação. Pedia-se à população maior cuidado em relação a esses elementos, considerados potencialmente quinta-colunistas. Inclusive foi publicado uma informação que teria sido distribuída por um Serviço de Proteção Contra a Quinta-Coluna, apontando sobre dez maneiras de se identificar um quinta-colunista.<sup>373</sup>

“Se alguém lhe disser: não desejo combater pelos EUA, esse alguém é um quinta-colunista. Quando alguém lhe disser: um absurdo a supressão da imprensa em língua estrangeira no Brasil, pois a cultura repele tal coisa, esse alguém é quinta-colunista. Se lhe disserem que o Brasil está sendo arrastado a esta guerra pelos EUA, eis aí um quinta-colunista. Se alguém lhe disser que no Brasil não existe quinta-coluna... olho nesse sujeito, que ele não passa de um quinta-colunista disfarçado.”<sup>374</sup>

Materiais com esse teor poderiam estar instalando entre as pessoas o medo de serem confundidas como um quinta-colunista, o que era interessante numa região do Brasil em que boa parte da população era descendente de alemães e italianos.<sup>375</sup>

Afonso Pedro aproveitou e nessa sua mesma ameaçadora crônica de 21 de agosto de 1942 congratulou a participação das escolas, já tentando usá-las sempre mais, como instrumento de manobra as necessidades do Estado.

---

<sup>372</sup> CHARTIER, Op. Cit., p. 173-191

<sup>373</sup> JUNGBECK, Op. Cit. p.46

<sup>374</sup> S.P.C.Q.C. Como identificar os Quinta-Colunistas Diário da Manhã, Passo Fundo, 23/01/42 Apud JUNGBECK p. 46-47

<sup>375</sup> JUNGBECK, Op. Cit., p.47

“O povo, depois a mocidade das nossas escolas vieram para a praça pública externar a sua repulsa aos bestiais ataques a nossa marinha mercante. Essa grande e expressiva demonstração de brasilidade culminou no comício, onde para mais de quatro mil carazinhenses percorreram as ruas da cidade, tendo a frente bandeiras nacionais e das nações unidas e vultos da nossa nacionalidade no maior e no mais solene dos protestos contra a covarde pirataria totalitária. E não houve alteração da ordem pública. Não houve um distúrbio. Não houve uma depredação. E os arruaceiros, os agitadores, os provocadores de motins estavam à testa do patriótico movimento.”<sup>376</sup>

Esse discurso vem comprovar como a educação no decorrer da história, vem sendo utilizada como possibilidade, ou recurso recorrível, para a legitimação de poder, desta ou daquela ideologia política. Assim comprova-se a afirmação de Guibernau, quando este nos afirma que do século XIX em diante, a educação foi fundamental na configuração da consciência nacional. Ao admitir a existência de um estado legítimo, onde este e a nação são coexistentes e de um estado ilegítimo, que inclui em seu território diferentes nações, ele salienta que no primeiro caso, a educação reforça a desenvolver um forte senso de comunidade.<sup>377</sup>

Aqui no Brasil a educação serviu muito ao propósito de acentuar a consciência nacional, e no período da 2ª Guerra Mundial essa situação foi ainda mais intensa. Também neste espaço, ao reconhecer as ações patrióticas do município, diante da difícil situação da guerra, Afonso aproveitou para ironizar, aqueles que taxaram os líderes da movimentação ocorrida na comuna em dias anteriores, de arruaceiros. Segundo ele, estes sim deveriam ser chamados de patriotas. Pela postura de defesa demonstrada pelo jornalista às pessoas envolvidas no episódio, é notório que estas pertenciam a seu grupo político.

Esses momentos de concentração popular, serviam para novamente para ratificar, o que os cronistas embrenhavam-se em provar, ou seja, que o segmento de Canuto representava a ética, a moral e o autêntico patriotismo, enquanto que do lado de Hillebrand, se tinha a personificação dos traidores da pátria.

Assim, observamos enfatizar que o sentimento nacionalista pode representar duas possibilidades antagônicas de comportamentos coletivos. Servindo ele para legitimar uma

---

<sup>376</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.991, 21agos.,1942. p.2.

<sup>377</sup> GUIBERNAU, Op.Cit., p.79.

postura de sustentação da identidade de um povo, ou ainda a necessidade de subjugar os diferentes. Nesse período da guerra estudado em Carazinho, o sentimento nacionalista das crônicas, apelou para essas duas concepções, ou seja, utilizou-se junto à massa popular do identitário, da necessidade da perpetuação cultural, a fim de melhor conseguir responder aos imperativos criados pelos governos, que esbarravam na dominação de uns sobre outros.

Na verdade, a representação popular estava em segundo plano, à subjugação de uns sobre outros era o objetivo predominante, no entanto isso não era interessante ser mencionado e quando mostrado nas colunas, era feito muito sutilmente. A essência do sentimento nacionalista presente nas crônicas foi sempre entusiástico do amor do povo pelo seu chão, que estava sendo ultrajado pelas ameaças das forças inimigas da pátria brasileira.

Em 17 de abril de 1942 o jornalista Afonso Pedro congratulou aos carazinhenses por não haverem fugido ao seu dever patriótico, de tudo fazerem para terem a sua escola de avião, buscando serem úteis ao seu país, naquele momento difícil da guerra. E ao mesmo tempo, informou que em breve seria publicado pelo Ministério da Aeronáutica a Revista Avião, de forma a criar uma maior popularização do funcionamento das máquinas aéreas.

“O Henrique Dias aí está a disposição dos matriculados para cooperar na grande obra da defesa da nossa nacionalidade. Faltavamos, porém, uma revista especializada que fosse o reflexo fiel da evolução aeronáutica e que informasse os progressos em matéria de aviação, observados no Brasil, graças a orientação do benemérito presidente Getúlio Vargas. Esta lacuna desapareceu. Com o nome de “Avião”, surgirá a revista esperada, órgão oficial do Ministério da Aeronáutica. Atualmente tudo o que diz respeito à aviação nos interessa pois, não só satisfará a curiosidade do leitor, como fará vibrar com mais intensidade o nosso sentimento de amor a Pátria, revigorando a nossa fé nos destinos do Brasil.”<sup>378</sup>

Afonso com seu discurso tentou contagiar a todos ao envolvimento patriótico, ou seja, o de introjetar nas pessoas um sentimento de pertencimento a União, no sentido de comprometerem-se com ela. Na verdade o que estava em jogo, era o propósito de se conseguir sucesso na Campanha instituída pelo governo varguista; Dar Asas ao Brasil. Então o que precisava, era fomentar a idéia de formação de pilotos para essas máquinas e assim se procedeu.

---

<sup>378</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII,n.939, 17 abr.,1942. p.1

Para entendermos sobre as cerimônias e rituais políticos que aconteceram em Carazinho naquele momento, recorreremos outra vez a Guibernau, onde este nos afirma que os indivíduos que partilham da mesma cultura, que se sentem ligados a uma terra determinada e que possuem a experiência de um passado comum e um projeto para o futuro, precisam criar ocasiões em que tudo isso que os une seja enfatizado. Momentos em que o indivíduo esquece de si e o sentimento de pertencer ao grupo ocupe a primeira posição.<sup>379</sup> Essa concepção de construção e reconstrução de ritualismo, de pertencimento, foi um traço marcante nas crônicas de Afonso. Em 26 de agosto de 1942, novamente ele reafirmou esse comprometimento, quando insistiu na importância de existir na comuna uma entidade de chamamento patriótico-nacionalista, que viesse a tomar a frente e falasse mais diretamente ao povo, irmanando-os aos sentimentos de brasilidade.

Ao criar essa necessidade, Afonso queria era abrir possibilidade para dar espaço, ao segmento político de sua simpatia, de forma que este tomasse frente na liderança desses momentos, objetivando com isso mostrar quem era o lado do bem e do mau na cidade. Os que estavam ao lado do Brasil, e os que estavam contra, no caso o grupo de Hillebrand.

“Foi fundada a Ação Democrática Nacional, com a finalidade essencial de prestigiar a ação do Governo Brasileiro e manter sempre vivos nos corações carazinhenses, o amor a Pátria, a fidelidade à Nação e o respeito aos princípios de Liberdade. E detalhe significativo. Convidada a assembléia, constituída por mais de mil homens livres, para apontar os nomes que deviam dirigir a nova entidade, essa mesma assembléia, num gesto espontâneo, indicou os dirigentes da Ação Democrática Nacional, mostrando claramente com quem está o povo de Carazinho.”<sup>380</sup>

É interessante ainda analisarmos nesta crônica de 26 de agosto de 1942 que ao ser criada a necessidade de uma entidade de movimentação patriótica na comuna, Afonso citou a mocidade das escolas, que passou a ser de grande utilidade para os objetivos do momento. Esse jornalista, em várias crônicas pronunciou chamamentos às instituições educacionais, pois segundo sua posição, estas não poderiam ficar apáticas ao momento nacional vivido. Então sugeriu a criação de uma entidade que fomentasse a chama patriótica nesses

---

<sup>379</sup> GUIBERNAU, Op.Cit., p. 93-94

<sup>380</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.994, 26 agos.,1942. p.1.



jovens.<sup>381</sup> Essa situação vem nos confirmar as palavras de Moraes, quando este considera que a afirmação moderna dos Estados passa cada vez mais pela identidade nacional, envolve a definição clara da população abrangida. Assim, há necessidade de que tais habitantes interiorizem este sentimento de pertencimento a esta comunidade de interesses, enfim, que assimilem e reproduzam a identidade nacional. Daí a doutrinação patriótica realizada pelos aparelhos ideológicos do Estado, notadamente pelo sistema formal de ensino. A Pátria é antes de tudo, um espaço, uma tradição.<sup>382</sup>

Ainda sobre o simbolismo e o ritual, Guibernau nos afirma que através deles os indivíduos podem sentir uma emoção de intensidade incomum, que provém de sua identificação com uma entidade, a nação que os transcendem e de que eles efetivamente se sentem parte. Nessas ocasiões, os membros são capazes de se empenhar em atos heróicos, bem como bárbaros, para proteger o interesse de sua nação. Esse processo de identificação envolve um fluxo contínuo entre os indivíduos e os símbolos, no sentido de que os indivíduos não têm apenas que aceitar os símbolos já estabelecidos, mas têm antes, de recriá-los constantemente e atribuí-los novo significado, conforme as circunstâncias através das quais à vida em comunidade se desenvolvem.<sup>383</sup> Através desse sentido descrito por Guibernau torna-nos possível analisar o quanto na época, às intervenções constantes de Canuto e Afonso através do *Jornal da Serra*, serviram aos fins doutrinários de legitimação do Estado.

Assim, em 31 de julho de 1942 Afonso defendeu a importância do movimento escotista em Carazinho e o justificou, argumentando que essa agremiação sempre demonstrou profundo comprometimento na formação do espírito cívico do pequeno cidadão na comuna. Quer dizer, servia a reinventar o emocional patriótico nas crianças, de forma positivista e eficaz. “Ser escoteiro é assumir compromissos rigorosos de honra e de lealdade para consigo mesmo, para com a coletividade e para com a Nação, é estar devidamente preparado para todas as contingências da vida, graças a sua formação física, intelectual, moral, religiosa e cívica, sendo o escotismo sublimação da honra, da lealdade e

---

<sup>381</sup> *Jornal da Serra*, Carazinho, ano XII, n.994, 26 agos.,1942. p.1.

<sup>382</sup> MORAES, Antonio Carlos Roberto. *Território e História no Brasil*. São Paulo: Hucitec. p. 96-97

<sup>383</sup> GUIBERNAU, Op.Cit., p. 93-94.

do civismo”<sup>384</sup> Esse movimento infanto-juvenil é bastante antigo em Carazinho e ainda sobrevive contemporaneamente.

Também nessa crônica, o jornalista frisa que em todos os lugares os jovens estavam se manifestando contra a tirania totalitária, assim também instigou aos carazinhenses a fazerem o mesmo deixando aflorar toda a energia e empolgação característica dessa faixa etária. Estratégicamente já anunciou, que seria criado: a União Democrática Carazinhense, objetivando integrar a nova geração do município, a vibração cívica que envolvia a alma nacional.

“Em toda a parte surgem entidades cívicas firmes e coesas, com nomes diferentes, mas com uma única finalidade: a defesa da democracia ameaçada pelos dominadores momentâneos da velha Europa. A mocidade de Carazinho não fugirá ao imperativo do momento. Segundo estamos informados, se fundará na cidade a União Democrática Carazinhense, que integrará a comuna na vibração cívica que sacode a alma nacional na defesa da democracia. Outra não podia ser a atitude de nossa mocidade.”<sup>385</sup>

Essa crônica nos confirma as palavras de Spenthof, quando este nos adverte que o grande meio de ação prático no sentido de promover a assimilação da cultura nacional, e por conseqüência, combater o estrangeirismo, foi a educação patriótica.<sup>386</sup>

Observamos nessas atitudes, como o poder ideológico do discurso foi trabalhado sem constrangimento. A concepção do envolvimento e a assimilação disso tudo pela massa popular acontecia naturalmente e aqueles que ousassem questionar, acabavam contagiando-se com tais valores e finalmente reconhecendo-os como seus. Podemos explicá-los pela força doutrinária das convicções simbólicas que eram impregnadas nos sujeitos. Com certeza não só pelos discursos, mas também pela influência das ações cotidianas envolvidas.

Nessa crônica é mencionado sobre a ameaça de fechamento do recém criado Aéro-club de Carazinho. Afonso Pedro em 26 de junho de 1942 ciente da importância bélica e nacionalista que representava a recém criada instituição, naquele momento da guerra,

---

<sup>384</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.982, 31 jul., 1942. p.1

<sup>385</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.982, 31 jul., 1942. p.1

<sup>386</sup> SPENTHOF, Odair José. *Nacionalização, resistência e adaptação. Os alemães em Passo Fundo e Carazinho durante o Estado Novo*. Dissertação-Mestrado, UPF,2002. p. 79

sugeriu em nome da comunidade e também dos alunos da escola de pilotagem que ali freqüentavam, que o próprio Aéro-clube encontrasse solução imediata a seus problemas internos, a fim de tranquilizar a população frente a delicada situação, pois do contrário, esse transtorno poderia representar perdas irreparáveis.

“Mas paira no ar o perigo de ficar Carazinho privado de seu avião e do seu Aéro Clube fundado com entusiasmo. E os alunos da Escola de Pilotagem estão em véspera de verem interrompido o curso iniciado sob tão bons auspícios. O que é que há? Ao Aéro Clube cabe recolher os dados indispensáveis que a dignidade de Carazinho exige, na delicada situação em que foi colocada perante as demais comunas que tem escolas de pilotagem em franco desenvolvimento. O Aéro Clube de Carazinho é o resultado da vontade coletiva obedecendo ao imperativo do momento. É a cooperação de nossa comuna à cruzada nacional da aviação. Fique descansada a opinião pública. Soou a hora de apurar responsabilidades. Carazinho voltará a tranquilidade e seu Aéro Clube não sofrerá solução de continuidade na obra patriótica encetada.”<sup>387</sup>

Em relação a essa crônica, é importante considerarmos Cervo e Bueno que nos esclarecem que uma vez criado o Ministério da Aeronáutica, em 20 de janeiro de 1941, cuidou-se da modernização da Força Aérea Brasileira (FAB). A formação de aviadores foi feita em parte nas escolas norte-americanas (que forneciam bolsas aos brasileiros, logo após a entrada do Brasil na guerra) e Centros de Preparação no Brasil. Os EUA forneceram também aviões de instrução, em número superior a 300, no decurso dos anos de 1942, 1943, 1944.<sup>388</sup> Carazinho recebeu o avião Henrique Dias.

Afonso Pedro em 08 de julho de 1942 fez um desabafo irado em relação à questão do Aéro Clube, defendeu-se do episódio do recolhimento do avião Henrique Dias à base aérea de Canoas, pois ele e um jovem bacharel carazinhense estavam sendo acusados por médicos que pertenciam à diretoria do Aéro-clube, de serem os responsáveis pelo problema. Como os cronistas seguidamente viam potenciais traidores espalhados por Carazinho, neste discurso Afonso foi visto como tal, o tom de sua defesa foi áspero e cruel contra seus acusadores.

---

<sup>387</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.967, 26 jun., 1942. p.1

<sup>388</sup>.CERVO & BUENO, Op.Cit. p.266

“Em revide, poderíamos acusar, tornando público o escandaloso caso de politicagem médica introduzida no Aéreo clube e si não o fizemos, foi porque o vice-presidente em exercício é um antigo desafeto gratuito nosso. E só seu gesto contrário à ética profissional e a obrigação que todo o médico tem para com o doente, respondemos com o silêncio. Erros diversos, desrespeitando a autoridade da diretoria, foram os motivos que levaram as autoridades aeronáuticas a pôr em prática a medida extrema. Os próprios autores se denunciaram. Não houve portanto um delator, e se este houvesse existido digno de aplauso seria a sua atitude, porque viria apontar à opinião pública uma situação insustentável, na patriótica intenção de normalizar a irregular posição do Aéreo Clube que não é propriedade particular de um, mas pertence a uma coletividade.”<sup>389</sup>

As reações exaltadas do jornalista foram enérgicas, claro que pelo próprio clima de repressão violento em que viviam naquele período da guerra. Mas principalmente porque os ânimos dos segmentos adversários do lugar estavam em alvoroço, movimentando tanto quanto a própria guerra armada que acontecia em campo distante.

Em 02 de setembro de 1942 Afonso fez um reconhecimento ao espírito de luta, coesão e patriotismo da mulher da comuna, que sensibilizada com a causa da guerra, criou a Cruz Vermelha Carazinhense. O chamamento partiu da filha do diretor do jornal, o que dá para perceber o quanto esse meio de comunicação funcionou como articulador de atitudes comportamentais, onde o objetivo maior, era sensibilizar as pessoas quanto às vítimas dos alemães, de forma que isso desmoralizava diretamente aos teuto-brasileiros que moravam em Carazinho e via de regra, diretamente a quem mais se queria afetar, Hillebrand e seu grupo.

“O apelo feito por intermédio desta folha, pela Srta. Leda Souza, filha do nosso diretor, encontrou o necessário e indispensável apoio. A mulher carazinhense não fugiu ao indeclinável dever ditado pelas circunstâncias e, com invulgar entusiasmo fundou a Cruz Vermelha de Carazinho. É mais uma viva e palpitante demonstração de que a guerra, provocada pelo vandalismo totalitário, veio encontrar o Brasil unido, coeso, formando uma

---

<sup>389</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.972, 08 jul., 1942. p.1

única força para defender a integridade a soberania nacional e formando uma só vontade.”<sup>390</sup>

Em 07 de setembro de 1942 Canuto fez um chamamento a todos, sem exclusão de ninguém, a somarem seus talentos e congregarem seus esforços em nome da vitória de sua pátria na guerra. Assim novamente se criou em consequência da cena internacional, uma cena de comoção local, no que tange as atrocidades alemãs.

“Reclamam a cooperação de todas as classes que formam o arcabouço de uma nacionalidade. As suas forças armadas, de terra, mar, e ar, perfeitamente equipadas, abundantemente municiadas e bem alimentadas, garantem a vitória no campo da luta. Mas a população civil, homens e mulheres, crianças e velhos, ricos e pobres, validos e inválidos todos são convocados para o serviço ativo, nas suas especialidades e de acordo com a capacidade de produção de cada um, para que a vitória possa coroar o esforço guerreiro de seus exércitos nos campos de batalha. Uma nação em guerra é uma nação mobilizada e que reclama de recurso eficiente de todos os seus filhos e de todos os seus recursos financeiros, sem exclusão de um só deles.”<sup>391</sup>

Em 21 de setembro de 1942, Canuto aparece apostando na fúria do inverno russo, como possível arma na derrota nazista. Ao apostar nesta perda na Europa, também inspirava o mesmo sentimento a nível local, pois a lógica a ser entendida era a de que o lado do mal precisava cair, para que o do bem triunfasse. Quer dizer, a guerra contra os alemães era sem trégua, na Europa e no Carazinho ao mesmo tempo.

“A ferocidade dos ataques cresce, porque sabe que a melhor arma russa aproxima-se de maneira vertiginosa. Ele é o espantinho de Hitler e suas tropas superiormente adestradas para lutar contra homens e máquinas não poderão suportar por muito tempo os rigores das grandes nevadas, que cobrirão de brancuras as estepes sem fim da Rússia. E na mesma proporção aumenta o ardor combativo dos bravos comandados de Timochenko, porque também sabem que o inverno virá em seu auxílio para o completo extermínio das hordas nefandas que invadiram a sua pátria. A bravura épica dessas tropas e desse bravo general da liberdade,

---

<sup>390</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.997, 02 set., 1942 p.1

<sup>391</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.999, 07 set., 1942 p.1

estão escrevendo o mais comovente drama dessa guerra medonha, que já atinge a todos os continentes.”<sup>392</sup>

Em 30 de setembro de 1942, Canuto acusou os japoneses de mentirosos, por terem afirmado que o Brasil estava perseguindo nipônicos em seu território. Alegou que isso era propaganda Eixista enganosa. Conforme Jungbeck, após o final de 1941 e do ataque japonês aos EUA, constatou-se que os periódicos começaram a atribuir maior importância ao chamado perigo amarelo ou nipônico, ou seja, dava-se mais espaço a reportagens que evidenciavam um receio direto de domínio do império japonês.<sup>393</sup>

Canuto em Carazinho não fugiu a regra, chegando a insinuar que no Brasil ainda não havia campo de concentração, quer dizer, se não tinha, poderia vir a ter, afinal este deveria ser o destino do Eixo, já que na Europa assim era feito com os Aliados.

“O Goebels nipônico berrou umas ameaçazinhas contra o Brasil, sob o pretexto de que nosso governo tirou os revolveres inofensivos que os súditos do Mikado tinham para sua segurança individual. Insinuou também que as autoridades brasileiras estão maltratando os espões nipônicos que infestam vários estados do Brasil, enviando-os para lugares insalubres. Ora, *todos sabem que no Brasil ainda não há campos de concentração de espécie alguma*. Logo isso é invencionice radiofônica de Tóquio que pretende desviar a tensão do povo japonês. Além disso, que autoridade tem essa gente que ataca cidades indefesas que massacra populações civis, incendeia hospitais e igrejas, que viola mulheres, e trucidada prisioneiros para falar em maus tratos?”<sup>394</sup>  
(grifo nosso)

Em 17 de julho de 1943, quando o nazismo vinha perdendo espaço, Canuto se dirigiu à população alertando para não amedrontarem-se, pois os quinta colonistas estavam alardeando sobre a ameaça comunista já que a Rússia estava entre as nações Aliadas. Pedia tranquilidade a todos e advertia que os quinta colonistas queriam na verdade era jogar uns contra os outros. O jornalista apareceu aqui, acatando aos imperativos do Estado, pois criticou a facção de Plínio Salgado, segmento que por ocasião da instauração do Estado Novo, havia feito um apoio salutar a Getúlio, mas que naquele momento parecia já não ser mais necessário.

---

<sup>392</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.1005, 21 set., 1942 p.1

<sup>393</sup> JUNGBECK, Op. Cit., p.46

<sup>394</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XII, n.1009, 30 set., 1942 p.1

“Aqui, no Brasil, a quinta-coluna continua a manobrar cinicamente, procurando lançar a confusão entre os brasileiros. Anda agora certo alemão a pregar contra o comunismo, prevenindo os brasileiros contra o perigo que nos ameaça, com a entrada dos soviéticos na Prússia Oriental. Esquecidos de que os assaltantes do Palácio do Cadete foram justamente os homens de Plínio Salgado, o Fuehrer brasileiro camouflado de camisa verde para ocultar seus sentimentos nazistas! Meu caro alemão, o Brasil está em guerra contra a Alemanha e não contra a Rússia, que se acha integrada entre as Nações Aliadas, combatendo o maior flagelo que já desabou sobre o mundo: o nazismo!”<sup>395</sup>

Conforme Spenthof o integralismo de Plínio Salgado promoveu uma tentativa de um golpe de Estado, quando assaltou o Palácio da Guanabara em 11 de maio de 1938, com objetivo de tomada de poder. Pois haviam vislumbrado em Getúlio a possibilidade de uma administração forte, o que segundo eles não aconteceu. Em represália, o governo federal considerou a AIB (Ação Integralista Brasileira) uma agremiação ilegal, onde chamou-a de ideologia importada, derivada do fascismo europeu. Na verdade, o governo agiu numa óptica de não permitir concorrentes na arregimentação de massas populares. A AIB agiu sob influência de sua frustração, diante de um governo no qual depositara esperanças de ver concretizado um Estado Integral. Com a entrada do Brasil na 2ª guerra em 1942, o Tribunal de Segurança Nacional passou a ser acionado intensivamente. Seus alvos eram integralistas brasileiros remanescentes e nazistas alemães acusados de espionagem.<sup>396</sup>

Em 28 de julho de 1943 Canuto, posicionou-se a favor das ponderações do sr. Manoelito de Ornelas<sup>397</sup>, representante autorizado do Governo do Estado, que na ocasião visitou Carazinho. Nessa mesma crônica, também repudiou alguns sujeitos carazinhenses, que em tudo anteviam ameaça comunista. Com certeza essa insinuação devia ter como endereço certo o grupo de Hillebrand.

“Manoelito é um representante autorizado do Governo do Estado e sua palavra reveste-se de um caráter todo especial, que só os maus

---

<sup>395</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n.1129, 17 de jul., 1943 p.1

<sup>396</sup> SPENTHOF, Op. Cit., p.72-79

<sup>397</sup> GERTZ, Op. Cit., p.123. Manoelito de Ornelas foi um dos muitos intelectuais que apoiaram o Estado Novo no RS. Assim, exerceu o cargo de diretor da Biblioteca Pública, depois diretor da Imprensa Oficial (Jornal do Estado), mais tarde diretor do DEIP(Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda)

intencionados procuram negar. Isso é reacionismo negativista, e campanha solapadora de nossa unidade espiritual, é quintacolonismo no duro.”<sup>398</sup>

Em 10 de setembro de 1943 observamos na crônica de Afonso, um clima de movimentação, que representávamos ter tomado conta da população de Carazinho, e isso foi justificável, pois referia-se ao início da queda do Eixo, a crônica noticiou sobre a rendição incondicional da Itália.

“Enorme massa popular ocorreu com entusiasmo e espontaneidade para aclamar ruidosamente o Governo Brasileiro e as Nações Unidas e aplaudir com calor os oradores que enalteceram o grande feito dos exércitos da Liberdade, renovando a sua confiança, a sua fé na vitória da Democracia, para a qual contribui de maneira destacada e ininterrupta a pátria que nos serviu de berço. Extinto o fascismo violento e arbitrário, desaparecida uma fase negra e vergonhosa da vida de uma nação, a Itália sacudiu o jugo dos dominadores nazi e num ressurgimento do espírito latino, vem lutar pela sua definitiva libertação aderindo as nações Unidas que defendem a civilização, que defendem a humanidade.”<sup>399</sup>

Quer dizer, se os italianos que a muito vinham apoiando a Alemanha, perceberam que não valia a pena continuar, da mesma forma deveriam essa lição compreender, os que ainda dispensavam alguma credibilidade por esse povo, no caso aqui, subentendia os carazinhenses e seu representante direto, Hillebrand.

Ainda na crônica de 10 de setembro de 1943 encontramos a indignação de Afonso Pedro, pelo fato de que haviam questionado a brasilidade de alguns carazinhenses e estes foram então, barrados da lista de oradores, durante os festejos da Semana da Pátria no município e dentre os nomes encontrava-se o do diretor do Jornal da Serra. Assim, Afonso demonstrou seu repúdio contra essa atitude do executivo.

“Circulam rumores e rumores intensos de que deliberadamente, por imposição, por exigência, foram barrados da lista de oradores durante os festejos da Semana da Pátria, elementos representativos da cidade que por mais de uma vez, deram o seu testemunho público da mais forte brasilidade. *Que motivos senão o rancor*

---

<sup>398</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n.1136, 28 de jul., 1943 p.1

<sup>399</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n.1.158, 10 set.,1943. p.1



*pessoal poderia ditar tão absurda atitude, incompatível com o entusiasmo cívico de cada um? Entre os nomes barrados, figura o do nosso diretor Canuto de Souza, figura tradicional na cidade, pela sua serenidade, pela sua altivez, pelo seu desassombro e pelo seu acendrado amor ao Brasil. Quem lhe pode negar uma intensa atividade patriótica, quem lhe pode atribuir sentimentos duvidosos de brasilidade? Ninguém, e muito menos quem exigiu seu afastamento da tribuna.”<sup>400</sup> (grifo nosso)*

Os discursos eloqüentes de Canuto e Afonso remexiam os alicerces das idéias políticas efervescentes no Carazinho do momento. Na crônica de 24 de novembro de 1943, o jornalista acusou os quinta colonistas de usarem-se da mesma perversidade das armas de Hitler, a traição, para conseguir suas vitórias. Essas acusações explicam-se, pois Canuto argumentou que alguns quinta colonistas usaram-se do anonimato para denunciar funcionários da polícia local e o jornalista repudiou esse fato com uma fúria inominável.

“Anonimato é como a arma secreta de Hitler: só foi poderosa e invencível, enquanto foi esgrimida contra nações fracas. No momento, porém, que teve que bater na couraça de aço de uma fortaleza granítica, a arma se desfez em estilhaços... É o que está acontecendo com uma carta anônima enviada a alta autoridade do Estado, denunciando vários funcionários da polícia desta cidade. Usar do anonimato para denunciar fatos inexistentes, nesta hora em que o Brasil reclama a unidade espiritual dos brasileiros, é sabotar o nosso esforço de guerra é lançar a confusão, é praticar um ato de quintacolonismo.”<sup>401</sup>

Nesta crônica poderia Canuto estar se referindo a figura de Alberto Velho de Souza, que era advogado e delegado de polícia na época,<sup>402</sup> como também membro afetivo da Loja Maçônica Honra e Trabalho.<sup>403</sup> Assinalamos que Canuto tinha em seu grupo pessoas estratégicas dentro da sociedade local, afinal naquele período de denunciamentos, era no mínimo bem oportuno ter a figura do delegado como aliado.

Durante a 2ª Guerra Mundial, o Chile e a Argentina somaram-se numa atitude de resistência ao domínio dos EUA na América do Sul. Na crônica de 06 de março de 1944

---

<sup>400</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIII, n.1.158, 10 set., 1943. p.1.

<sup>401</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n.1.186, 24 nov., 1943. p.1.

<sup>402</sup> CAVALHEIRO, Op. Cit. anexo 5-sujeitos envolvidos na política carazinhense: Pró-Canuto

<sup>403</sup> Conforme caderno de Atas de 19/07/39 a 12/11/46-Loja Maçônica Honra e Trabalho de Carazinho

Canuto apareceu condenando tal postura das nações vizinhas e defendeu eloquentemente aos EUA, tendo em vista que este país representava forte ameaça às forças alemãs.

“...a confusa política da Republica Argentina vem complicar-se ainda mais no seio das nações do continente americano, com a atitude do Chile, reconhecendo o governo do Gal Farrel e a declaração do subsecretário do Estado Ianque, interrompendo as relações entre os Estados Unidos e a república vizinha. Essas mudanças tumultuárias de governos nos países americanos neste momento grave em que toda a América se acha com as vistas voltadas para a imensa labareda que envolve o mundo, só podem perturbar a unidade que devia existir no continente de Colombo. A atitude dos Estados Unidos certamente vai determinar uma ação conjunta das demais nações, no sentido de levarem os países americanos a formarem um só e indestrutível bloco para o combate de extermínio ao nazismo sanguinário.”<sup>404</sup>

Continuando a melhor entender a identidade cultural nacionalista do lugar, buscamos novamente Guibernau, que nos faz pensar sobre como se dá a formação desse sentimento. Indivíduos são socializados e reunidos em um grupo localizado no espaço e no tempo. Valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas são transmitidos as novas gerações, que recebem a cultura de uma determinada sociedade, isso implica em um forte investimento emocional.<sup>405</sup>

Assim, podemos dizer que o indivíduo é educado a reconhecer essa cultura e o seu vínculo emocional de origem, é o fundamento dessa formação. Se por ventura, após receber esses imperativos culturais, o indivíduo não corresponder em sua prática, às expectativas de seu grupo de origem, com certeza este sujeito será recriminado e passará a não ser mais bem aceito, em decorrência de sua má atuação.

Então, é por meio desse mesmo sentimento de identidade e lealdade fortemente incutido na consciência de cada um, explicado pelo fator emocional envolvido, que o Estado age para conseguir as condutas necessárias a sua sustentação. É possível conferirmos isto na crônica de 28 de agosto de 1944, quando Afonso criou um sentimento de culpa na comunidade, por ter ficado ela alheia as comemorações ao 2º aniversário da

---

<sup>404</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV, n.1.229, 06 mar., 1944. p.1

<sup>405</sup> GUIBERNAU, Op. Cit., p. 85-86.

entrada do Brasil na Guerra. Relegou essa falha à inércia dos que deveriam liderar movimentação popular patriótica na cidade, mas não o fizeram.

Queria o jornalista na verdade com tais argumentos, levar todos a reconhecer a abstenção do executivo municipal diante de suas obrigações. Ao mesmo tempo, o povo carazinhense deveria observar a importância dos que foram insultados e chamados de arruaceiros na comuna.

A intenção era que todos notassem que como esses indivíduos resolveram não se envolver, naquele momento nada aconteceu, ficando Carazinho alheio a essa data significativa. Novamente reconhecemos aqui como o uso do emocional popular foi trabalhado naquele período de guerra, para legitimar as rixas políticas.

“Onde está esse Carazinho que ontem silenciou e não veio a praça pública para comemorar a grande data, transmitindo aos nossos soldados que lutam pela liberdade, a sua mensagem de estímulo, de confiança e de fé? Quem devia promover comícios ou sessões cívicas não se manifestou. Daí uma conclusão se impõe. A espontaneidade, o ardor, o entusiasmo das grandes manifestações cívicas de Carazinho permanece aos arruaceiros. *E ninguém foi à praça pública, provando-se assim que a iniciativa a eles pertencem. A quem cabe portanto, a culpa da indiferença de Carazinho no dia de ontem?*<sup>406</sup> (grifo nosso)

Em 16 de maio de 1945 Afonso comunicou que Carazinho prometia ter um Conselho Consultivo, constituído por elementos do comércio e da indústria, algo parecido com uma Câmara de Vereadores e portanto inédito, pois desde a constituição de 1937 não mais existia. Declarou abertamente que esperava que essa agremiação pudesse conseguir defender com presteza os interesses coletivos. No fundo, o que o jornalista realmente poderia estar querendo, era que tal segmento viesse a somar-se a ele nas cobranças dirigidas à administração pública e já aproveitou então para insinuar que se este grupo fosse inoperante, o bom motivo de sua criação estaria perdido.<sup>407</sup>

Essa situação comprova as palavras de Tedesco quando este nos diz, que as representações sociais alimentam-se de imaginários, organizam a apreensão do mundo

---

<sup>406</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XIV n.1.301, 28 agos., 1944. p. 1

<sup>407</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.407, 16 mai., 1945. p.2.

social como categorias, ao mesmo tempo em que produzem estratégias e práticas fundamentais na percepção e na apropriação do real.<sup>408</sup>

Nesta mesma crônica foi informado também *o findar da segunda guerra*. “Cessou na Europa uma das mais terríveis guerras de que a humanidade teve conhecimento. E, aos poucos, situações de emergência iriam desaparecer, voltando-se à normalidade. Época propícia portanto, para iniciar um fecundo período de atividades, solucionando definitivamente os problemas vitais de Carazinho.”<sup>409</sup> Assim entendemos o porquê nesta mesma crônica Canuto levantou a possibilidade do Conselho Consultivo, pois já que a guerra estava terminando, este precisava de novos argumentos para retaliar Hillebrand; então este Conselho poderia ser oportuno.

Podemos perceber que a 2ª Guerra Mundial trouxe possibilidades à Canuto de criar ataques diretos a seu grupo adversário. E este não exitou em fazê-los. Assim podemos afirmar que a guerra contra os alemães foi deflagrada em ambos os espaços, na Europa e em Carazinho ao mesmo tempo.

O que os cronistas queriam era estabelecer um sentido de que enquanto na Europa muitos morriam em consequência dos regimes totalitários, em Carazinho não era muito diferente, afinal tinham um prefeito imposto, que mantinha-se no poder por apadrinhamento. Sendo este, insensível às necessidades da população, população esta, que apelava efetivamente por seu afastamento, mas que não era ouvida, pois o prefeito havia se agarrado ao poder e deste não se desprendia.

Na verdade os cronistas buscaram criar um comparativo, onde palcos diferentes, o local e o internacional sofriam do mesmo mal, os alemães.

---

<sup>408</sup> CHARTIER, Op., Cit., p. 173-191

<sup>409</sup> Jornal da Serra, Carazinho, ano XV, n.1.407, 16 mai., 1945. p.2.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornal da Serra quando saiu de Passo Fundo em 1929, passou a assistir todos os últimos momentos que deflagraram a emancipação de Carazinho, tanto que ao vir para o município, nos seus primeiros números de publicação, fez uma homenagem aos personagens que mais se envolveram na luta pela causa, chegando a estampar a fotografia, de cada um deles.

Quando Canuto optou por fixar-se em Carazinho em 1930 já sabia que se tratava de um espaço em vias de emancipar-se, devido a seu grande desenvolvimento econômico advindo principalmente da exportação madeireira. O lugar estava em processo formativo enquanto município, conseqüentemente, não possuindo um jornal em circulação. Estas características, com certeza, somaram-se num forte atrativo à Canuto.

O jornalista acabou residindo apenas um ano em Passo Fundo, pois em 1929 saiu de Palmeira das Missões, na situação angustiante em que haviam atado fogo em seu hotel, possivelmente esse fato já podia ter sentido em relação a seus escritos no Jornal A Palmeira. Canuto sabia que em se tratando Passo Fundo de um lugar maior, o Jornal da Serra seria só mais um periódico em circulação, enquanto que em Carazinho poderia vir a conquistar forte presença e respeito nos rumos que iriam advir.

Logo que chegou, o Jornal da Serra apresentou-se mostrando boa vontade de servir e somar-se à classe conservadora do lugar, de forma a promover o engrandecimento daquele espaço.

Quando foi criado o município em 24 de janeiro de 1931, o jornal já circulava na comunidade, esperou com expectativas junto ao resto da população, para saber quem seria seu primeiro mandatário, que no caso foi Homero Guerra, pertencente ao PRR e homem de confiança de Flores da Cunha, onde havia inclusive entre eles laços parentescos. Este governou até 1934, quando então ocorreria nova mudança na cadeira prefeital.

Homero Guerra assumindo em 1933 a presidência do Sindicato do Mate em Porto Alegre, causou indignação em alguns carazinhenses, pela forma autoritária que demonstrou haver incorporado em 1935, ao apoiar Hillebrand para seu substituto. Alguns de seus antes correligionários revoltaram-se. Estes dissidentes uniram-se à Canuto e seu jornal, passando a desenvolver uma perseguição política bastante acirrada no lugar.

Canuto por sua vez, demonstrou desde o início que havia uma rixa de cunho particular com Hillebrand, talvez advinda ainda de suas idênticas funções de tabeliões. Pois o jornalista em várias crônicas deixou claro, que em sua opinião, como Hillebrand viera de uma procedência humilde, só conseguira penetração política, por possuir tivera o apadrinhamento de Homero.

Canuto talvez achasse que ele enquanto dono de um instrumento de comunicação, que demonstrava lutar cotidianamente pelo crescimento do lugar, mereceria maior espaço e consideração política. O que não veio acontecer com a opção de Homero, por Hillebrand para seu substituto, pois este decididamente não participava do grupo de simpatizantes de Canuto.

Na verdade Canuto era um ator político que fazia do jornal sua tribuna. Ao transferir-se para Carazinho, viu neste ambiente uma possibilidade de conquista de poder. No entanto os rumos dos acontecimentos gradativamente fugiam-lhe a esse fim. Então, o jornalista tratou de formar um segmento forte, que acabou crescendo e agregando novos sujeitos e através do jornal montou uma estrutura de resistência aos que lhe negavam maior influência.

Outro fato bastante polêmico, que deve ter aguçado a diferença entre Canuto e Hillebrand, foi à questão religiosa, onde um era maçom e o outro católico. Quer dizer, esses antagonismos não eram só pela briga de poder político, eles também tinham divergências ideológicas, realidade essa que criou fortes inconveniências durante as décadas de 30 e 40 e podemos dizer que transcenderam a ela.

Pelo fato do Jornal da Serra ser único no lugar de 1930 a 1942, teve este, um campo aberto de penetração ideológica, de forma a pesar bastante enquanto apoiador ou não de uma causa. Com certeza ter ele como adversário, trouxe muitos embaraços e constrangimentos à pessoa de Hillebrand e seus aliados.

Canuto por sua vez, foi um agente político respeitado em seu tempo, o fato de ter um jornal, legitimava suas funções de mostrar-se constantemente como um labutador das causas comunitária e sendo assim, pelas crônicas demonstradas, somou muito para que várias conquistas do lugar se efetivassem. Ao mesmo tempo em que fazia de seu discurso um instrumento de articulação política na busca de poder.

As formações imaginárias conduziram a um trabalho de sentidos que buscou a um único propósito fundamental, a difamação do então prefeito Hillebrand. O clima de desconfiança em relação ao elemento teuto-brasileiro, no decorrer da 2ª guerra mundial, somou-se a um rico quadro de possibilidades a serem utilizadas, a esse fim. Realidades estas, que ao mesmo tempo em que foram aqui estudadas, também permitiram criar alternativas de compreensão das categorias de região, política regional e nacionalismo. As palavras produzidas pelos cronistas quando se referiam a atuação dos vários teuto-brasileiros presentes no lugar eram brutais, possuidoras de uma pressão inestimável, pois colocavam em dúvida constante os sentimentos desses sujeitos, que não eram poucos no município. Na verdade o objetivo de Canuto, era atingir essencialmente Hillebrand e o padre João Sorg, ambos de origem alemã. A partir daí, várias tramas se construíram.

Os discursos acusatórios de traição e de toda sorte de adjetivos desqualificantes tinham endereço certo. O problema que daí advinha é que os descendentes de alemães que liam o jornal inflamavam-se contra Canuto. E aí as conseqüências saíam às avessas, ao invés de conquistar adeptos a sua causa de oposição a Hillebrand, talvez Canuto conseguisse era multiplicar antipatias gratuitas a sua pessoa.

Durante o auge do Estado Novo, o episódio das revistas alemãs no escritório de Hillebrand apreendidas pela polícia, bem como os comentários do padre Sorg que prometia excomungar as crianças que freqüentassem escolas públicas e conseqüentemente aprendessem à língua vernácula, ofereceram motivos aos jornalistas para ataque; também se estes não oferecessem, intrigas eram criadas, pois a meta era denegrir o segmento de Hillebrand, não importando de que forma.

Quando o grupo de Hillebrand tinha a possibilidade de revidar, também não se furtavam de fazê-lo. Canuto apareceu nas crônicas reclamando das afrontas recebidas, uma delas foi o sete de setembro, em que o jornalista havia sido barrado da lista de oradores, pois seu patriotismo teria sido colocado em questão; também nos comícios inflamados que se formaram decorrentes aos episódios da 2ª Guerra Mundial, Canuto e seu grupo foram chamados de arruaceiros.

Na verdade os comícios e movimentações diante das derrotas do Eixo, já era uma outra forma adotada por Canuto, de maneira a atingir Hillebrand, pois sabia ele que esta prática fazia denegrir ainda mais a situação dos teuto-brasileiros e por conseqüência, o

grupo de seus adversários. Os outros teutos que junto a estes viessem a sentir-se melindrados, que agüentassem as conseqüências, pois afinal, o Brasil estava em guerra contra eles e Canuto estava em guerra contra Hillebrand, na ilusão de que tudo se justificava, o jornalista, sem dó nem piedade esculachava os teuto-brasileiros, sem dar-lhes trégua.

Assim, observamos que a guerra ofereceu possibilidades para que Canuto ridicularizasse o segmento pró-Hillebrand. E este não as dispensou. Inclusive o jornalista fundou em Carazinho a Cruz Vermelha, de forma a mostrar solidariedade às vítimas dos alemães. Sua filha Leda, conforme as crônicas veio articular *essa patriótica ação*. Nos discursos seguidamente Canuto aparecia acusando Hillebrand de não importar-se com a efetivação dos comícios, fato este que na verdade vinha comprovar sua suspeita, de ser o prefeito um autêntico traidor da pátria brasileira.

Na verdade esta hostilidade aos teutos foi uma arma eficiente de que Canuto utilizou-se, para desconstruir Hillebrand e seu grupo perante a sociedade, já que diante dela, estes gozavam de reconhecimento e respeito.

Toda essa aversão ao prefeito, se justificou pois conforme Canuto, Hillebrand era a representação do PRL, partido de Flores da Cunha, que após o golpe de 1937 passou a ser entendido por Getúlio como ameaça a estabilidade do país. Representantes da Frente Única (PRR e PL) em Carazinho construíram a partir desse racha uma corrente de intrigas contra esse executivo e o Jornal da Serra personificou essa campanha.

Como a censura nas décadas de 30 e 40 atuou legitimamente, o nacionalismo transfigurou-se num adjetivo natural nos discursos jornalísticos em geral e do Jornal da Serra em particular, pois este incorporou realmente o getulismo ao atacar aos que chamava de floristas. A exaltação ao solo sagrado criava sentido nas escolas, nas associações, ou nos diversos segmentos da sociedade.

Na essência, a situação era a seguinte, ou o jornalista deixava-se levar pelas funções de protagonista e teórico do sistema, ou não haveria espaço para ele. Canuto e Afonso tinham total consciência dessa verdade, da mesma forma que ficou mais fácil para eles lidar com isso, já que haviam incorporado um discurso radical contra os floristas, o que os transformou em legitimadores do Estado. A realidade de Afonso Pedro ter sido um pseudônimo do médico Alfredo D`Amore, torna-se comprovação enfática do medo das



perseguições que envolveram o período. Pseudônimo este, que foi difícil de ser elucidado, pois nem mesmo a neta de Canuto sabia dele. Sinal de que foi uma informação restrita e necessária para a época. No entanto, depois de muitas buscas saltou essa possibilidade apontada por Bocorny, sujeito com laços familiares antigos no lugar e com proximidade a família de Canuto, veio então afirmar que Afonso Pedro foi o conhecido médico Alfredo D'Amore. Das entrevistas realizadas com pessoas contemporâneas a Canuto, nenhuma sabia de Afonso.

Numa perspectiva progressiva, as crônicas criaram situações e interpretações acerca do lugar, fomentando as instâncias de poder a tomarem decisões que viessem a consumir os objetivos do jornal a nível local. O fato da constante busca desse periódico de tentar afastar o prefeito municipal de suas funções legitimou essa prática. Como de fato isso veio acontecer, o quadro se tornou interessante, de forma a se poder avaliar como o poder informacional vem significando um elemento estratégico-chave nas estruturas estatais modernas, deixando este de ser apenas um aparato de formação cultural, para passar a incorporar um dos segmentos de maior peso sob os órgãos diretos de gestão política.

Em relação à questão envolvendo Hillebrand, constatamos que a variante nas crônicas dos dois jornalistas em estudo, foi o grau de intensidade das críticas a então administração. Canuto era mais radical em suas acusações, não poupando em suas palavras o jogo de cinismo e de sarcasmo. Enquanto que Afonso, legítimo colaborador na trama, talvez tenha sido menos fatídico e mordaz, mas não menos perspicaz no que realmente queria o jornal alcançar. Ambos os jornalistas declaram o prefeito incompetente e sugeriram seu imediato afastamento.

Analisando as crônicas, *Respingos* e *Cousas da Cidade*, compreendemos que Canuto criou ambas apostando numa forma de somar esforços na construção imaginária, que tinha como propósito principal, a campanha difamatória em relação à figura de Hillebrand.

Um outro fato a considerar, é que ao tentarmos analisar a regularidade das aparições das colunas de Canuto, podemos constatar que de 1930 a 1936 houve poucas intervenções de *Respingos*, sendo que nesse mesmo período, algumas vezes Canuto assinou sua participação em colunas diversas. Já de 1937 a 1938 os *Respingos* foram mais frequentes, bem como as colunas por ele assinadas. De 1939 a 1940 foram anos de pouca presença dos

escritos de Canuto, sendo que em 1941 se extinguiu completamente e em 1942 se verificou raríssimos *Respingos*. De 1943 á 1944 estes voltaram, sendo mais freqüentes e regulares e no ano de 1945, novamente quase desapareceram. Ao se tentar interpretar essa constância maior e menor das intervenções de Canuto, concluímos que no início da implantação do Estado Novo, sua participação foi contínua, no transcorrer do fechamento do período, de 1939 á 1942, pode ter ocorrido uma tentativa de talvez preservar sua figura, pois o teor de seus escritos sempre foram muito temperados. Então, em 1938 ele criou o *Cousas da Cidade* de Afonso Pedro, já talvez pensando nessa lógica de amenizar o tom das intervenções e continuar a regularidade do jornal. Essa possibilidade pode ser justificada, pois o *Cousas da Cidade* transcorreu aparecendo normalmente de 1938 a 1945 não demonstrando nenhuma oscilação, freqüente na capa de quase todas as edições do Jornal da Serra, esboçando um discurso menos intempestivo que o de seu criador. Então, se comparado com os *Respingos* de Canuto, podemos afirmar que pela maior constância do *Cousas da Cidade*, o olhar de Afonso Pedro foi mais presente durante o período do Estado Novo no município.

Os discursos mostraram que Canuto foi chamado judicialmente a prestar conta de suas ações, mas pelo que se observou dos episódios analisados sobre esse fato, foram questões de cunho local que o comprometeram, ou seja, outra vez a briga entre os dois grupos antagônicos, que até aos tribunais tiveram que recorrer. A conduta do jornalista nas crônicas, em relação à esfera de poder nacional foi sempre ileza e cuidadosamente preservada, pois este soube seguir um comportamento exímio impecável e isso não foi muito difícil, pois ao declarar guerra aberta aos floristas, o periódico tomou para si o varguismo, pelo menos até 1944, pois em 1945 o discurso mudou. Mas em linha geral, o Jornal da Serra exerceu um papel forte de sustentação em sua época, enquanto construtor de estratégias complexas, no qual esteve a serviço dos princípios políticos de seu dono e do Estado a quem se submeteu por opção.

Voltando a pensar na realidade política estudada, é importante analisarmos que a permanência de Hillebrand, um florista na prefeitura de Carazinho durante o Estado Novo, poder ser compreendida sob um amplo enfoque. Ele foi um bom administrador, o que contava muito para o que buscava se fazer no país durante esse período, a manutenção *da ordem e do progresso*, princípios positivistas que Hillebrand como um bom florista

conhecia muito bem. Com a morte de Daltro Filho em 1938, e a posse de Cordeiro de Farias na interventoria do Rio Grande do Sul, era fundamental a estabilidade governamental, então a permanência de Hillebrand podia estar dentro dessa lógica.

Outro fato importante a considerarmos, é que pareceu fazer parte da personalidade política de Getúlio, manter indivíduos de fidelidade duvidosa em cargos de poder, talvez como forma de controlá-los. Fez isso com Góes Monteiro, que articulou contra ele em 1934, então poderia tê-lo feito o mesmo com Hillebrand, pois não devemos esquecer que por trás de Hillebrand havia outros fortes, como Homero Guerra, que possuía laços parentescos com Flores da Cunha.

Quer dizer, foi um complexo jogo de interesses complicado de ser elucidado. Por fim, algo também de relevância e merece ser mencionado é que Hillebrand demonstrou grande capacidade de articulação política. Então, essas características somadas passaram a pesar fortemente na sua permanência frente à prefeitura de Carazinho.

Outro fato interessante a constatar é de ferrenhos inimigos poderem um dia, tornarem-se fortes aliados. O que veio a acontecer com Canuto e Homero, que passaram a ser correligionários na UDN pós-45. Já com a trajetória de Hillebrand e Canuto, não veio a proceder-se o mesmo, tornaram-se rivais políticos em 35 no período de sucessão do poder executivo em Carazinho, em 37 se agravou suas diferenças com o racha entre Getúlio e Flores. A partir daí os antagonismos se acentuaram e seus rumos nunca foram de convergência.

É importante considerarmos que Canuto passa a fazer oposição ao getulismo em 1945, talvez sob forte influência da maçonaria brasileira que também tomou essa posição, ao mesmo tempo, Hillebrand em Carazinho passa a ser o representante oficial do PTB de Getúlio. Quer dizer, no Estado Novo em 1937, Canuto era Getulista e Hillebrand era acusado de não ter aderido ao sistema. Em 1945 Canuto passa a fazer oposição a Getúlio, então Hillebrand passa a defendê-lo. Com isso certificamos que um consenso entre essas duas figuras nunca existiu e as rixas sempre se sustentavam. Talvez seja bem provável que Canuto tenha mudado sua posição política em função da mudança de Hillebrand, de ter se atrelado ao PTB, ou seja, Canuto podia não admitir estar na mesma agremiação política de Hillebrand e ponto final.

Assim, Albino Hillebrand e Getúlio Vargas passaram a ficar juntos pelo PTB. Como Eurico G. Dutra, o candidato de Getúlio, saiu vitorioso nas eleições a presidente da república em 1945, Hillebrand ficou fortalecido no lugar, então outras vezes voltou ao cargo de prefeito em Carazinho, falecendo em 1983, com 86 anos de idade. Canuto por sua vez, encerrou 1945 enfraquecido, já que seu candidato Eduardo Gomes representante da UDN, não teve a mesma sorte.

Enfim, a parcialidade do Jornal da Serra em relação ao segmento político de seu dono, nos primeiros anos de vida de Carazinho, mostrou que as diferenças, mesmo que fossem desgastantes e cruéis, como nesta trama entre Canuto e Hillebrand, puderam vir a contribuir de forma direta para a causa do bem comum, pois muitas obras no município ocorreram motivadas pelos confrontos entre ambos e assim, a partir destes resultados gerados, estas figuras passam a serem dignas de respeito e consideração.

Outro fator político importante á considerarmos e daí recorrente, foi em relação à elasticidade do tempo que abarcou toda essa questão de enfrentamento político, que ficou longe de ser um período de curta duração, daí resultaram quase quinze anos de trabalhos oposicionistas. Isso nos permite avaliar o quanto esse clima envolveu ou mesmo monopolizou grande parte das vidas daquelas pessoas.

É importante refletirmos um pouco mais em relação ao pseudônimo Afonso Pedro, pois ele pode trazer uma compreensão dentro de um contexto bastante interessante. Primeiramente é imperioso considerar que a prática de se criar pseudônimos nesse período pareceu ser bastante recorrível, haja vista que a figura de “Chico Lambança”, mostrada num dos episodio das crônicas, vem referenciar isso. Então, em relação a Afonso Pedro devemos admitir a hipótese já mencionada, de que os cronistas ainda guardavam certas restrições, ou medos em relação às formas de expressarem suas idéias sobre o varguismo. Isso é justificável, pois seguidamente o Jornal da Serra imprimia suas devidas licenças de regularização enviadas pelo DIP. Esta lógica podemos admitir, apesar de que quanto a isto, os cronistas deviam ter certa tranqüilidade, pois escreviam dentro de uma linha governista de 1930 a 1944, não só por obrigação, mas por opção. Ou talvez, o motivo desse pseudônimo seja mais profundo e não tão simplista como se imagina. É possível que esse Afonso Pedro criado, tenha pouco a ver com a óptica nacional e tudo a ver com a realidade das disputas do local.

Ocorre que o real escritor do *Cousas da Cidade*, pode talvez ter preferido maquiarse atrás desse pseudônimo, para amenizar-se das típicas perseguições daquele que incorpora o ser oposição em um governo. Sim, porque o fardo seria sem dúvida extremamente pesado e a pressão a que seria submetido lhe geraria com certeza toda a sorte de inconveniências. É provável então, que para livrar-se de situações sociais constrangedoras, Alfredo D'Amore tenha optado mostrar-se através de Afonso Pedro.

Alfredo D'Amore foi mesmo Afonso Pedro, essa verdade ficou comprovado quando das homenagens de Canuto aos seus colaboradores nas datas de aniversário do Jornal da Serra, a cada 11 de dezembro. Nestas passagens era referido abertamente Alfredo D'Ámore enquanto autor das crônicas *Cousas da Cidade*, quer dizer, o pseudônimo não era tão segredo assim, apesar do fato de que no transcorrer dos escritos jamais se teve comentários sobre isso. Desta forma, nas datas vitalícias eram feitos os devidos agradecimentos e depois esse detalhe se esvaziava para propositalmente cair no esquecimento.

E esse propósito se concretizou, pois em conversas com contemporâneos do lugar na época do Jornal da Serra, ninguém lembrou quem foi Afonso Pedro, quer dizer, esse personagem então se justificou e seu nome se perdeu no tempo. Mesmo porque também, ficaria meio estranho que um agitador político e de certa forma um criador polêmico de situações, que duvidam permanentemente das intenções das ações do então executivo e de todo o grupo a ele atrelado, incorporasse ao mesmo tempo a figura conhecida no lugar como o “Pai dos pobres”. Esses dois personagens se chocavam demais para coexistir, então um precisava cair no anonimato, que no caso foi a do político, que passou a incorporar na figura de Afonso Pedro.

A opção de perdurar o sujeito D'Amore se admite, pois esse agregava junto a si uma grande popularidade, a ponto dos carazinhenses formarem um mutirão e construírem uma casa para esse doutor, que de tão benevolente, não cobrava por suas consultas e que em consequência disso, não tinha nem onde morar. Quer dizer, a postura de caridade agregada à imagem desse sujeito foi indescritível e sobrevive ainda hoje no município.

A lógica disso tudo pode ser de fundamentação política e fazer parte de uma grande estratégia criada com propósito específico de sensibilizar a massa popular, ou seja, agregar simpatia e credibilidade a figura de Alfredo D'Amore.

No caso de um pleito eleitoral, possivelmente o apoio dele pesaria enormemente. Tal estigma criado em cima desse personagem D'Amore atravessou épocas, onde jamais foi posto em dúvida o carisma de bondade a ele agregado. Esse traço o imortalizou e atualmente no município ele é nome de escola, praça e de um Centro de Tradição Gaúcha, quer dizer, o motivo de sua criação teve o resultado a que se propôs.

Canuto que possivelmente foi o criador dessa figura, ou senão colaborador ativo dessa manobra toda, jamais chegou a ser prefeito em Carazinho, isso se este era um de seus objetivos, pois talvez gostasse mesmo de trabalhar nos bastidores do poder e beneficiar-se de suas conquistas indiretamente. Mas sem dúvida, foi outro personagem que marcou época, pela sua coragem e perseverança de lutar quase quinze anos contra um poder instituído, claro que este não estava sozinho, teve o a força da maçonaria por trás dele, no entanto, esta era uma força que não estava na vitrine, ao passo que Hillebrand apoiava-se na igreja, poder este que sempre apareceu, além de Homero, que foi condição decisiva.

Assim, não podemos deixar de avaliar aqui a capacidade imensurável de Canuto enquanto articulador político, onde os personagens de Alfredo D'Amore e/ ou Afonso Pedro passam a ser evidência dessa constatação, pois o significado dessas figuras passa a ter sentido, a partir do acirrado clima de disputas políticas que constituiu as décadas de 30 e 40 em Carazinho.

O estudo dessa trama política entre o segmento de Albino Hillebrand e de Astério Canuto de Souza nos faz pensar como são melindrosos os caminhos que conduzem ao poder. E o mais curioso disso, como a complexidade dessas articulações passam muitas vezes quase que totalmente despercebidas à massa de governados, que conseguem quando muito captar alguns fragmentos desse complicado jogo.

Então, é interessante considerar a amplitude que representam as elites políticas nos rumos de uma sociedade, pois ao tentarem trabalhar nos bastidores podem criar *Respingos* nos destinos de toda uma época. Agregam para si uma responsabilidade abundantemente significativa. Resta nos perguntarmos se os envolvidos ontem e de hoje, estão tendo consciência de tal dimensão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luciano Aronne de. *O Rio Grande estadonovista: interventores e interventorias*. São Leopoldo: Unisinos, 2005(tese de doutorado).

BARBOZA, Marialva. *Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades*. Anais do Colóquio História e Imprensa. Rio de Janeiro, 1997.

BOCORNY, Lio Guerra & GOMES, Odilo. *Carazinho Nossa Terra Nossa Gente*. Poesias e Apontamentos. Carazinho-RS, Janeiro/2006

Brasil, Ministério das Relações Exteriores, O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. V.1, p.I-II. Apud. CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. História da Política Exterior no Brasil. 2ª ed.Coleção: O Brasil e o Mundo. Ed.UnB, 1992.

BACZKO, Broislaw. *Los Imaginários sociais – memorias y esperanzas coletivas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991, p.8. Apud. ESPIG, p. 275.

CÂNEPA, M. *Partidos e representação política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul(1945-1965)*. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2005.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. Ed. Contexto da Universidade de São Paulo,1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os arautos do liberalismo*. Imprensa Paulista 1920-1945. Id. Brasiliense, 1989

CAVALHEIRO, Maria Eloísa. *Relações de Poder no Estado Novo: uma permanência sui generis-o caso Albino Hillebrand em Carazinho-RS*, Dissertação-Mestrado, UPF, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Repensando a construção do espaço*. Revista de História Regional. UEPG, v.3, n.1, 1998.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci(org). *Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil*. S.Paulo:EDUSP/Imprensa Oficial do Estado/FASESP, 2002, p.421-434.

CASTRO, Iná Elias de. *Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação*. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato(org.) *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997, 155-196

CASTRO, Iná Elias de. *Política e território: evidências da prática regionalista no Brasil*. Dados. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: v.32, n.3,1989, p.389-404.

CHARTIER, R. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, n.11, v.5, p.173-191, 1991.

COLUSSI, Eliane Lúcia. *Estado Novo e municipalismo gaúcho*. Passo Fundo. Ediupef. 1996.

ESPIG, Márcia Janete. *O uso da fonte jornalística no trabalho histórico: o caso do Contestado*. Estudos Ibero-americanos. Revista do Departamento de História: Pós-Graduação. PUCRS, v. XXIV, nº 2,1998.

FELIX, Loiva Otero. *A sistemática da distribuição regional do poder no RS na 1ª República*. Estudos Leopoldenses. V.32, n.146, março-abril,1996,p.89-99.

FONSECA. Pedro Ari Veríssimo. *Formação do Gaúcho*. Gráfica Editora: Diário da Manhã. Passo Fundo.1982.

GERTZ, René. E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade–Ufrgs,1991.

GERTZ, René. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo. Ed. UPF, 2005.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos*. O Estado nacional e o nacionalismo no séc.XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, cap.2 e 3.



JORNAL DA SERRA, Carazinho/RS, 1930-1945.

JUNGBECK, Benhur. Perigo Eminente: A Segunda Guerra Mundial na Leitura da Imprensa Passo-fundense. Dissertação-Mestrado, UPF. 2005.

LAGE, Nilson. *Ideologia e Técnica da notícia*. Ed. Vozes Ltda. Rio de Janeiro.1979.

MORAES, Antonio Carlos Roberto. *Território e História no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2002

MORAES, Antonio Carlos Roberto. *Ideologias Geográficas*. São Paulo: Hucitec, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP:Pontes, 4ª edição, 2002.

OLIVEN, Ruben G. *Nação e região na identidade brasileira*. In Zarur, George de Cerqueira Leite(org). *Região e nação na América Latina*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p.65-80.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. Rev. Bras. de Hist., v. 15, nº 29 p.9-27, S. Paulo, 1995.

RÉMOND, René.(org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

SODRÉ, Muniz. O *ethos* midiaticizado *Antropologia do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.11-82

SODRÉ, Muniz. *Uma teoria da comunicação linear em rede*. *Antropologia do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002, p.221-259.

SPENTHOF, Odair José. *Nacionalização, resistência e adaptação. Os alemães em Passo Fundo e Carazinho durante o Estado Novo.*Dissertação-Mestrado,UPF, 2002.

TEDESCO, J. C. *Nas cercanias da memória. Caxias do Sul/ Passo Fundo: Educs/UPF Editora, 2004.p.27.*

THOMPSON. John B. *Ideologia e Cultura Moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Ed. Vozes, RJ, 1995.*

TRINDADE, H., NOLL, I. *Rio Grande da América do Sul: partidos e eleições(1823-1990).* Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1991.

VARGAS, Álvaro Rocha. *Do Caapi ao Carazinho: notas sobre 300 anos de história (1631-1931),*1980.

VISCARDI, Claudia M. R. *História, região e poder: a busca de interfaces metodológicas.* Locus: revista de história. Juiz de Fora, v.3,n.1,p.84-97.

ZICMAN, Renée Barata. *História Através da Imprensa - Algumas Considerações Metodológicas.* Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História. PUC-SP, nº 4, junho 1985.

WENTZ, Liliane Irmã Mattje. *Madeireiros na região norte do Rio Grande do Sul: perfil socioeconômico e articulações de classe.(1902-1950).* Dissertação-Mestrado, UPF,2004.

## ENTREVISTAS REALIZADAS

PAIVA, Maria Aparecida Souza de. Entrevista concedida à Raquel Sawoff, em 23 de setembro de 2006.

SILVA, Antônio Ferreira da. Entrevista concedida à Raquel Sawoff, em 26 de setembro de 2006.

MICHELINI, Américo. Entrevista concedida à Raquel Sawoff, em 26 de setembro de 2006.

BARLEZE, Romeu. Entrevista concedida à Raquel Sawoff, em 03 de fevereiro de 2007.

SPERRY, José Nevtton Vieira. Entrevista concedida à Raquel Sawoff, em 07 de junho de 2007.

## LISTA DE ABREVIATURAS

PRR	-	Partido Republicano Riograndense
PRL	-	Partido Republicano Liberal
PL	-	Partido Libertador
FUG	-	Frente Única Gaúcha
AIB	-	Aliança Integralista Brasileira
ANL	-	Aliança Nacional Libertadora
DL	-	Dissidência Liberal
DIP	-	Departamento de Imprensa e Propaganda
PSD	-	Partido Social Democrático
PTB	-	Partido Trabalhista Brasileiro
UDN	-	União Democrática Nacional

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa geopolítico de P. Fundo, de 1929.....	29
Figura 02 - Local que funcionou o Jornal da Serra em Carazinho.....	35
Figura 03 - Foto do Casal.....	59
Figura 04 - Prédio do 1º Tabelionato de Canuto.....	64